MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA
Campus Universitário Ministro Petrônio Portela – Bairro Ininga
CEP 64.049-550 Teresina - PI Fone/Fax: (86) 32371134
E-mail: ppgfil@ufpi.edu.br

ROGÉRIO SOUSA SODRÉ

EDMUND HUSSERL E A CRISE NA MODERNIDADE CIENTÍFICA

Teresina
2022

Digitalizado com CamScanner

ROGÉRIO SOUSA SODRÉ

EDMUND HUSSERL E A CRISE NA MODERNIDADE CIENTÍFICA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia – PPGFIL da Universidade Federal do Piauí – UFPI, na Linha de pesquisa: Linguagem, Conhecimento e Mundo, como requisito para obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Gustavo Silvano Batista.

Teresina

2022

Digitalizado com CamScanner

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas e Letras
Serviço de Processos Técnicos

S679e Sodré, Rogério Sousa.
Edmund Husserl e a crise na modernidade científica / Rogério Sousa Sodré. -- 2022.
136 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Piauí, Centro de Ciências Humanas e Letras, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Teresina, 2022.
"Orientador: Prof. Dr. Gustavo Silvano Batista."

1. Filosofia fenomenológica. 2. Atitude natural. 3. Refundação da ciência. 4. Husserl, Edmund, 1859-1938. I. Batista, Gustavo Silvano. II. Título.

CDD 142.7

Bibliotecária: Thais Vieira de Sousa Trindade - CRB3/1282

Digitalizado com CamScanner

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA
Campus Universitário Ministro Petrônio Portela – Bairro Ininga
CEP 64.049-550 – Teresina - PI Fone/Fax: (86) 3237-1134

ATA Nº 02/2022

ATA DA SESSÃO DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM FILOSOFIA, REALIZADA EM 30/06/2022.

Aos trinta dias do mês de junho de 2022, às 09h:10min, por Videoconferência, via plataforma Google meet reuniu-se em sessão pública a Banca examinadora da Dissertação de Mestrado intitulada **"EDMUND HUSSERL E A CRISE NA MODERNIDADE CIENTÍFICA"**, de Rogério Sousa Sodré, candidato ao título de MESTRE EM FILOSOFIA. A Banca examinadora foi constituída pelos Professores Doutores: **Gustavo Silvano Batista (Presidente), Maurício Fernandes da Silva (Examinador Interno do Programa), Eduardo Jose Marandola Júnior (Examinador Externo ao Programa).** A sessão foi aberta pelo Presidente que deu início aos trabalhos convidando o candidato a fazer breve exposição sobre a Dissertação em julgamento, concedendo-lhe para isto o tempo máximo de trinta minutos. Findada a exposição, o Presidente passou a palavra aos membros da Banca Examinadora, esclarecendo que cada um dispunha de até trinta minutos para a arguição e o Candidato do mesmo tempo para respectivas respostas. A arguição foi iniciada pelo Professor Dr. Eduardo José Marandola Júnior seguindo-se a este a Professor Dr. Maurício Fernandes da Silva e, finalizando, o Professor Dr. Gustavo Silvano Batista, orientador da Dissertação. O mestrando respondeu a todos os questionamentos. A seguir, a Banca Examinadora pediu que os presentes se retirassem da sala virtual para que a Banca analisasse e decidisse sobre a Dissertação apresentada. Em seguida, os examinadores deram conhecimento do julgamento para o público presente. O Senhor Presidente comunicou que a Banca Examinadora considerou a dissertação APROVADA. O Presidente congratulou-se com o Candidato, agradeceu a presença de todos e encerrou a sessão às 11h07 min. E para constar, foi lavrada a presente ata que, lida e aprovada, foi assinada por todos os membros da Banca Examinadora.

Teresina, 30 de junho de 2022

Prof. Dr. Gustavo Silvano Batista (UFPI/PPGFIL)
Orientador

Prof. Dr. Eduardo José Marandola Júnior (UNICAMP)
Examinador Externo ao Programa

Prof. Dr. Maurício Fernandes da Silva(UFPI/PPGFIL)
Examinador Interno do Programa

Digitalizado com CamScanner

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus.

Ao meu orientador do mestrado Prof. Dr. Gustavo Silvano Batista, por ter acreditado em mim e ter tido paciência e me apoiado em vários momentos. Sou muito grato pelo modo singelo que conduziu minhas indagações iniciais, apontando as fronteiras e intersecções que sugiram pelo caminho, auxiliando para que pudesse dar um caráter fenomenológico ao trabalho, espero ter chegado perto. A sua valiosa orientação, para minha formação, irei levar para a vida.

Às minhas duas mães, Maria Evandra e Raimunda Beatriz, por tudo. Sem elas não teria chegado. Esta dissertação é dedicada a elas.

Ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia, pelo profissionalismo e qualidade na pesquisa.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, que proporcionou recursos financeiros para o bom êxito da pesquisa.

Aos colegas que cultivei durante este caminho: Paulo Pereira, um verdadeiro pai, Karla, que sempre me escutou nos mais diferentes momentos da pesquisa, à minha amiga Maria, pelo apoio e incentivo, à Alberto Pinheiro amigo desde os tempos de seminário, que fora um verdadeiro irmão.

À minha noiva, Maria Bárbara, agradeço pelas longas e valiosas conversas filosóficas. Não tenho palavras para dizer o quanto aprendi com ela. Sei o quanto sou feliz por encontrar, nesta mesma pessoa, alguém cujo conselho e julgamento, humor e visão muito corajosa eu admiro tanto, e que é também o amor da minha vida.

Digitalizado com CamScanner

Na urgência da nossa vida – ouvimos – esta ciência nada tem a nos dizer. Ela exclui de um modo inicial justamente as questões que, para os homens nos nossos desafortunados tempos, abandonados às mais fatídicas revoluções, são as questões prementes: as questões acerca do sentido ou ausência de sentido de toda esta existência humana.

(E. Husserl)

A ciência não é somente compatível com a espiritualidade; ela é uma fonte profunda de espiritualidade.

(C. Sagan)

Digitalizado com CamScanner

RESUMO

Esta pesquisa mensura os efeitos da crise nas ciências nas obras Edmund Husserl (1858-1938) que versam sobre esta problemática, seus principais impactos e desdobramentos na comunidade científica e filosófica em que o pensador em questão se encontrava, tendo como objetivo o diagnóstico da crise e a superação por mediação da fenomenologia husserliana enquanto ciência de rigor, tendo em vista o esquecimento do mundo da vida (*Lebenswelt*) pelas ciências e pela filosofia de seu tempo. Estes aspectos, são refletidos sob uma perspectiva de renovação e resgate científico, pois a atitude natural adentrou em todos os âmbitos da cultura, levando a um verdadeiro desencontro teleológico. Assim, esta pesquisa reflete acerca da crise nas ciências e a fenomenologia como via de superação da perda de sentido existencial, pois a cultura identificada por Husserl é a própria ciência e a filosofia que perderam a dimensão do mundo que circunda o ser humano e neste meio a sua visão de mundo que não está delimitado como apenas um instante, mas sim, de um Ser que detém um retorno às coisas mesmas. Nosso objetivo aqui é delinear a estreita relação entre crise e filosofia, entre sua gênese e sua superação. Em linhas gerais, podemos afirmar que, para Husserl, a crise que se estabelece é uma crise dos próprios fundamentos da ciência e da cultura europeia, presente essencialmente, no método das ciências positivas e seu domínio o que gerou uma contínua fragmentação do conhecimento e do sujeito.

Palavras-chave: Atitude Natural. Filosofia Fenomenológica. Refundação da Ciência.

Digitalizado com CamScanner

ABSTRACT

This research measures the effects of the crisis in the sciences in the works of Edmund Husserl (1858-1938) that deal with this problem, its main impacts and unfoldings in the scientific and philosophical community in which the thinker in question found himself. These aspects are reflected upon under a perspective of scientific renewal and rescue, since the natural attitude has penetrated all spheres of culture, leading to a true teleological mismatch. Thus, this research reflects on the crisis in the sciences and phenomenology as a way to overcome the loss of existential meaning, since the culture identified by Husserl is science and philosophy themselves, which have lost the dimension of the world that surrounds human beings and, in this way, their vision of the world that is not delimited as just an instant, but rather, of a Being that holds a return to the things themselves. Our goal here is to delineate the close relationship between crisis and philosophy, between its genesis and its overcoming. In general terms, we can state that, for Husserl, the crisis that is being established is a crisis of the very foundations of European science and culture, essentially present in the method of positive sciences and its domination, which generated a continuous fragmentation of knowledge and of the subject.

Keywords: Natural atitude. Phenomenological philosophy. Refoundation of Science.

Digitalizado com CamScanner

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 8

2 O HORIZONTE DA CRISE NAS CIÊNCIAS 13

2.1 A gênese da crise nas ciências: panorama filosófico. 13

2.2 A crítica husserliana às ciências positivas. 19

2.3 A crise das ciências como diagnóstico de perda dos fundamentos 26

2.4 *Lebenswelt* e a validade das ciências positivas para a humanidade europeia 33

3 O PAPEL DA FILOSOFIA ANTE A CRISE 44

3.1 Critica Fenomenológica às Ciências positivas 44

3.2 Crise e esquecimento: relação entre crise e filosofia. 63

3.2.1 A crise do pensamento filosófico moderno 66

3.2.2 O esquecimento do valor epistemológico da Filosofia 68

3.3 O método husserliano como tentativa de refundação. 77

3.4. Renovação cultural: o novo panorama "fenomenológico" das Ciências. 90

4 FILOSOFIA TRANSCENDENTAL COMO VIA DE REFUNDAÇÃO DAS CIÊNCIAS 97

4.1 O horizonte fenomenológico husserliano das ciências 98

4.2 Filosofia fenomenológica como ciência de rigor. 108

4.3 A fenomenologia e sua validade para as Ciências. 116

5 CONCLUSÃO 128

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 133

Digitalizado com CamScanner

1 INTRODUÇÃO

A investigação sobre a crise das ciências e de sua possível refundação, sob a base reflexiva da filosofia fenomenológica, pode ser dividida em dois aspectos que em potência irão auxiliar na compreensão dos desdobramentos da perda de sentido das ciências na modernidade, a saber: a) a importância do diagnóstico da crise, que surgiu com o desenvolvimento das ciências positivas, tendo em vista a forma pela qual estas inseriram-se tanto no mundo das ciências como também na cultura, esquecendo-se do aspecto *teleológico* acerca da existência da vida humana, a tratando de forma instrumentalizada. Isto entra em discussão, pois trata-se de lidar com o modo como o conhecimento se desenvolve na modernidade, ou seja, seus desdobramentos modernos, sua cientificidade; b) O que Husserl pretende com sua fenomenologia é fazer dela uma via, um caminho que seja a base para o desenvolvimento de uma nova teoria do conhecimento. Entretanto, como barreira para esta nova forma de pensar epistemologicamente está a atitude natural[1] que adentrou na cultura e nas formas de pensar.

Assim, o objetivo de Husserl não é elaborar uma noção própria de ciência, mas em seu percurso reflexivo, fazer uma crítica às ciências de seu tempo; e o objetivo desta crítica é fazer com que a ciência retorne ao seu *telos* original, um retorno à sua natureza. Husserl não descarta a importância da aplicação que a ciência trouxe para as coisas no mundo e para a humanidade, trazendo o indubitável crescimento em todos os âmbitos da realidade. Desse modo, as ciências seriam ou deveriam ser a resposta para as questões mais elementares, não só dos objetos mundanos como também, da condição humana em sentido último para sua existência.

Entretanto, ao voltar-se para as ciências, percebe-se que há uma falta e perda de fundamentos que eram característicos do conhecimento científico de outrora, mas que agora, tem em seu âmago uma atitude natural acerca das coisas, uma positividade que desconsiderou todas as noções transcendentais. Neste mesmo caminho estava a filosofia, que não era mais àquela que servira para a construção e fundamento do conhecimento, mas que ficou detida

---

[1] Em Ideias II §11, Husserl fala de "atitude científica-natural". Ele introduz o termo "atitude natural" na impressão de *Ideias I* §§ 27-31 (mas isto foi discutido antes, i.e, seu ***A ideia da fenomenologia*** de 1907). A atitude natural é o normal, cotidiano da atitude humana. A "atitude natural" é a "atitude da vida mundana". Na atitude natural a atenção está virada em direção as coisas dadas qualquer que seja nas maneiras que elas são dadas, em um modo de acepção. A atitude natural de vida ingênua no mundo é contrastada com uma atitude cética (que para Husserl caracteriza a **atitude filosófica**) as questões da existência do mundo. A atitude natural é a atitude "original" da vida humana no mundo[...]. A "tese geral" é uma geral, inquestionável aceitação do mundo e todas as coisas (MORAN, Dermot. COHEN, Joseph. **The Husserl Dictionary**. Continuun philosophy dictionaries, New York, 2012. Tradução nossa).

Digitalizado com CamScanner

apenas numa dimensão imposta por esta guinada das ciências positivas e que também já carregava traços delas, algo que Husserl parte de um dos pressupostos que é o resgate da filosofia.

Para Husserl, a perda de sentido trazido pelas ciências positivas sob a via da atitude natural é um verdadeiro distanciamento das ciências do aspecto da humanidade, ou seja, cada vez que a instrumentalização e a objetivação da realidade se reafirmam, cada vez mais as ciências ficam fora da realidade circundante da existência humana, e nisto até mesmo a cultura sofre com esta noção, pois é na cultura que a crise se efetivará. Antes de tudo, a cultura, nela é que se dá a crise, pois a crítica de Husserl não se direciona apenas a uma ciência.

Esta perspectiva puramente natural abdica de uma visão de reflexão interpretativa, e adere a um horizonte explicativo expresso por aspectos da experiência. As ciências deveriam buscar uma clarificação fundamental, algo que a filosofia transcendental poderia ser a via de acesso e de investigação que garantiria a clarificação tanto dos termos científicos, como também sua utilidade enquanto perspectiva de constituição de uma humanidade que não se resumiria a fatos, mas a um retorno às essências, às coisas mesmas.

Sob a reflexão epistemológica, a filosofia de Husserl é ciência de rigor, diferente das filosofias de sua época em que estavam marcadas por um "irracionalismo" e ceticismo. Dessa forma, há uma clara distinção entre ciência positiva e filosofia, pois enquanto a primeira explica e mensura o mundo de maneira objetiva sob uma atitude natural, a segunda trata dos fundamentos, das perspectivas de possibilidade do conhecimento mediado pela reflexão, pela interpretação e pela construção rigorosa de uma via que investigue a verdade. Portanto, livre de pressupostos ingênuos o pensador em questão cria um método que mesmo não chegando a concluí-lo poderá subsumir àquilo que pode ser o entrave na discussão cientifico-filosófico para o homem, ou seja, sua existência e seu *telos*.

A perspectiva da descrição, de uma verdadeira avaliação minuciosa e da renovação da ideia de ciência, leva Husserl a criticar e criar uma via rigorosa com os devidos fundamentos. Isto posto, o objetivo do presente trabalho é investigar pelo método analítico-hermenêutico as nuances que levaram a crise nas ciências europeias como um grande descompasso em relação à ideia de progresso e o modo de refletir o mundo, o homem e a cultura. Neste sentido, Husserl está "preocupado" não com os fundamentos ou métodos das ciências, mas sim sob o modo de interpretar a ciência tal como ela passou a ser pensada pelos filósofos e cientistas de sua época. Assim sendo, nosso percurso partirá do momento em que o sintoma da crise surgiu, e como

Digitalizado com CamScanner

Husserl a diagnostica para tentar chegar a uma renovação sob os aspectos de refundação da ideia de ciência em sua essência para a humanidade europeia.

Com isso, a fenomenologia husserliana, é a autêntica ciência de rigor, sob os aspectos de sua metodologia, busca as resoluções para a superação da crise, que estava nos seios das ciências, como também da filosofia. Ao perceber isto, Husserl dedica parte de sua obra ao processo de refundação e renovação das ciências, ele não muda a estrutura epistemológica, mas ressignifica. Deste modo, Husserl, delineia que a crise se deu por questões de ordem prática e que não conseguiram ser o que se propunham para a humanidade, dando à filosofia uma tarefa que não cabia a ela; com isso, é por meio da filosofia que, a resolução de problemáticas antigas e novas serão pensadas e resolvidas ou como no nosso caso, conduzirá a uma via para resolução e esclarecimento de determinada situação conflitante.

Houve uma distinção entre ciências naturais e ciências do espírito, também chamadas de ciências humanas. Essa distinção tem como principal questão o que é ciência, a partir do conhecimento que a ciência produz. A perspectiva em que Husserl traz é a participação de ambas concepções em uma forma única de busca de conhecimento, em que não há pontos conflitantes, mas complementação teórica e prática. É a noção de construção de conhecimento justificado sob o fundamento da via fenomenológica, que diferente do que fizera Descartes no século XVII, em que deu ao *cogito* total independência, em Husserl tudo inclusive a consciência, deve ser levada a dúvida, e neste processo de ressignificar as coisas dando o devido suporte epistemológico, seja na dimensão do que se tem na cotidianidade, e também, do processo do conhecimento.

Assim, percebe-se que, o modelo de cientificidade em Husserl, equipara-se a matemática, com todo seu rigorismo e abertura lógica racional. Uma autêntica ciência deve buscar justificativas teóricas para suas formas de difundir ideias e fomentar desenvolvimento de determinada área. Contudo, é mister perceber em que momento se dá a perspectiva de mudança e o que pode levar a disparidades sejam ela teóricas ou práticas para o homem moderno, pois uma ciência e uma filosofia distante da humanidade, não poderá desenvolver a principal tarefa de dar à humanidade a noção de progresso do conhecimento.

Algo que no decorrer na história foi se perfazendo, adquirindo importância em diferentes momentos, desde a antiguidade, perpassando pelo medievo, desembocando na modernidade e chegando aos dias atuais, com mais e significativos problemas a serem resolvidos, acerca do conhecimento, das ciências, da vida humana e do ideal de vida

Digitalizado com CamScanner

confortável. A crise nada mais é do que a falta ou até mesmo a perda de fundamentos, que não deram para o ser humano, um sentido ultimo à sua existência.

Dessa forma, nossa investigação se desenvolverá subdividida em três momentos, o primeiro, a saber, *O horizonte da crise das Ciências*, em que delineamos os motivos que levaram a cultura europeia a chegar nesta crise de fundamentos e da cultura, explicitar de que maneira as ciências positivas, acabaram por conduzir a humanidade a perder o sentido ultimo do propósito da existência, e neste ínterim, perceber como as demais ciências estavam embebidas pela atitude natural, inclusive a filosofia. Trazer para a reflexão o mundo da vida, que é o suprassumo das ideias de Husserl acerca da superação da crise, e de que forma a humanidade está colocada nesta perspectiva.

O segundo momento, *O papel da filosofia ante a crise*, demonstraremos a crítica husserliana às ciências positivas na sua falha em dar a resolução definitiva às questões mais essenciais do homem moderno, e acima de tudo, o resgate da filosofia como fundamento do conhecimento refletindo uma via que poderá levar a saída da crise das ciências e constituir um horizonte totalmente novo e renovado, seja sob o âmbito das ciências humanas, como também nas ciências naturais, com um método e via de refundação e renovação da cultura europeia, assim, este caminho seria a via fenomenológica, mesmo não sendo um percurso terminado é essencial em Husserl, entender que a fenomenologia é um método crítico para a filosofia no momento da emergência da ciência moderna.

E na última parte de nosso estudo, será discutido acerca da *Filosofia transcendental como via de refundação das ciências*, dessa forma, trazendo como meio interpretativo a noção de filosofia como ciência rigorosa, em que os fundamentos estão no retorno às essências. Assim sendo, a via husserliana traça um novo panorama para a história da filosofia e resgata o valor fundante filosófico para as ciências, como razão que não se limita ao mundo natural no sentido de explicá-lo somente, mas sob um modo de pensar a realidade transcendendo-o. Isto efetiva-se em um aspecto que somente a filosofia pode dispor, a interpretação sob o horizonte tanto das ciências, como da filosofia.

Desse modo, será explicitado no presente trabalho esta perspectiva da perda de sentido e significado ante as ciências e a filosofia perante uma humanidade cada vez mais mergulhada no ideal positivo. Assim, ao delinear nossa problemática, discutiremos a noção de crise em Husserl, o que significa esta crise e quais suas implicações práticas e teóricas; juntamente à

Digitalizado com CamScanner

ótica da sobrevivência da filosofia diante das revoluções científicas da modernidade e neste meio, a validade da filosofia para todo o progresso epistêmico humano.

Sob este aspecto é imperativo a análise do que se entende por ciência positiva e seu caráter objetivo, e de que maneira Husserl interpõe a fenomenologia neste caráter de ciência de rigor como forma de superação do esquecimento da razão e de uma forma de via de refundação do critério avaliativo do conhecimento, intercalando neste percurso, a visão de mundo em que se encontrava. Ao mesmo tempo trataremos sobre o contexto atual, a situação das ciências e do cientista na dimensão do fim ultimo da humanidade e seu significado perante as transformações do mundo.

Digitalizado com CamScanner

2 O HORIZONTE DA CRISE NAS CIÊNCIAS

2.1 A gênese da crise nas ciências: panorama filosófico.

Na tradição filosófica ocidental e, posteriormente, nos desdobramentos da cultura científica moderna, onde se encontram as bases do pensamento da humanidade europeia, a crítica do fundamento do conhecimento fora crucial para elaborar sistemas e métodos que reorganizaram a cultura, a sociedade e as ciências. Neste meio, as bases do conhecimento eram essenciais para se fazer ciência, seja em sua vertente espiritual ou teórica ou, em um modo mais conhecido, o método empírico de investigação científica da natureza. Assim, a humanidade torna-se, ao decorrer do tempo, cada vez mais, dependente de uma cientificidade objetiva, sem o significado efetivo para a existência humana. Com a gênese das ciências positivas, abre-se para o fazer científico uma perspectiva propicia a fragmentações, com desdobramentos muitas vezes limítrofes.

O caráter teórico do método científico moderno oferece às ciências positivas um esboço do problema central do que ocorre no mundo, a saber, o de reduzir todos os fatos, físicos ou psíquicos, à mera naturalização. Com este propósito, surge como consequência a atitude natural, dando por sua vez origem ao *psicologismo*, que cresceu com as ciências positivas, ocasionando dessa forma, uma ótica de um caráter epistêmico ingênuo. Portanto, com esta noção de realidade, desenvolveram-se pressupostos que se tornarão contrassensos teóricos; uma espécie de ingenuidade epistêmica e, por fim, o problema dos fundamentos. O que gerou uma redução do homem e do mundo a fatos somente. Tal modo de pensar a questão da ciência e seus desdobramentos na cultura europeia encontra em Edmund Husserl uma problematização ideal.

Edmund Husserl assevera em seu percurso filosófico e, mais especificamente, em seus trabalhos finais, uma análise da condição das ciências, especialmente relacionada ao modo como a filosofia fora cada vez deixada à periferia do problema. Partindo do ideal das ciências positivas[2], herança da filosofia moderna, apenas as ciências seriam o instrumento último para

---

[2] As ciências positivas trabalham a partir da estrutura do método científico moderno, especificamente a partir de experimentos que possam provar sua hipótese. Esta estruturação mostrou-se cada vez mais distante da ideia de existência para a humanidade, inserindo-se veementemente na cultura e nas formas de fazer filosofia. Isto como forma nociva para o pensamento fez com que Husserl, questionasse a validade das ciências positivas e sua ação no mundo da existência humana, tendo em vista que o processo epistemológico positivo adere apenas a uma única forma de pensar, a instrumentalização objetiva do mundo. Este objetivismo é fruto das ciências positivas e que, ao mesmo tempo, partem da mesma estrutura representativa básica entre sujeito-objeto. O conhecimento diante da perspectiva da atitude natural, gerando o psicologismo, seria uma impossibilidade do sujeito conhecer, caindo dessa forma no relativismo cético que é a crença na impossibilidade do sujeito chegar a uma verdade objetiva,

Digitalizado com CamScanner

lidar com a condição do homem no mundo, com suas estruturas existenciais, teóricas e práticas. Com isso, mesmo lidando criticamente com a cientificidade positiva, "[...] a crítica de Husserl se estende à filosofia moderna que, embora se chame filosofia da subjetividade, nunca se perguntou sobre o verdadeiro sentido do subjetivo" (OLIVEIRA, 2012, p. 18). Ou seja, lidar com a ciência moderna e sua crise significa também lidar criticamente com um modelo de racionalidade (ou subjetividade) que precisa ser revista, repensada, tanto do ponto de vista filosófico, metafísico, como também do ponto de vista científico, tendo em vista os fundamentos da ciência.

Ao voltar-se para a crise existente nas ciências, sejam elas nas ciências naturais ou humanas[3], acredita-se que sua origem se encontra em torno da atitude natural e do objetivismo[4]. Uma crise que não se define simplesmente por oferecer ou não respostas definitivas, mas, por denotar uma insuficiência metodológica em torno das mesmas, acerca da vida e do próprio mundo. A ciência, seu arcabouço e progresso, fazem parte da gênese e do *telos*[5] da humanidade. Portanto, a crise das ciências desdobra-se como uma perda de fundamentos que antes eram imprescindíveis, como a investigação da origem de qualquer pressuposto formal ou natural:

> A crise de uma ciência não diz nada menos que o seguinte: a sua cientificidade genuína, todo o modo como ela definiu a sua tarefa, e, para isso, formou sua metodologia, se tornou questionável. Isto pode convir à filosofia, que se vê ameaçada em nosso presente de sucumbir ao ceticismo, ao irracionalismo e ao misticismo (HUSSERL, 2012, p. 1).

Em linhas gerais, na perspectiva da fenomenologia, a crise no âmbito das ciências diz respeito à revisão da sua própria constituição, desenvolvimento e repercussão no *mundo da vida* tendo em vista os esforços do intelecto humano em compreender o *mundo circundante*, ainda que este mundo se encontre fundamentalmente marcado por visões científicas. Trata-se,

---

muito menos "absoluta", portanto é uma perspectiva de impossibilidade do conhecimento de maneira ampla e essencial.

[3] Anteriormente, as ciências humanas eram chamadas de ciências do espírito (*Geisteswissenschaften*), que designavam como objeto de investigação, o mundo das inter-relações humanas, ou seja, o mundo em que o homem tem acesso consciente imediato e nisso são ciências que tratam de todos os aspectos da existência humana. Diferente das naturalidades, que tratam de objetos que não são o próprio homem.

[4]Husserl mostra que o mundo explicado segundo o objetivismo, não adentra na razão interpretativa da existência do homem, encerra-se na ideia de uma natureza, portanto, uma realidade fundamentada na experiência somente, sendo desse modo, fora da esfera de reflexão do homem. Portanto, o objetivismo explica o mundo, não o interpreta.

[5] Palavra de origem grega que significa fim, finalidade. Utilizada por Aristóteles em sua Ética Nicômaco, para estabelecer quais são as qualidades do homem virtuoso e o fim a qual todos almejam, a felicidade.

Digitalizado com CamScanner

portanto, de compreender aquilo que antes não aparecia como questão, constituindo-se assim um caminho que está na própria concepção husserliana de fenomenologia e o tema da crise.

Esta perspectiva não está distante do que Husserl já vinha há anos trabalhando em seu projeto filosófico. Em Göttingen, Husserl investigou o antipsicologismo, o objetivismo e o que se compreende por intuição das essências, o que resultou na elaboração da fenomenologia enquanto método. É aqui que surge outra importante obra posterior a *Investigações Lógicas* (1900-1901); *Ideias para uma Fenomenologia Pura e uma filosofia fenomenológica* (1913). No período em que esteve em Friburgo, delineou sua pesquisa acerca da constituição subjetiva do mundo, sob a ótica da subjetividade transcendental, utilizando o método fenomenológico em seus estudos. Em um último momento, já próximo de sua morte, se debruça sobre as ciências e sua crise, na perspectiva de uma crítica das ciências positivas.

A tradição científica da modernidade abrange em sua gênese os ideais de método e de progresso, como formas de domínio contínuo da natureza e da vida humana. Deste modo, a tradição científica não somente moldou nosso modo de pensar, mas também o próprio mundo circundante e as possibilidades de lidar com o mesmo. É interessante pensar que a crise se situa, em um primeiro momento, como um instante de perda de significância da vida. Em sua obra *A crise das Ciências Europeias e a Fenomenologia Transcendental: uma introdução à Filosofia Fenomenológica*[6], publicada em 1936, Husserl acentua sua preocupação e investida para delinear a noção de crise e, com isso, encontrar suas possíveis resoluções:

> [...] a partir de uma outra perspectiva, a partir, designadamente, dos lamentos gerais sobre a crise da nossa cultura e do papel que nela é atribuído às ciências, talvez surjam motivos para submeter a cientificidade de todas as ciências a uma *crítica séria e muito necessária*, sem por isso abandonar o seu sentido primeiro de cientificidade, inatacável na correção das suas realizações metódicas (HUSSERL, 2012, p. 2).

Temos aqui uma inversão ao que se refere às ciências, tanto no âmbito em que se encontrava, quanto agora. As realizações científicas são visíveis na vida, no mundo e em nós mesmos; entretanto, não são o que definem a humanidade. "Esta inversão não diz respeito à sua cientificidade, mas ao que a cientificidade, ao que a ciência em geral tenha significado e pode significar para a existência humana" (HUSSERL, 2012, p. 3). Husserl afirma a crítica da crise

---

[6] Doravante, no decorrer deste trabalho toda vez que for referido a obra em questão, será abreviado para *Krisis*, para identificar a mesma.

Digitalizado com CamScanner

como uma crítica da inversão do sentido da ciência, enquanto modo de lidar com o mundo, para uma visão de mundo cientificamente fundada.

Com isso, a guinada da ciência positiva, sob o paradigma objetivista da ciência moderna não trouxe somente a concretização do ideal de emancipação completo, tanto em relação às ciências como também ao próprio homem; ao contrário: a ciência positiva cria um modelo de ciência que serve a ela mesma e seus valores, tornando o mundo uma espécie de objeto a ser dominado. Assim, esta crise, é uma consequência direta do objetivismo, que não se pergunta pelos fundamentos de seu próprio fazer. Portanto, "[...] a filosofia husserliana não pode simplesmente aceitar e generalizar os resultados da ciência, mas deve buscar o sentido fundante que precede logicamente a ciência, interpretando-a fenomenologicamente" (VARGAS, 2019, p. 89).

Dessa forma, a crise desenvolve-se sob ótica da ausência de um pensamento fundacional bem delimitado. Dito de outro modo, a crise seria um problema gerado por um certo modo de fazer ciência que não se ocupa devidamente com sua fundação, tendo em vista que o próprio fazer científico se situa em um âmbito mais amplo. Ao contrário da concepção positiva de ciência, que busca aparecer como a única forma legitima de conhecer o mundo circundante. Para Husserl, dever-se-ia refletir cada vez mais em que esfera estão delimitadas as ciências e de que maneira a crise se estabeleceu na cultura europeia a partir do domínio científico positivo. Um dos principais caminhos que Husserl pretende é a crítica ao objetivismo, vislumbrado pelo autor como uma possibilidade de superação da crise, tendo em vista especialmente a perda do sentido e a funcionalidade das ciências.

Pensar em ciências não significa considerar uma área específica do conhecimento, mas o empreendimento geral das ciências, lidando especialmente com seu fracasso metodológico e conceitual; "[...] *há uma crise em relação ao sentido geral da cientificidade das ciências*, as quais perdem a clareza quanto à sua remissão ao projeto original de conhecimento onienglobante do qual derivam" (SACRINI, 2018, p. 292). O mundo da vida (*Lebenswelt)*, tema tratado longamente por Husserl na *Krisis*, com o intuito de refletir sobre as ciências, seu desenvolvimento e progresso, foi dispensado pela própria ciência enquanto uma esfera sem pressupostos.

Assim, o revés que ocorre no campo das ciências ao qual Husserl trata em sua obra *Krisis*, aparece como uma extensão de problematização na palestra em Viena, de 1935, com o título *A crise da Humanidade Europeia e a Filosofia*. O autor explana acerca do naturalismo próprio das ciências, afirmando que: "a grandeza das Ciências da Natureza consiste em que eles

Digitalizado com CamScanner

não se contentam com uma *empiria* intuitiva, porque, para elas, toda a descrição da natureza quer ser apenas uma passagem metódica para a explicação exata" (HUSSERL, 2012, p. 250). Simplesmente uma análise empírica descritiva do mundo natural, e o próprio método, não se aplicam ao estudo do espírito humano e suas categorias.

A modernidade inaugura uma ideia contínua de progresso, a qual a sociedade aderiu consideravelmente uma percepção que norteara a conduta e o próprio conhecimento – nesse sentido, a modernidade não está restrita a uma simples organização histórica, mas um modo de agir e pensar o momento histórico em que se está inserido determinada problemática. O mundo moderno, não se restringe aos autores e pensadores que a "inauguraram" em aspecto histórico, como por exemplo: René Descartes (1596-1650); John Locke (1632-1704); David Hume (1711-1776); Immanuel Kant (1724-1804), para citar alguns deles; mas ao modo de pensar que aquela época exige. O problema, como dito anteriormente, acentua-se no questionamento de seus fundamentos, ou seja, em sua perda e na falta de compreensão e reflexão dos movimentos da humanidade, atribuindo a esta humanidade uma metodologia puramente positivista, incapaz, em sua estrutura, de lidar com a própria constituição espiritualidades enquanto processo histórico de compreensão do próprio homem.

Dessa forma, a crise que se instaurou na tradição científica encontra-se latente a necessidade de perscrutar uma saída que só poderia ser filosófica e não científica; "[...] essa posição é aquela segundo a qual as ciências carecem de uma fundação que só pode ser oferecida pela filosofia" (SACRINI, 2009, p. 577). E como as ciências não têm um viés crítico-metodológico que somente a filosofia pode dispor; cabe, sob este aspecto, fazer um exame do que se entende por filosofia e a sua relação com a crise, como propulsora da saída deste momento, pelo caminho da racionalidade crítica, sem cair em dogmatismos. "[...] Husserl vê a crise e a compreende como a falta generalizada de uma genuína racionalidade que lance luz sobre a própria existência humana e suas tarefas infinitas [...]" (CESAR, SANTOS, 2013, p. 60).

Neste empreendimento, esta falta de uma racionalidade genuína, que tem sua origem sob a ótica da lógica das ciências, seu método e sua função delimitados, indica a necessidade de um modelo racional que fosse crítico à ciência, sem atribuir às ciências um negacionismo de sua eficácia, mas questionar a sua *validade*, diante das questões essenciais da vida humana. Deste modo, David Carr (1940-), acentua em sua introdução a *Krisis*, de 1970, o panorama que Husserl encontrava-se, ao analisar a origem e as circunstâncias históricas, por assim dizer, com uma pretensão de estar criando uma filosofia genuína, carregada de um ceticismo que serviria

Digitalizado com CamScanner

para suspender, mesmo que temporariamente os juízos sobre este assunto. Neste ínterim, a crise se deu por uma construção histórica e cega trazida pelo ideal positivista que pretendia uma espécie de monopólio do modelo de conhecimento válido:

> Assim, enquanto a noção da própria crise europeia, e a menção de Husserl de suas características particulares pode representar a resposta do filósofo às suas circunstâncias, as reflexões históricas, empreendidas em busca das origens desta crise, são vistas como uma parte essencial da introdução de uma filosofia genuína[7] (CARR, 1970, p. 30)

Para Carr, o modo pelo qual Husserl traz para o campo de reflexão o tema da crise esboça a maneira em que se introduz uma resposta do filósofo à problemática desta crise que perpetrou as áreas do conhecimento, desde as ciências naturais até as humanidades, tendo em vista a mediação do método das ciências positivas. Com isso, até mesmo o caráter de justificação do conhecimento, os dados das investigações e o desenvolvimento destas explanações teriam inconsistências em seus próprios fundamentos. O cerne desta questão está justamente ligado impreterivelmente às bases, à pergunta pela essência da ciência, do mundo e do homem.

> As ciências encontram-se, assim, em uma condição de insucesso, pois, na perspectiva positiva, ainda não completaram a exploração de seus respectivos domínios. Na perspectiva de Husserl, falta clareza acerca de suas próprias bases e de como, por meio delas, o conhecimento posteriormente obtido é justificado" (SACRINI, 2009, p. 578).

A "imperfeição" das ciências fica clara não por falta de compreensão ou domínios de exploração do mundo e de suas maiores indagações, mas sim, pela não elucidação clara das bases com que utilizam para fazer modificações e novas verdades, novos paradigmas, novas anomalias e também o conceito de justificação do conhecimento. Uma crença verdadeira, embasada neste prognóstico geral das ciências, não tem fundamento sólido algum, pois como dito antes, carecem de sua clarificação e, portanto, acabam por não trazer as mais essenciais para o entendimento humano.

---

[7] Thus while the notion of the European crisis itself, and Husserl's mention of its particular features, may represent the philosopher's response to his circumstances, the historical reflections undertaken in search of the origins of this crisis are seen as an essential part of the introduction to a genuine Philosophy (CARR, 1970, p. 30). As citações diretas da respectiva obra traduzida, foram todas feitas pelo autor do trabalho.

Digitalizado com CamScanner

Não estamos dialogando acerca de um conhecimento passível à experimentação somente, mas sim de uma fundamentação a partir do saber filosófico; conhecimento este que está na quididade daquilo que é conhecido de forma originária, ou seja, um retorno às coisas mesmas. O projeto filosófico husserliana, portanto, é uma visão radical de conhecimento e sua fundação, assim como, sua utilidade para a humanidade, superar a crise e trazer para o campo reflexivo as perspectivas de um mundo centrado na razão, em suas essências e na descrição subsumida dos aspectos mundanos, aparece como um caminho próprio da fenomenologia, sem perder de vista a contaminação da crise no universo da cultura europeia. Portanto, para entendermos qual a derrocada do projeto das ciências ocasionado pela crise, devemos entender qual foi à gênese do obstáculo que levou a esta nova dúvida metódico-fenomenológica, no âmbito das ciências e também no âmbito da filosofia, enquanto teoria do conhecimento. Esta desventura tem início com o ideal de ciência proposto pelas ciências positivas, nosso próximo tópico.

2.2 A crítica husserliana às ciências positivas.

Ao passo que Edmund Husserl reflete sobre a problemática das ciências positivas, percebe-se que as raízes desta estão ainda enfincadas profundamente em uma certa concepção de ciência marcada por uma intensa matematização das coisas em geral. Este diagnóstico pretende desvelar um momento na história cultural que compreenda as áreas do conhecimento a partir de uma contínua categorização de tudo, compreendendo o mundo a partir de elementos científicos instrumentais, muitas vezes externos ao próprio modo como o mundo está configurado, ainda que não devidamente fundamentado.

O rigor das ciências distanciou-se da proposta de ressignificar a vida do ser humano em detrimento do progresso técnico desenfreado, o centro reflexivo não é mais o homem, mas as possibilidades que podem surgir com a objetivação das coisas enquanto objeto de pura investigação; esta noção distancia-se da construção de uma ciência e filosofia que sejam genuinamente alçadas como ponto norteador de renovação. Desse modo: "O ideal husserliano exprime-se pela determinação em dar uma fundamentação rigorosa à filosofia e, através dela, a todas as demais ciências" (TOURINHO, 2012, p. 854).

As ciências positivas encontram-se em uma perspectiva central da guinada do naturalismo em relação ao conhecimento e sua forma de interpretação e concepção de mundo.

Digitalizado com CamScanner

Em aspectos formais, trata-se da insistência em uma maneira de pensar a realidade instrumentalmente. Em uma perspectiva crítica, tal procedimento não era suficiente, pois se fundamenta em si, sob uma crença ingênua segundo a qual a dimensão da condição humana é ignorada.

Sob este aspecto, percebe-se que a ciência é o modo de lidar com o mundo mais característico da modernidade, desde sua organização até o seu papel na sociedade, pois ninguém vive sem ela. Para Husserl, a ciência não é uma força inatingível, muito menos sem análise e crítica. Sob o aspecto do naturalismo, a razão se limitava a fatos somente, as essências detinham valor; o que fez esse modelo de ciência se desenvolver cada vez mais livre de crítica. Entretanto, cabe enfatizar que as ciências positivas são um grande empreendimento para conceber a realidade de maneira simples e muito limitada. Sair desta esfera é, acima de tudo, estar disposto a mudar o que se entende por conhecimento científico, desde sua concepção.

A filosofia, a matemática e a lógica seriam, na perspectiva da ciência positiva, limitadas e sem utilidades. As bases do conhecimento estariam circunscritas a uma supervalorização do objetivismo, ocasionando, dessa forma, uma ressignificação da dimensão subjetiva. A revolução da ciência teve seu início com Francis Bacon (1561-1626) e o método científico; e, no mesmo período, com Galileu Galilei (1564-1642) e Nicolau Copérnico (1473-1543), que esquematizaram a ideia da experiência e sua demonstração no mundo natural. A razão tornou-se detentora segura da verdade justificada, pensada cientificamente, tornando-se assim, o ponto central na vida da humanidade.

Bacon esquematiza a indução e a dedução e, como consequência, a libertação dos ídolos que obscureceriam o conhecimento verdadeiro; tratou-se de um primeiro momento de sistematização; Galileu, como cientista, afirma que as teorias científicas alcançam e, por isso, podem descrever a realidade. Seus experimentos como, por exemplo, a teoria dos corpos em queda livre, ou do telescópio, denotam uma mente que concebe a teoria de forma autônoma, tendo em vista a relação com o mundo a sua volta; Copérnico é aquele que fomenta uma nova ideia de mundo ordenado, que não está delimitado por uma perspectiva centrada em um ser transcendente, mas no homem racional, que tem os instrumentos eficazes para entender o mundo. A virada epistemológica compreendida como uma revolução copernicana, em contraposição ao geocentrismo, mostra uma nova via para os caminhos do conhecimento, tomado basicamente de modo objetivo e natural.

Tal origem da ciência moderna não é, necessariamente, a razão pela qual se deu o desenvolvimento das ciências positivas, mas antes uma gestação do que seria empregado por

Digitalizado com CamScanner

toda modernidade como modelo para o conhecimento seguro e universal. Como efeito desta cientificidade positiva, alguns autores se dedicaram a uma forma de ciência destinada apenas a fatos e experiências localizadas, distanciando-se de um modelo de descrição transcendente do mundo.

Com isso, os desdobramentos da ciência positiva delineavam um otimismo na crença da ciência, em seu poder de tratar e resolver os problemas de forma cabal, estendendo-se às questões essenciais da vida natural humana. Uma ideia de ciência universal que pudesse dar conta de todas as áreas do conhecimento seria um caminho adequado e seguro para uma verdade imanente e justificada. A ciência apoiou-se em uma perspectiva de cálculo para compreender o mundo; "Sob a aparência de um cientificismo extremo, o positivismo representa, na verdade, uma das mais agudas formas de dissolução do mundo da vida" (XIRAU, 2015, p. 25), o que, em última instância, tornou-se um caminho para o distanciamento do mundo básico da vida enquanto acontecimento que transcende espaço e tempo.

Assim, o conhecimento da realidade natural não dependeria de uma base indutiva direta e objetiva somente. O conhecimento científico abrangeria, em sua totalidade, qualquer aspecto, qualquer mundo, qualquer situação. Isto posto, o pensamento da modernidade científica apresenta uma forma de compreender o mundo (*Welt*) que, ao mesmo tempo, parece perder o mundo vivo, tal como se manifesta em favor de um mundo matematizado, objeto da mente do cientista. Tal visão contribuiu para a identificação da crise dos fundamentos, que Husserl percebe ter seu começo não nas ciências, mas na própria filosofia. Para Husserl, a crise, antes de ser científica, é cultural.

Assim, para explicar a real natureza do caminho filosófico do homem, o cientista localiza-se, por sua vez, na esfera de compreensão prévia do mundo, objeto sobre o qual ele se debruça, tendo em vista a produção do conhecimento cientifico que possa explicar a sua realidade e seus problemas, nesta dimensão, a descoberta e a tarefa do conhecimento é poder subsumir todas as coisas, realizando um modelo científico para constituir uma perspectiva objetiva dos fatos.

> A ideia da ciência e do conhecimento objetivos é de início determinada pelo seu contraste com a ideia da verdade e do conhecimento da vida extracientífica que, nas suas validades de ser, e no horizonte universal aberto que ela de modo permanente abrange conscientemente, designa o conceito do mundo da vida com o qual nos deparamos em primeiro lugar. O que se atesta pela experiência como sendo "efetivamente" é valido na vida e, logo, neste mundo (HUSSERL, 2012, p. 385).

Digitalizado com CamScanner

Sendo assim, em uma perspectiva positiva, estar-se-ia abandonando as discussões acerca dos fenômenos, que são conteúdos universais, assim como as causas primeiras e finais. Um caminho pautado no objetivismo dos fatos, os quais o ser humano, por seu intelecto, pode chegar. Ao contrário da observação, pela qual chegamos a conclusões singulares, que tem como respaldo a razão instrumental tratando naturalmente dos objetos. Dessa maneira, a racionalidade humana, abandona os pressupostos metafísicos e ontológicos pensados a partir da realidade e adentra na esfera do trabalho científico, passando de uma atividade de reflexão acerca da realidade para o exercício de consideração de teorias plausíveis.

Para Husserl, em um certo sentido, a razão humana se distanciou de seus objetivos e questões mais essenciais, ao abraçar procedimentos científicos como modelo natural para toda e qualquer busca de conhecimentos. A crise, portanto, apresenta como sintoma a naturalização de pressupostos científicos não questionados na construção da mentalidade do homem europeu:

> Objetivismo e a desvalorização do subjetivo é, acima de tudo, um projeto teórico, é uma tendência na própria vida moderna, ou seja, a tendência de orientar a compreensão em torno das características do mundo circundante dado que são compatíveis com a compreensão do mundo como objetivo. O resultado é que o mundo circundante se tornou, cada vez mais, um mundo "objetivo", compreendendo uma compreensão do fato; mas isso só pode ocorrer graças a uma espécie de reducionismo que limita severamente o que pode legitimamente assumir a aparência do significativo. Isso resulta em uma espécie de mundo radicalizado, em que até a própria existência humana parece não ter uma reivindicação legítima de ser contada entre as coisas que são significativas[8] (DODD, 2005, p. 38).

A ideia de ciência e o conhecimento objetivo são tomados como formas para considerar, de início, o contraste com a ideia de verdade e, acima de tudo, do conhecimento metafísico. Assim, o que é dado pela experiência e devidamente entendido pela razão é o verdadeiramente válido e justificado. Desse modo, até a realidade humana mais simples está circunscrita no registro da objetividade; há neste argumento uma relativização de todo e qualquer pressuposto epistêmico, sem uma abertura a autocrítica e suspensão da razão em virtude dos erros e acertos do processar científico.

---

[8] Objectivism and its devaluation of the subjective is more than just a theoretical project, it is a tendency within modern life itself, namely the tendency to orient understanding around those features of the given surrounding world that are compatible with the understanding of the world as objective. The result is that the surrounding world has become, increasingly, an "objective" world, understanding an understanding of fact; but that can take place only thanks to a kind of reductionism that severely *limits* what can rightfully assume the appearance of the meaningful. This results in a kind of radicalized world, one in which even human existence itself appears not to have a legitimate claim to being counted among those things that are meaningful (DODD, 2005, p. 38). As citações diretas da respectiva obra traduzida, foram todas feitas pelo autor do trabalho.

Digitalizado com CamScanner

Questões como a noção do bem, felicidade, virtude e finalidade são deixadas na periferia do horizonte reflexivo. As nuances do espírito humano foram subsumidas por uma construção positiva do mundo, a partir de um ideal de cientificidade. Este é o início, o estopim ao qual Husserl direciona sua crítica. Não está abandonando de forma radical as conquistas e até mesmo as superações que as ciências trouxeram para a humanidade, entretanto, constitui por mediação de sua análise de crise das ciências, que estas perderam o sentido e deixaram de observar o mundo com sua totalidade, não somente conceitualmente, mas na prática, esquecendo seus fundamentos e fins. Não existe crise pior, a não ser o da perda de fundamentos e da referêncialidade, algo que para Husserl aparece, mesmo que de forma não muito acentuada.

> A exclusividade com que, na segunda metade do século XIX, toda a visão de mundo do homem moderno se deixou determinar pelas ciências positivas, e cegar pela "*Prosperity*" a elas devida, significou um virar de costas indiferente às questões que são as decisivas para uma humanidade genuína. Meras ciências de fatos fazem meros homens de fatos (HUSSERL, 2012, p. 3).

A crítica husserliana às ideias positivas endereça-se a perda de sentido, sob a perspectiva de estarem, as ciências positivas, acima de qualquer coisa e qualquer um, cunhando uma visão de mundo determinável pelos fatos investigados e delimitados racionalmente. Assim sendo, sob o horizonte da prosperidade, Husserl identifica uma falha substancial, pois acarretou numa superficialização do sentido da humanidade, seus avanços, suas invenções, sua necessidade de se projetar e constituir seu próprio mundo. A mesma ciência positiva da qual o homem se dispôs a realizar, o tornou frágil e desmedido.

Ao colocar como uma forma de superação do que já se havia delineado no processo histórico do homem, com suas concepções e fundamentos, as ciências positivas construíram uma esfera limitante e turva sobre o homem, deixando-o à parte das maiores indagações e questões essenciais da vida. Husserl traça com veemência o descontentamento e falha do projeto das ciências positivas, ao abandonar as questões prementes de sentido e finalidade da existência. Dessa maneira, "[...] pode-se dizer que as ciências positivas e, em especial, o paradigma objetivista da ciência foram muito exitosos. Uma crise, porém, não se mostra apenas em colapsos dramáticos, mas também em uma ausência de pensamento bem funcional" (ZAHAVI, 2015, p. 185). Com isso, percebe-se que as ciências positivas, segundo a perspectiva husserliana, são passíveis de falha, pois não se perguntam sobre o próprio fundamento.

Digitalizado com CamScanner

A realidade não se resume em um objetivismo, ou a fatos espaço temporais, mas tem como fonte uma mutabilidade, e sob este aspecto, Husserl estabelece uma crítica severa e radical às ciências positivas, pois a dissolução da cultura perpassou por este ideal, de um objetivismo exacerbado e sem contribuições claras para o desenvolvimento pleno do homem e sua existência. As ciências positivistas são, em suma, negação do que seria o singular na história da cultura europeia, uma negação do sentido da existência, criando um conformismo de não refletir as questões últimas da vida e das configurações mundanas. Portanto, a ciência positiva:

> Exclui de um modo inicial justamente as questões que, para os homens nos nossos desafortunados tempos, abandonados às mais fatídicas revoluções, são as questões prementes: as questões acerca do sentido ou essência de sentido de toda esta existência humana. Não exigem elas, na sua universalidade e necessidade para todos os homens, um estudo universal e a sua resposta também a partir de uma intelecção racional? Tais questões dizem respeito, afinal, ao homem, como alguém que se decide livremente na sua relação com o mundo circundante humano e extra-humano, enquanto livre nas possibilidades de se configurar racionalmente, a si e ao seu mundo circundante (HUSSERL, 2012, p. 3).

As consequências do domínio do modelo científico, resultado da revolução científica que marcou a Europa pós-renascimento, significou, de uma certa maneira, um passo atrás, pois a falta de pergunta pelo sentido das coisas se tornou solidificado como uma visão de mundo. As questões que as ciências positivas não contemplam em sua guinada metodológica, as perspectivas existenciais e sobre o sentido que cada um dispõe em sua compreensão de mundo passam a um caráter secundário. A própria vida humana se tornou cientificizada.

Discutem-se as implicações das ciências sobre questões específicas da humanidade, enquanto naturalização do conhecimento. A fenomenologia endereça-se também às essências, e com ela, deparamo-nos com uma certa *eidética*. Neste sentido, para Husserl, "[...] não há ciência que não comece por estabelecer em quadro de essências obtidas pela técnica de variação imaginária dos objetos" (TOURINHO, 2010, p. 386). As ciências positivas constituem cada vez mais um mundo limítrofe e fechado. A natureza pode ser subsumida pela via metodológica das ciências que tratam do mundo natural. Entretanto, acerca do cenário da época, em que, a humanidade estava e que ainda perpassa, a ciência positiva teve sucesso, mesmo que tenha dificuldades de constituir um método para as ciências do espírito.

> [...] no que concerne às ciências do espírito que, em todas as suas disciplinas particulares e gerais, consideram o homem na sua existência espiritual, ou seja, no horizonte da sua historicidade, a sua cientificidade rigorosa -diz - exige que o investigador exclua cuidadosamente todas as tomadas de posição valorativas, todas as

Digitalizado com CamScanner

> questões acerca da razão da humanidade temática e das suas configurações culturais (HUSSERL, 2012, p. 3).

Portanto, caracterizar as configurações do mundo de forma objetiva, sem suas possibilidades é perigoso e não se adéqua à noção de mundo natural. Assim, contra esta perspectiva de compreensão do mundo e do próprio ser humano, Husserl, atesta que a razão que liberta também cria soluções para as chamadas crises; essa é a razão filosófica. "A filosofia como teoria não libera somente o investigador, mas todo aquele que seja formado filosoficamente" (HUSSERL, 2012, p. 5).

A libertação endereçada aqui expõe de forma veemente a crítica filosófica de Husserl sobre o ideal das ciências positivas; a forma como Husserl trata do fundamento é puramente filosófica. Husserl presume que as ciências positivas abriram novas possibilidades, mas logo se mostraram defasadas e deficientes. Portanto, "[...] o conceito positivista de ciência, no nosso tempo, é, então – considerado historicamente -, um *conceito residual*" (HUSSERL, 2012, p. 5). Em que deixou se perder e se afastar de conceitos metafísicos, as questões supremas e últimas ignoradas por esta concepção de ciência e de filosofia reivindicam justiça. O homem atualiza sua visão de mundo circundante, expande sua realidade conforme percebe suas limitações e acima de tudo, sua condição histórica. Em meio a suas dificuldades e questões.

Portanto, há um fracasso no campo das ciências, desconsiderando conceitos e problemas, ocasionando impreterivelmente uma crise sem precedentes, acerca dos fundamentos da ciência e da racionalidade humana. "Se o homem se torna um problema 'metafísico', um problema especificamente filosófico, ele está em questão como ser racional; e, se a sua história está em questão, é porque se trata do 'sentido', da razão na história" (HUSSERL, 2012, p. 6).

As ciências são instrumentos de entendimento do homem em sua relação com o mundo circundante. Estar inserido no mundo significa ser parte e extensão dele. Até mesmo nos dias que se seguem atualmente, mesmo com todo o advento técnico-científico alcançado pela humanidade, há ainda uma grande descrença em todo o potencial científico; talvez por não ser acessível a todos ou até mesmo por não interessar a grande parte da população mundial. "A ciência – é, por isso, caracterizada por sua tentativa de superar a vagueza e a relatividade de nossa experiência corporal do mundo e de nossa interação prática com ele" (ZAHAVI, 2015, p. 186). O mesmo poder-se-ia afirmar atualmente sobre as ciências. Mais do que uma crise conceitual, trata-se de uma crise de crenças.

Digitalizado com CamScanner

Percebe-se que ainda hoje a humanidade tem uma atitude de incertezas e descrença em relação ao alcance das ciências. Husserl, por criticá-las, não se torna um irracionalista ou um agnóstico, mas assume uma postura cética de rigorismo metodológico, que abrange as formas de conhecimento como um todo. A crise fez com que se adentrasse criticamente em um mundo cientificamente ideal e realizável, entretanto, junto com esta perspectiva uma ingenuidade se formou.

Em sua crítica às ciências positivas, assim como o seu modo de pensar e organizar a realidade, desenvolve argumentos que delineiam o fracasso do projeto científico em querer responder todas as questões, sejam elas sobre as ciências naturais, ou ainda no âmbito das ciências humanas. O erro inicial foi dedicar e acentuar o objetivismo natural como única razão para compreender os fenômenos do *Lebenswelt*. "Não deveria causar espanto o fato de Husserl não compartilhar dessa concepção da relação entre ciência e mundo da vida, e de ele já nas *Ideias I* chamar a atenção para uma série de equívocos fundamentais, nos quais ela se acha presa" (ZAHAVI, 2015, p. 187).

A ciência como fruto do empreendimento humano não é a resposta última para as problemáticas encontradas em torno dela. Husserl, mesmo com sua crítica radical às ciências, e ainda atestando sua crise, não assume uma visão solipsista, sob um ceticismo puro. Ele não nega a ciência, mas, questiona sua validade para compreender o mundo natural e a vida humana. Seu ceticismo é uma forma de agregar uma espécie de questionamento como caminho para a resolução dos problemas que as ciências mergulharam. As ciências positivas são uma forma de compreender a realidade, infelizmente sua efetivação se delimitou apenas às naturalidades, sendo que a vida e o *telos* humano, transcendem o objetivismo natural.

2.3 A crise das ciências como diagnóstico de perda dos fundamentos.

Na *Krisis*, Husserl endereça seu diagnóstico à relação essencial com o mundo, ou seja, como é notado, percebido e conceitualizado pela mente. As ciências positivas, no tocante ao seu método, não se tornaram ciência de fato, mas sua presença se tornou uma parte consideravelmente residual, com isso, nem uma filosofia universal elas conseguiram formar, pois desconsideraram a filosofia e sua investigação, constituindo dessa forma, uma ideação conceitual limitada, não filosófica.

Digitalizado com CamScanner

Nas ciências em geral, a natureza ganhou espaço, sendo o principal objeto de investigação. Ao perceber o declínio na esfera das ciências europeias, tendo em vista que, a *Europa* não tem conotação de um aspecto de povo, ou uma localidade geográfica, mas sim, a totalidade da racionalidade humana e sua perda de sentido, a filosofia não está e nem se coaduna a uma ótica limítrofe de controle e dominação da natureza. Mesmo que na análise husserliana até mesmo a filosofia é posta sob o tribunal da dúvida, pois também estava sob os pressupostos positivos.

O que interessa para Husserl é compreender e difundir o que a cultura propriamente filosófica é, enquanto cultura da razão. Sua análise não pretende ser uma negação, mas sim, um primeiro diagnóstico dos sintomas da perda dos fundamentos que a modernidade científica está sofrendo. As formas de pensar naturalistas cercearam a possibilidade de renovação e a perspectiva renovada de cultura e de filosofia. "[...] Husserl não pretende de maneira alguma insinuar que a pesquisa científico-natural da realidade efetiva seria falsa, inválida ou supérflua. Ao contrário, o que está em questão para ele é uma confrontação com determinados elementos na autocompreensão difundida da ciência" (ZAHAVI, 2015, p. 188). Husserl não nega a validade e a eficácia do naturalismo objetivista, mas considera que tal postura deve ser alvo de crítica em seus fundamentos, como preza a própria dinâmica da ciência.

Com isto, sob a perspectiva de uma confrontação sobre os elementos das ciências, a questão não está pautada no sucesso ou insucesso delas, mas sim, de que maneira se estabeleceu este grande mal na sociedade, ou seja, uma crise que retirou do horizonte da humanidade uma ciência que fosse compatível com o desenvolvimento humano, para uma ciência que gradativamente se deu conta de sua inviabilização como consolação para o homem. A ciência natural cumpre seu devir ao moldar o mundo, seguindo suas leis e métodos. Ela pode coerentemente abstrair aquilo que as humanidades estão a investigar; entretanto, a ciência põe no mesmo campo tanto a filosofia como as demais áreas da humanidade, investigando-a puramente como faz com a natureza.

A perda da fundamentação da noção de cientificidade agrega, dessa forma, a perda completa do mundo que circunda a humanidade, deixando-a limitada a pressupostos de ciência como propulsora da humanidade científica. Isto tudo parte de uma ingenuidade encapsulada pelo fracasso das ciências sobre a realidade humana. A natureza não é o fim ao qual o homem tende a buscar, mas a percepção de todos os fenômenos, por assim dizer, da realidade. Em seu escrito *A Ingenuidade da Ciência* (1910-1911), o filósofo esboça as duas formas de

Digitalizado com CamScanner

ingenuidade: a primeira sendo endereçada ao homem normal, em sua pura racionalidade. E a segunda como uma perspectiva pautada na concepção de filosofia e de ciência, a saber:

> Segunda ingenuidade – o caráter de dependência da filosofia, da ciência em relação a sua historicidade – a peculiaridade da historicidade da filosofia, por força da qual ela é, de certo modo, sempre tematizada, sem que, contudo, a história da filosofia (esta ciência em seu sentido habitual) tenha que fornecer premissas para a filosofia atual (HUSSERL, 2009, p. 659).

Por conseguinte, tanto a primeira quanto à segunda ingenuidade são interligações fundamentais da filosofia e seu papel diante do horizonte da historicidade, sem ser dependente ou limitada pelas ciências, mas atuante mediante a peculiaridade do processo histórico-filosófico. É necessário constituir uma autonomia em seu modo de construir as noções de mundo e realidade. A historicidade, nesta análise, não se refere a um simples transcurso temporal o qual comumente se tem conhecido, mas sim, uma construção mutável de fatos que estão abertos à reflexão diante do quadro cultural; "A filosofia é, portanto, histórica – mas toda forma de cultura tem em si um sentido histórico" (HUSSERL, 2009, p. 660).

Assim, como toda filosofia se refere a uma perspectiva temporal, a ciência também possui um encaminhamento do *ser-assim*, da consciência e valor da verdade e, nisso, postula suas concepções que intentam ser supratemporal, ou seja, como valor para os homens de todos os tempos. Com isso, "[...] a ciência também tem seu estilo temporal, suas moedas, mas a ciência trata do ser e do ser-assim, do valor de verdade, que pretende ser supratemporal, que deve valer para homens de todos os tempos" (HUSSERL, 2009, p. 660). Aqui há uma das muitas conclusões acerca dos encaminhamentos husserlianos sobre a crise da ciência: a de que ela, a ciência, estabeleceu-se como tal a partir somente de fatos, criando assim, uma humanidade com visões superficiais acerca de si e do mundo circundante (*Umwelt*).

Começa, por assim dizer, uma certa oscilação na crença nas ciências e, por conseguinte, também na filosofia. As áreas do conhecimento perderam seu ponto norteador, que delineavam as concepções de investigação e resolução de seus problemas mais centrais. A subdivisão das áreas fez com que subsumisse cada vez mais uma visão mais ampla do conhecimento. Cada ciência tem sua perspectiva de verdade e de mundo e, com isso, o próprio ideal de filosofia, se tornou cada vez mais fragmentada, constituindo, dessa forma, uma gama de concepções de diversos especialistas, mas não mais filósofos.

Digitalizado com CamScanner

A crença no ideal da filosofia e do método, que guiava os movimentos desde o início da Modernidade, começa a entrar em crise também na figura do filósofo, substituído pelo especialista. "A filosofia tornou-se ela mesma um problema e, compreensivelmente, em primeiro lugar sob a forma da possibilidade de uma metafísica, o que afetava, como se disse acima, o sentido e a possibilidade implícita em toda problemática da razão" (HUSSERL, 2012, p. 8). Atestando isso, compreende-se que a própria filosofia que deveria ser a área do saber livre de incongruências e contrassensos teóricos, mas ao iniciar sua investigação, Husserl se dá conta que até mesmo na filosofia, os pressupostos das ciências positivas, ou seja, da atitude natural, estão fortemente consolidados.

Com a crise estabelecida, a noção de vida, como evidência de uma grande jornada de descrição e compreensão do mundo, não está tão desenvolvida, pois o caráter natural, advindo do método objetivista da realidade, não abriu um amplo espaço para tais reflexões. Portanto, "[...] *vida* não tem aqui um sentido fisiológico, ela significa vida ativa em vista de fins, realizadora de formações espirituais – no sentido mais lato, vida criadora de cultura na unidade de uma historicidade" (HUSSERL, 2012, p. 249). Vida na compreensão husserliana é produtora de cultura, desenvolvendo-a de maneira que logre o sucesso dos indivíduos na compreensão do conhecimento, devidamente embasado numa autentica vida filosófica e culturalmente aberta a renovação.

Com o estabelecimento de uma ciência ampla e "eficaz" acerca dos mistérios do mundo, a razão que se volta para o homem, perde seu valor e, consequentemente, seu propósito. E, desse modo, as perspectivas acerca da humanidade, entendida aqui como uma das concepções de uma cultura científica que necessita de novos modos de conhecimento, novos métodos para fazer ciência. Somente a filosofia, enquanto campo do conhecimento pode exercer influência no modo de pensar e compreender as perspectivas que levaram e, que ainda, podem lograr crises para a humanidade.

Mas antes de adentrar neste assunto, algo que será tratado mais adiante, é necessário percebermos que a própria filosofia é tratada aqui com dúvida. Husserl expande o horizonte da crise para todas as áreas do conhecimento, incluindo a própria filosofia. Com isso, ao colocar a filosofia neste mesmo lugar, Husserl demonstra que apenas a filosofia poderá auxiliar a humanidade a sair desta crise de fundamentos, a partir de uma nova forma de filosofar, nos moldes de uma filosofia fenomenológica.

Husserl traz à tona o tema da crise como algo que perpassa também a filosofia. Esta guinada demonstra que a crise gestada no berço das ciências positivas englobou a filosofia e

Digitalizado com CamScanner

seu método. A perda dos fundamentos filosóficos[9] corresponde à falta de prognósticos necessários para entender a realidade e o sentido da existência, não resumida a fatos somente, mas contempla mais elementos substanciais que diz respeito ao conhecimento e a sobrevivência da filosofia. Husserl conclui que esta crise que se instaurou é, na verdade, uma crise da própria humanidade, principalmente no que diz respeito a sua condição existencial e cultural.

O que se empreende nesta reflexão é o quão mergulhada está a humanidade na crise, reduzindo o próprio homem a sua mera acidentalidade fática. Ainda hoje, uma problemática como esta permanece no itinerário histórico que está aí, não como um tribunal, mas como um alerta da queda diante da presunção de uma ciência irretocável. Desfaz-se aqui, a crença numa ciência perfeita e irretocável, ao qual às ciências positivas detinham, demonstrando de que forma o homem tem a capacidade de pensar sua origem, trazendo uma ideia de existência pertinente na saída dos limites da razão instrumental, Husserl busca uma noção mais profunda de racionalidade e sentido. "[...] cai também à crença numa razão '*absoluta*' a partir da qual o mundo tem seu sentido, a crença no sentido da história, no sentido da humanidade, na sua liberdade, nomeadamente como a capacidade de o homem prover à sua existência humana individual e geral em sentido racional" (HUSSERL, 2012, p. 9).

Ao perder a característica do sentido de sua existência, a crença em si mesmo acaba por criar uma dúvida acerca da realidade existencial, pois esta usufrui de uma ideia de mundo, como sendo ele mesmo o aspecto verdadeiro da busca pela verdade. Uma sobrevivência da filosofia em meio a sua pulsão de vida, o caráter de poder existir e exercer sua finalidade faz com que a filosofia não tenha como legado uma mera reflexão dos desdobramentos científicos, caracterizando assim, uma espécie de luta pela sua funcionalidade e razão de estar no mundo. Husserl (2012, p. 9) assevera que: "[...] cada vez mais na história da filosofia, vista de dentro assume o caráter de uma luta pela existência, a saber, como luta de uma filosofia que vive na sua tarefa – de uma filosofia que acredita ingenuamente na razão – contra o ceticismo que a nega ou empiricamente desvaloriza". Se aprofunda ainda mais a necessidade de uma nova noção de filosofia, ao notarmos a perspectiva do grande desenvolvimento das ciências na modernidade, ocasionando dessa forma, expoente domínio sobre a natureza.

Husserl orienta sua investigação, a busca de uma filosofia que possa refletir sobre os problemas aos quais a tradição filosófica moderna se apoiou e manteve, mesmo no momento de decadência. O aspecto mais importante acerca da humanidade, em sua condição existencial,

---

[9] Husserl faz uma crítica tanto às ciências positivas com também da filosofia ante à orientação natural. (Grifo nosso).

Digitalizado com CamScanner

encontra espaço para várias formas de pensar nas possíveis saídas às questões mais prementes, como finitude, conhecimento, objeto e mundo investigado. Portanto, a crise além de ser estruturada nas ciências de uma forma geral, é também uma crise dos fundamentos da cultura humana, do seu legado, de sua tradição, de seus conhecimentos e bases sistemáticas de entender o mundo e a si mesmo. Abandonou-se uma inserção cada vez mais voltada para as essências, depurando-se ainda mais em um critério *a posteriori*, sobre o qual as ciências se veem inatacáveis e não passíveis de dúvida, ao contrário da filosofia.

Por isso, sob esta compreensão metodológica, a filosofia não pode e nem deve se pôr abaixo das ciências, mas, demonstrar o espaço em que se encontra e se desenvolve. "A filosofia independe das ciências. Não decorre nem pode decorrer delas. As ciências, em contrapartida, dependem da filosofia e se subordinam às suas leis invioláveis. Nela se alicerçam, e nas determinações dela encontram seu sentido e a base de sua racionalidade" (XIRAU, 2015, p. 135). À vista disso, a filosofia é a quem as ciências deveriam buscar seus fundamentos, uma racionalidade nova. A filosofia poderia proporcionar bases para uma *Nova Ciência*. Esta nova ciência seria guiada pela via fenomenológica, ao desenvolver a filosofia como uma ciência de rigor, que estabelecesse e refletisse as bases do conhecimento e também o sentido espiritual do mundo da vida.

O que se herdou da modernidade foi o advento de uma humanidade racional técnica, em que as perspectivas de mundo circundante e horizonte existencial se perderam, à medida que as ciências assumem o papel central de meio para o domínio humano sobre a natureza, por sua pura racionalidade instrumental. Assim, caiu no esquecimento o próprio *eu*, o sentido da vida, o homem e sua humanidade e, por conseguinte, a saída da crise. A essência das coisas deu lugar ao objetivo, ao natural empírico do mundo, enquanto a verdadeira dação do mundo seria adentrar e perceber seu horizonte de possibilidades abertas ao intelecto humano.

> A humanidade em geral é, segundo a sua essência, ser homem em humanidades ligadas generativa e socialmente, e, se o homem é ser racional (*animal rationale*), ele só o é na medida em que toda a sua humanidade é uma humanidade racional – quer orientada de forma latente para a razão, quer abertamente orientada para a enteléquia que chegou a si mesma, que se tornou manifesta para si mesma e que, doravante, *conduzirá conscientemente*, numa necessidade essencial, o devir da humanidade (HUSSERL, 2012, p. 11).

Neste ínterim, Husserl, retorna a esta racionalidade latente da humanidade. E inclusive, sobre a crise, ele atribui esta como escolha e decisão da humanidade. Portanto, como animal racional, com todas as suas limitações e condição existencial comumente fragmentado, a razão

Digitalizado com CamScanner

e sua reflexão, enquanto percurso que o homem busca realizar corrobora a construção de novas potencialidades na forma de conhecer e de ter em prática o ideal de ciência como um desenvolvimento genuíno, dessa maneira; "A filosofia, a ciência, seria, então, *o movimento histórico da revelação da razão universal, 'inata' como tal à humanidade*" (HUSSERL, 2012, p. 11).

Tal movimento apresenta a racionalidade ao qual a humanidade é seguramente voltada, em uma perspectiva histórica. Assim, filosofia e ciência seriam duas grandes forças da história, as áreas básicas com as quais a humanidade contaria para suprir suas necessidades, sejam elas de cunho natural da investigação dos fenômenos do mundo, seja também as questões, mais pertinentes e puras do espírito humano. Dessa forma, Husserl dá sinais do que seja a função prática e teórica do cientista, com fins pautados em seus devidos questionamentos aos quais voltam sua vitalidade; isto posto:

> A ciência é uma prática. Vivê-la simplesmente [*dahinleben*] significa estar direcionado exclusivamente aos seus respetivos questionamentos e finalidades, no caso os científicos, a fim de efetivá-los, na certeza atual de sua capacidade e de seu poder. No fazer produtivo não se tem em vista o modo de produção, mas a obra, a ação (HUSSERL, 2009, p. 663).

O direcionamento, vivência e questionamentos da ciência são a efetivação da racionalidade, que tem, diante de si, uma grande responsabilidade com a vida mesma. A ciência é, antes de tudo, um instrumento formado pela racionalidade humana, que em poucos séculos comandou, modificou e reestruturou a realidade; a natureza não é mais uma força propulsora, mas, uma grande coadjuvante na história do progresso humano.

O sentido atrelado às coisas corresponde a nossa percepção, como seres cientes acerca da experiência do mundo, não somente de forma objetiva, mas carregada de significado e sentido. Assim se molda uma epistemologia marcada pela relação com o ser e o objeto como duas realidades dispares; mas que dependem uma da outra para construir suas respectivas condições. Com isso, voltando-se para uma perspectiva epistemológica, como então se caracterizaria? "O objetivo da epistemologia é caracterizar, entre outras coisas, a evidência adequada e a forma pela qual tal evidência fundamenta crenças verdadeiras qualificando-as como conhecimento" (MOSER, 2012, p. 117-118). Isto faz com que se abdique de uma resolução fácil ou até mesmo simples acerca do conhecimento. Abrir estas possibilidades é encarar as nuances da racionalidade humana, suas características próprias. As ciências, mesmo

Digitalizado com CamScanner

com suas crenças devidamente verificadas, são colocadas por Husserl no tribunal da dúvida. Abre-se assim, a necessidade, em meio à ingenuidade científica, do papel do filósofo:

> Logo será necessário ao filósofo, que se volta para o conhecimento do mundo, o qual deve ser um conhecimento concernente a todas as regiões do ser, limitar-se a uma razão, que já encerra em si uma infinidade de tarefas. Mas essa limitação caminha lado a lado com um não mais ocupar-se com as questões de sentido, que concernem o sentido regional enquanto um sentido ainda não dissecado do sentido do mundo (HUSSERL, 2009, p. 666).

O papel do filósofo não está em limitar-se ou fechar-se em questões que estão indubitavelmente encerradas em si mesmas, mas nas diferentes ciências que estão imbricadas pelos seus próprios métodos. A filosofia, enquanto tarefa que o filósofo se dedica, parte para a realidade observando pressupostos próprios, nem sempre compartilhados pelas ciências. O sentido do mundo circundante é a perspectiva básica da experiência do mundo da vida, uma noção na qual se enquadra toda a vivência científico-cultural do homem. O mundo, a vida, as sociedades, assim como a consciência humana, são objetos para a investigação filosófica.

2.4 *Lebenswelt* e a validade das ciências positivas para a humanidade europeia

As ciências modernas tornaram-se cada vez mais autônomas e independentes, deixando de lado sua fundamentação filosófica que, por sua vez, no decorrer do processo histórico estavam interligados. Com a busca de uma total emancipação, as ciências utilizam seus métodos e técnicas como caminhos para a resolução de problemas. A matematização destas noções fez com que o homem ficasse cada vez mais limitado por uma percepção parcial de mundo. Husserl pretende demonstrar como a crença na ciência deve ser objeto de crítica. Contudo, não se trata de descarta-las, mas, ao contrário, reconhecer os progressos e técnicas utilizadas para a promoção da vida.

A crítica se dirige à falta de diagnóstico, ou seja, à análise dos pressupostos que fundamentam o trabalho científico. O ponto central das ciências positivas é que as acepções delas se dão apenas no espaço e no tempo, e Husserl percebe que isto está sendo levado tanto para as ciências como para a filosofia, que mais do que tudo, vê-se ameaçada por uma visão limitante da realidade e da humanidade.

Assim, Husserl, traz em sua obra algo que perpassara seu pensamento crítico para compreender a perspectiva da *fenomenologia*: a noção de *Lebenswelt* (mundo da vida). Centra-

Digitalizado com CamScanner

se também no entendimento que busca, de forma mais ampla, as diferentes situações e perspectivas do próprio conhecimento. "Agora é por meio de uma investigação da historicidade das ciências que se desvelam algumas normas constituintes do sentido geral de cientificidade" (SACRINI, 2018, p. 273). Em linhas gerais, o *Lebenswelt* não é para Husserl o mundo simplesmente físico, determinável, mas sim, sua apreensão mais ampla e metódica, pois se relaciona com uma morfologia, com uma noção de mundo histórico da consciência.

As ciências realizam uma investigação objetivante da natureza e, por conseguinte, da própria realidade. O mundo, as coisas, os a mutabilidade do conhecimento empírico, o homem e o sentido para qual se volta sua finalidade perdeu sua força com as ciências positivas e suas especializações.

> [...] Husserl inicia prometendo que fará um esforço para reacender o interesse pelo tão discutido tema da crise europeia, desenvolvendo a ideia histórico-filosófica [...]. Com isso, espera poder concretizar a função essencial da Filosofia e das várias ciências como diferenciações da filosofia - o que seria relevante para iluminar a natureza da Krisis[10] (MOHANTI, 2011, p. 388. Tradução nossa).

Esta iluminação vai de encontro com a fundamentação das ciências. Husserl pensa a crise também como um momento para renovação, reconstrução e busca novas saídas para a mesma. O mundo da vida, não é dado de imediato, mas é necessário o exercício de sua busca do sentido, pois mesmo sendo utilizado pelas ciências, o mundo da vida, foi cada vez mais, sendo deixado a parte das discussões e descobertas das ciências, em detrimento de uma forma mais objetiva, alçada pela atitude natural, para o autor, ciência não é apenas um aglomerado de fatos e de naturalizações objetivas acerca da realidade, mas sim uma plena realização espiritual.

> Tendo presente as elaborações anteriores, lembremo-nos do fato admitido de que ciência é uma realização espiritual que, historicamente e também para todo aquele que a estuda, pressupõe a saída do mudo da vida circundante intuível, dado de modo universal – comum como existente, mas que pressupõe também, continuamente, no seu exercício e prossecução este mundo circundante na particularidade da sua autodoação para o cientista (HUSSERL, 2012, p. 99).

---

[10] Husserl begins by promising that he will make an effort to rekindle an interest in the much discussed theme of European crisis by developing the philosophical-historical idea[...] He hopes thereby to be able to bring about the essential function of Philosophy and of the various sciences as differentiations of philosophy—which would be relevant for illuminating the nature of the *Krisis* (MOHANTI, 2011, p. 388). As citações diretas da respectiva obra traduzida, foram todas feitas pelo autor do trabalho.

Digitalizado com CamScanner

Husserl não dá um único sentido à crise, muito menos uma definição de mundo da vida. Ele segue o caminho daquilo que é adequado à humanidade. Entretanto, acreditamos que assume o sentido amplo da racionalidade que, ao mesmo tempo, transpõe sua reflexão para além do mundo físico, objetivo e natural. O mundo da vida está para além de toda e qualquer noção objetivo-natural, o que Husserl traz como reflexão é o sentido que regeu o iluminismo, ou seja, a perspectiva do esclarecimento, assim sob a ótica husserliana, o mundo não é apenas um mero objeto. Portanto, a renovação do pensamento é tão crucial, pois ao rever, reavaliar e reescrever a ciência e o conhecimento ao mesmo tempo, ressignifica os sujeitos, objetos e mundo:

> [...] uma nova humanidade, surgida precisamente na Grécia (a humanidade filosófica científica), se viu levada a reconfigurar a ideia teleológica "conhecimento" e "verdade" da existência natural e a conferir à nova forma de "verdade objetiva" uma dignidade mais elevada, a de uma norma para todo o conhecimento (HUSSERL, 2012, p. 99).

Ao rememorar a cultura grega, Husserl demonstra de que forma a crítica e a racionalidade se propuseram a refletir as questões da humanidade, tendo como foco central para reflexão do próprio homem, seu fim e sua projeção para o mundo que o cerca, dando como suporte, a racionalidade crítica ante os objetos que estão no mundo, de maneira objetiva e espiritual, o conhecimento para o grego é a justa medida entre virtude, e razão onienglobante das coisas que o circunda. "Tudo isto presente, um esclarecimento explícito da validade objetiva e de toda a tarefa da ciência exige manifestamente que se começa por indagar acerca do mundo pré-dado" (HUSSERL, 2012, p. 99).

É com este fundamento que Husserl faz uma certa rememoração das circunstâncias as quais se empreendeu a crise, a perda de sentido e os valores. Uma crise nada mais é do que uma anomalia adversa ao qual logo se delineia as soluções para sua resolução com embasamento nos métodos daquele ramo do conhecimento. Na *Krisis*, Husserl mostra que a problemática da humanidade e seu fracasso se devem à inutilidade das ciências em se endereçar à espiritualidade humana.

Portanto, o mundo da vida é uma acepção complexa da realidade e abre a possibilidade de novas formas de conhecimento. No momento em que as ciências assumem uma explicação do mundo, dominam sua a organização e o sentido da realidade de forma categórica. As ciências

Digitalizado com CamScanner

foram construídas em um solo fértil de independência metodológica e lidavam com o mundo de modo instrumental, tornando-se as maiores manifestações da razão humana.

Em nossa investigação, nas considerações acerca do *Lebenswelt*, o próprio Husserl admite que não é tarefa fácil, e que, em certa medida, não há uma aproximação ideal acerca desta concepção. "Enquanto o mundo da vida é um mundo de uma verdade vinculada à situação, relativa, a ciência, busca realizar um ideal de conhecimento rigoroso e objetivo, que esteja livre de toda vinculação com a perspectiva subjetiva de primeira pessoa" (ZAHAVI, 2015, p. 186). Sabe-se que, ao constituir este termo, o filósofo elabora, por assim dizer, uma introdução a sua *fenomenologia* enquanto uma nova teoria do conhecimento.

O conhecimento objetivo e rigoroso das ciências realiza uma cisão com o mundo da vida. O mundo é dado sob nossos aspectos e concepções e Husserl, por sua vez, assevera que não é dessa forma somente que se dá esta configuração da realidade circundante, na ótica do mundo da vida.

> Se este mundo pré-dado deve tornar-se um tema especifico e, é claro para verificações científicas responsáveis, então isto exige uma particular cautela na sua consideração prévia. Não é fácil alcançar clareza acerca de que tipo de tarefas especificamente científicas, ou seja, universais, se devem definir sob o nome de mundo da vida, e em que medida deve aqui resultar algo de filosoficamente significativo. Levantam dificuldades já o mais elementar entendimento do seu sentido de ser especifico, sentido que ora deve ser apreendido de modo mais lato, ora mais estrito (HUSSERL, 202, p. 99).

A postura que se deve ter ante a noção de objetividade da ciência, em relação ao mundo da vida é de estabelecer uma reflexão acima desta cientificidade limítrofe. Assim, esta reflexão mais acentuada acerca do mundo da vida remete a um amplo núcleo de percepção do mundo e de suas configurações próprias, a cautela em relação ao mundo pré-dado necessita de investigações responsáveis, pois é a dimensão da cotidianidade, portanto, dos modos como os indivíduos lidam com suas questões mais elementares e da perspectiva de uma ciência e de uma filosofia que está presente no dia a dia da humanidade, mesmo que sejam percebidas. Assim, o mundo da vida é também, a plena realização do mundo dos valores e do conhecimento, ou seja, um verdadeiro amalgama de questões prementes da racionalidade humana ao qual Husserl, empreende uma severa crítica, dando como cerne reflexivo que a humanidade não é regida por fatos, objetividades ou guiada por um materialismo, mas sim, uma realidade muito mais ampla e aberta a discussão. A sua *espiritualidade*.

Digitalizado com CamScanner

> Mas o que exatamente é o mundo da vida? Infelizmente, não é possível dar uma resposta simples a essa pergunta. O conceito husserliano do mundo da vida é plurissignificativo e o significado exato da palavra depende respectivamente do contexto [...] Apesar de seu caráter perspectivístico, contudo, o mundo da vida possui, segundo Husserl, uma estrutura fundamental morfológica imutável (ZAHAVI, 2015, p. 190).

Em vista disso, as considerações sobre o mundo da vida, diante da perspectiva do mundo pré-dado, constituem uma via plurissignificativa, em que o contexto diz muito sobre seu significado. Mas, mesmo utilizando-o em contextos que possam estabelecer sua atividade, sua compreensão não é definível facilmente, pois este percurso enquadra-se naquela visão, no contexto e significado já pré-estabelecido pela ciência, seu modo de compreender e investigar a realidade, seu método e a noção de entendimento para subsumir os potenciais possíveis do objeto investigado. O mundo da vida transcende esta perspectiva natural, ela abre espaço aos valores e às concepções de conhecimento que matematicamente e logicamente seriam necessários para demonstrar ao homem as nuances e probabilidades de novas investigações e descobertas.

Com fundamento no *Lebenswelt*, a ciência faria uma imersão profunda nas bases que deveriam ter encontrado uma essência que percebe as concepções logradas como base. "A ciência está fundada no mundo da vida e mergulha, por fim, no fundamento sobre o qual ela se encontra" (ZAHAVI, 2015, p. 190). Mesmo que posteriormente tenha se imiscuído do mundo da vida, a ciência postergou, com seu sucesso, um modelo objetivo-rigoroso da mutabilidade do mundo e dos seus métodos. Husserl, dessa forma, sob o ideal da crise que surgira na modernidade, percebe que a realidade e seu significado, antes de perpassar por sua fenomenologia, encontram sustentação no *Lebenswelt*.

> O título "mundo da vida" torna possível, e requer talvez tarefas científicas diversas, embora entre si essencialmente relacionadas, e talvez pertença mesmo à cientificidade genuína e completa que todas elas, segundo a sua ordem de fundamentação essencial, só podem ser tratadas em conjunto, e não porventura uma delas, a tarefa lógico-objetiva (esta realização particular dentro do mundo da vida), por si só, enquanto as outras não são de todo cientificamente trabalhadas; ou seja, nunca se questiona cientificamente a maneira como o mundo da vida funciona em permanência como plano de fundo, como as suas múltiplas validades pré-lógicas são fundamentadoras para as verdades lógicas, as verdades teóricas (HUSSERL, 2012, p. 101).

As ciências estão fundadas no esboço do *Lebenswelt*, tem seu suporte e fundamentação nele, apesar de ter se distanciado de forma tão progressiva. Inserido no aspecto teórico das ciências e no sentido morfológico do mundo da vida, Husserl demonstra de que maneira sua

Digitalizado com CamScanner

gênese e a crise delinearam uma circunstância desfavorável acerca do desenvolvimento e progresso humano. Mas ao passar pelo mundo da vida, as ciências exercem uma atividade que propõe sua ação na estabilidade e na circunscrição necessária para seus fins. Dessa forma, utilizar o mundo da vida para suas atividades e tê-la como fundamento, não garante, portanto, conhecê-lo cientificamente. As acepções lógico-objetivas não são suficientes para tal empreendimento.

As verdades teóricas, que esboçam as características formais da realidade e sua impressão no entendimento do ser humano, não subsume sua inter-relação com o objeto percepcionado e conceituado, mas proporcionam uma recepção objetiva da noção natural de mundo, das relações, dos valores, da humanidade em geral. A nova humanidade deve estabelecer este vínculo situado na conexão lógica e mutável da realidade da vida; não obstante, sob o aspecto de premissas, o mundo da vida efetiva-se como ente válido. "[...] Husserl concebe o mundo da vida como caracterizado por sua tipologia morfológica. Isso não possibilita, segundo a sua visão, apenas uma investigação teórica própria do mundo da vida" (ZAHAVI, 2015, p. 193).

Dando continuidade à nossa reflexão crítica acerca da crise, sua gênese e seus efeitos em todos os âmbitos em que se delineou o empreendimento da razão humana. De um lado, há a noção de *Lebenswelt*, em que a ciência se utiliza de seus arcabouços e que, aos poucos, até perder sua ligação, desliga-se totalmente do horizonte de construção fundamental de uma ciência que esteja sob os aspectos da filosofia e que se debruce igualmente, sobre a condição existencial da humanidade.

Dessa forma, ao falarmos do objetivismo ao qual se serve as ciências, não podemos deixar de lado a perspectiva galilaica de análise da natureza. Assim, para a noção objetivista-natural, o mundo é simplesmente ordenado naturalmente; tudo que está fora deste âmbito não é objeto de investigação. Deste modo, a ciência pensa não somente o mundo ao seu redor como natureza, mas a si mesma com este pressuposto, em contrapartida àquela base fundamental que fora abandonado pelas ciências, a saber: "O mundo da vida é um domínio de evidências originárias" (HUSSERL, 2012, p. 104).

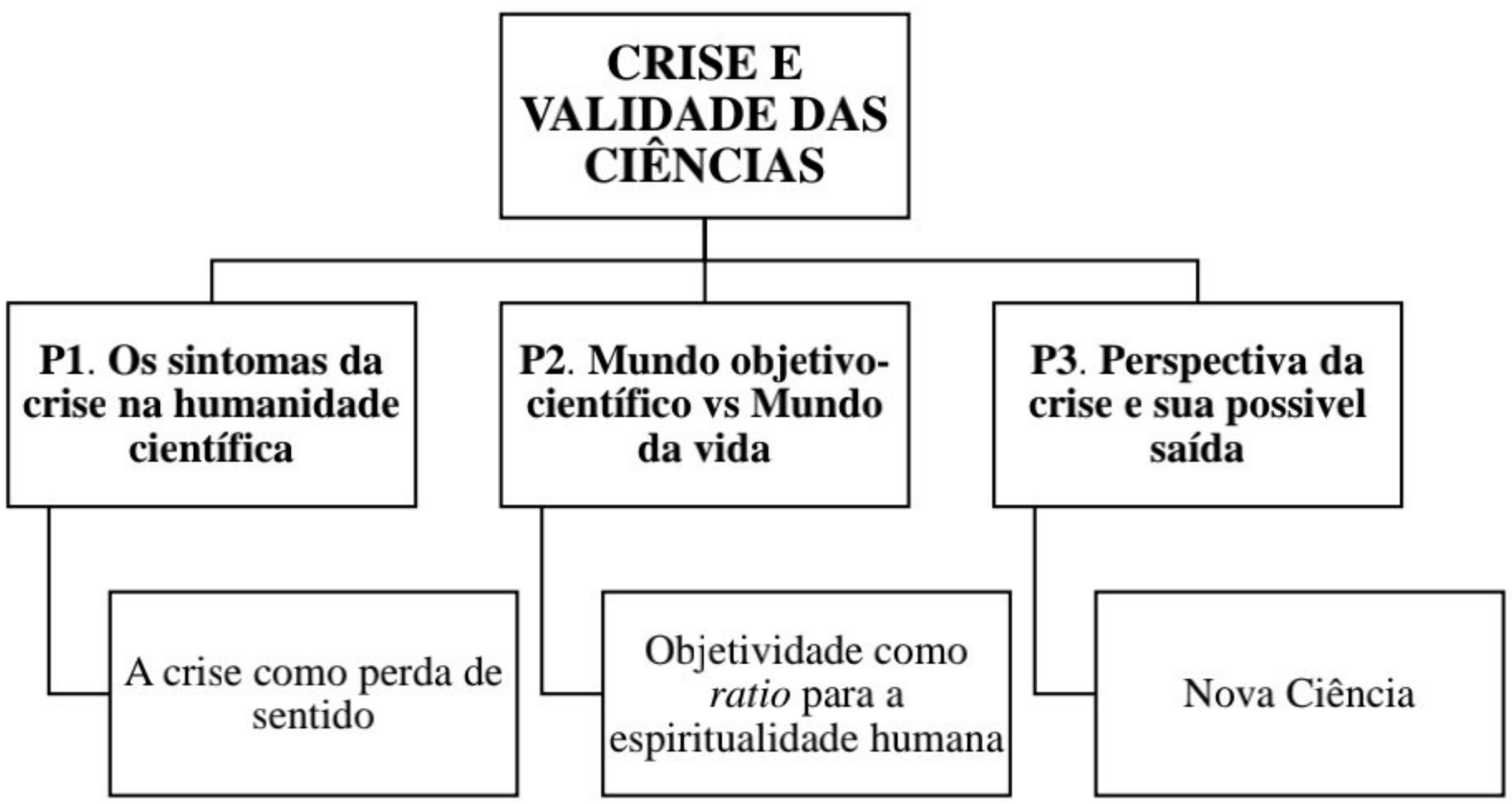
Com o advento das ciências e suas formas de ação na realidade, ao mensurá-la sob a ótica objetiva, fez com que, não somente a natureza tornasse-se acessível, mas também a própria subjetividade humana. Estes pressupostos são, por assim dizer, o cerne de uma problemática que consolidou o método científico e que permeia ainda hoje as perspectivas da ciência em sua relação com a sociedade. "A natureza tornou-se um mundo real em si, onde cada real individual

Digitalizado com CamScanner

e, com tal, determinável segundo o seu lugar, é univocamente determinado no seu e si exato segundo leis, no que se refere a todas as suas propriedades, em virtude da univocidade da relação causal" (HUSSERL, 2012, p. 280). Tornou-se, dessa forma, um objeto racional, onde as relações causais determinam a compreensão da natureza, especialmente em seu caráter experimental.

Sobre o aspecto relacional na perspectiva da cientificidade, Husserl presume que há sim uma concordância formal entre o que fora produzido pela ciência moderna, e a crise que a mesma causou na vida e cultura da humanidade. Assim, percebe-se que a crise das ciências está enraizada no ideal de verdade científica que deve estender-se a uma nova humanidade. O gráfico a seguir, busca evidenciar uma visão da proposta de ciência fenomenológica:

FLUXOGRAMA 1: Fluxograma representando a Crise e a validade das Ciências segundo Edmund Husserl. Elaborado pelo autor (2022).



No esquema acima, as premissas e as relações foram organizadas de forma que cada situação seja um esclarecimento da validade das ciências, no que se refere à égide do ideal positivista de ciência. A objetividade exclui qualquer reflexão mais aberta não somente sobre a condição existencial, como também sobre a função de uma ciência que tenha como cerne o crescimento da cultura científica, que percebe suas nuances e possíveis crises, e, ao mesmo tempo, as saídas desta problemática.

Digitalizado com CamScanner

Em P1, os sintomas da crise na humanidade se desenvolvem no momento em que se deixa de lado o caráter existencial da vida do próprio ser humano. A potência técnico-científico tem um grande alcance, como a única esfera capaz de produzir conhecimento verdadeiro. Husserl percebe esta problemática no momento em que a sociedade europeia abdica de sua espiritualidade cultural em favor da instrumentalização da razão, sem lograr as novas configurações da nova humanidade. Assim, o que se entende por ciência? Nada mais, nada menos, segundo Husserl (2012, p. 256): "Ciência designa, portanto, a ideia de uma infinitude de tarefas, das quais, em cada tempo, uma parte finita está já acabada e é conservada como uma validade persistente".

Esta multifacetada concepção que as ciências trazem denotam uma interdependência em relação aos sistemas antigos, base referencial de construção de conhecimento e de progresso. P1 é na verdade, uma adesão cultural a este modo de pensar e de desvelar a realidade que não está pré-dado, mas que se subordina ao intelecto humano. Em todas as fases e circunstâncias, entretanto, esta propulsora novidade, perde sua força, à medida que, as ciências não se suportam as implicações da espiritualidade cultural humana, que se tornaram nesta perspectiva, inacessíveis.

A perda do sentido e da noção de referêncialidade, assim como as respostas para a condição humana, fizeram cada vez mais o homem distanciar-se da reflexão de sua finitude, do seu mundo, da sua constituição e existência, "[...] aquilo que o fazer científico obtém não é algo real, mas, sim, ideal" (HUSSERL, 2012, p. 256). A crise que, sobretudo é cultural, apresenta-se na forma das tarefas infinitas, perdendo seu foco e assertividade quando se arrogam a ser a única resposta plausível para a humanidade.

Na configuração P2, adentra-se na noção de mundo da vida e do mundo objetivo científico, que detém os pontos centrais que logram as modificações das ciências de modo histórico-metodológico. Não obstante a experiência, a observação e as conjecturas acerca da realidade, outrora apenas observável, busca-se resoluções para expandir a própria esfera que constitui a própria base da ciência enquanto compreensão de mundo. Dessa maneira, "[...] na Ciência, a idealidade dos produtos do trabalho científico – as verdades – não significa a simples repetibilidade sob identificação do sentido e da comprovação: a ideia de verdade, no sentido da Ciência, aparta-se (e teremos ainda de falar disso) da verdade da vida pré-científica. Ela quer ser incondicionada" (HUSSERL, 2012, p. 256).

A incondicionalidade significa a independência do método e da própria noção de verdade. Tendo assim conseguido subsumir de forma promissora o mundo circundante

Digitalizado com CamScanner

objetivamente, como parte fundante de cientificidade. Como perscrutadora na história e na vida da humanidade, a filosofia exerce tarefas que trazem exemplos necessários para entender cada tempo e modo de pensar, seu modo de constituir as ideias que perfazem a gênese do desenvolvimento do pensamento, é uma tarefa infinita de produção de novos problemas e indagações que não se encerram, mas esboçam a mutabilidade existente na *ratio*

> [...] nenhuma outra forma de cultura no horizonte histórico antes da Filosofia é, num sentido tal, cultura de ideias, nenhuma conhece tarefas infinitas, nenhuma conhece tais universos de idealidades que, segundo o seu sentido, são portadores da infinitude, tanto enquanto totalidades como segundo as suas individualidades, bem como ainda segundo os seus métodos de produção (HUSSERL, 2012, p. 257).

A filosofia por ser um exercício intelectual e prático e, por conseguinte, um modo de vida, reflexivo, teorético, gnosiológico ou existencial, é capaz de ser a fonte de conhecimento universal, acessível em todas as tradições e perspectivas. As ciências, por sua vez, fecharam-se, em sua estrutura básica, transformando em problemas as questões últimas do homem e também da natureza. A infinitude não é uma ideia sem o devido fundamento, mas não permeia a verdade científica como tal, ou as relações e questões humanas, perspectivas falhas e isoladas que não dizem nada para o progresso científico.

Desse modo, alavancada pela filosofia, a cultura extra-científica projeta-se para suas próprias noções de realidade, mundo e responsabilidade. O conhecimento adquirido não se propõe como o último estágio, mas amplia ainda mais a concepção de um modo de agir e viver, razão e ideal; perspectivas únicas que estão além do mundo científico determinado e fechado. Dessa forma "[...] o horizonte aberto sem fim, no qual ele vive, não é descerrado, os seus fins e o seu agir, o seu modo de viver, a sua motivação pessoal, de grupo, nacional, mítica – tudo isso se movimenta na circum-mundaneidade da circunspecção finita" (HUSSERL, 2012, p. 257).

Percebe-se que em P2, a objetividade a qual as ciências determinaram-se a conservar não foram suficientes para trazer este conforto e felicidade a humanidade. Pelo contrário, a ciência mergulhou em um novo problema que fora criado por ela, mas que não fora devidamente resolvido; o mundo circundante é muito mais amplo e complexo do que a observação simples e mensurável da natureza. As configurações transpõem-se cada vez mais, em um amplo sentido, na crise, não se encerrando com o diagnóstico dela, mas na resolução dos problemas deixados no cerne da cultura.

Digitalizado com CamScanner

Assim, em P3, observa-se que a noção de crise se acentua também na cultura, sua saída está na concretude de uma humanidade e de uma filosofia totalmente novas, de um discurso totalmente novo, de uma racionalidade que compreenda as engrenagens da humanidade e do mundo. Portanto, a saída desta crise, enraíza-se na perspectiva do fazer e teorizar. Husserl presume que, em meio a esta crise, em que se encontram os fundamentos das ciências e sua inter-relação com as humanidades, amplia-se ainda mais o leque de possibilidades necessárias para suprir os déficits que a humanidade se encontra. Mais do que uma crise de sentido, aqui se direciona as ciências também: a crise perpassa todos os âmbitos da vida humana.

A finitude da humanidade não é seu encerramento, mas sua presentificação na realidade; o que gera confusão e angustia à razão humana. "A cultura científica sob ideias de infinitude significa, por conseguinte, uma revolução da cultura no seu todo, uma revolução do inteiro modo de ser da humanidade enquanto criadora de cultura" (HUSSERL, 2012, p. 257). As configurações encontradas em P3 são um verdadeiro suspiro acerca do que está por vir, pois ao debruçar-se sobre este tema, Husserl, busca criar uma filosofia radical, na qual as noções de mundo, materialidade, objetividade e subjetividade servirão para desmitificar e dar as devidas dimensões para os problemas deixados pelas ciências. Seu objetivo é sair do insucesso que as ciências positivas trouxeram e estabelecer uma nova ciência.

A ciência nova em que se baseia a análise husserliana objetiva-se a superar a crise, algo que se pretende discutir no capítulo seguinte. Com os prolegômenos iniciais, podemos perceber que as ciências não foram e não estão em um patamar distante do sucesso, em cada área particular das ciências, mas há sucessos e conquistas significativas para a humanidade. É o caso da biologia em sua compreensão da vida e das fases da evolução; a química e a compreensão do átomo, das moléculas e da produção de energia; a física na investigação do universo e dos fenômenos que ocorrem no cosmos e no movimento natural do mundo; a matemática com a racionalização geral de todas as coisas, sobre a aritmética, geometria.

As humanidades não estão distantes deste perfil científico. Cada uma contribui com a compreensão da realidade do próprio ser humano através de sua moral, ética, tradição e cultura. Todas estas características não se esgotam com a normatividade que compreende o mundo. Para Husserl, o problema não se encontra nas particularidades científicas, mas no que se refere às ciências em geral, mediante as transformações da humanidade. "A ciência do espírito é ciência da subjetividade humana na sua referência consciente ao mundo como para ela aparecendo, e motivador do seu agir e padecer; e, inversamente: é ciência do mundo com mundo de pessoas circundante, ou como o que lhes aparece e é válido" (HUSSERL, 2012, p. 235).

Digitalizado com CamScanner

A espiritualidade humana não pode ser mensurada e muito menos determinada cientificamente. As ciências positivas queriam englobar tudo e todos em sua forma de ver e analisar o mundo; entretanto, a ideia de realidade fragmentada não foi suficiente para afirmar o desenvolvimento de uma plena humanidade. Deste modo, seu sucesso perdurou por pouco tempo; teve seus respectivos progressos, mas não foram suficientes como proposta universal, não lograram o devido efeito que as ciências deveriam assumir e problematizar. Assim, a relação entre mundo, objetividade e, posteriormente, racionalidade instrumental, faz com que a ciência se afaste da realidade da finitude do homem.

Portanto, uma nova prerrogativa deve ser acentuada, de uma nova ciência, de um novo método, e de uma noção de ação que pode ser ou não a saída para uma questão: o papel da humanidade e sua vida prática como mundo da vida. A nova ciência é, por assim dizer, o norteador de uma nova filosofia, de um novo método e de uma nova percepção do mundo. Não se encerra sobre si mesma, mas abrange de forma analítica e reflexiva, os caracteres únicos de ambas as partes: *as ciências objetivo-naturais* e o espírito humano em toda a sua complexidade.

Desse modo, para Husserl, esta nova ciência é a *Filosofia Fenomenológica*, entendida como uma razão universal que situa a investigação em busca da resolução da problemática da crise; produz reflexões e questionamentos, críticas e dúvidas. É uma nova relação com o mundo fático que é idealizado e, ao mesmo tempo, embasado pela experiência requerida pela fenomenologia. Uma nova perspectiva de percepção de mundo e, por conseguinte, de nova cultura.

Com este ideal de *ciência nova*, Husserl delineia sua filosofia radical sobre as bases do conhecimento e do propósito ao qual a humanidade está se direcionando. Deste modo, a crise não é o último apelo da humanidade científica, mas um grande diagnóstico que, frente à situação das ciências na modernidade, busca resgatar e investigar as novas possibilidades para a ciência e a cultura humanas.

Digitalizado com CamScanner

3 O PAPEL DA FILOSOFIA ANTE A CRISE

3.1 Critica Fenomenológica às Ciências positivas

Dando continuidade à nossa investigação, iremos prosseguir a análise acerca do sentido ao qual às ciências terão a partir de uma nova reflexão cada vez mais acentuada e aberta sob a relação entre sujeito e objeto, no âmbito da perspectiva da práxis ante a crise que se estabeleceu nas ciências e, de forma singular, na cultura, como resultado do domínio cada vez maior da ciência moderna na vida humana. Estas situações demonstram o quão frágil é a relação do indivíduo com a percepção do mundo e sua proposta de renovação. O que Husserl traz para dentro da reflexão é a guinada fenomenológica e a superação da simples ideia da correlação entre sujeito e objeto, pauta central da epistemologia.

Desse modo, Husserl, se lança para além desta noção e, ao mesmo tempo, retorna ao momento em que há uma gênese de todo e qualquer modo reflexivo acerca do conhecimento e de com o homem compreende o mundo que o envolve. As nuances que a humanidade sofreu e que sofre, como a perda de significado, vontade, conhecimento verdadeiro e existência; são características de sua experiência de vivencia e construção de sentido, no mundo circundante. A crítica de Husserl está embasada na ideia de que uma ingenuidade gestada no universo das ciências positivas, dando ao homem, significados falhos, sem os devidos fundamentos e com respectivas resoluções simplórias acerca do *eu* e da realidade que está a sua frente.

A dicotomia entre sujeito e objeto se amplia cada vez mais à medida que a crítica husserliana logra para si uma nova perspectiva, fenomenológica, que vai para além da esfera puramente causal instituído pelas ciências positivas no âmbito da atitude natural e posteriormente, pelo psicologismo. A razão que transforma o mundo não se limita a um aspecto limítrofe causal, mas age de tal forma que, a subjetividade, não limitada por um *eu* fechado, mas aberto e livre para discernir, apreender e dar sentido e significado à coisa que é externo a ela. Este movimento complementa a visão de Husserl acerca da sua virada epistemológica que tem como cerne, a fenomenologia e a superação da crise das ciências. Num sentido rigoroso de refundação das ciências.

A evolução e a refundação da cultura científica por meio de uma crítica e de uma observação que parte da reflexão filosófica demonstra a condição em que se detêm as ciências, pois estas não interpretam sobre no mundo, mas sim, tratam-no como objeto observado e mensurado, ou seja, as ciências apenas explicam. Sob a perspectiva husserliana, as ciências

Digitalizado com CamScanner

seriam levadas a outro modo de entendimento, deixaria a atitude natural como base de explicação, e se aprofundaria cada vez mais na dimensão da consciência, onde o mundo é definível e construído.

Isto seria feito sob a razão de uma filosofia fenomenológica, no dever de descrever os acontecimentos em âmbitos diversos, como arte, literatura, ciência e a própria humanidade. Para James Dodd, a razão pode ser algo puramente subjetivo e singular, entretanto, não limitado, como a razão do positivismo e de sua prerrogativa de causa e efeito somente; portanto, "a [...] razão, como a capacidade para formar e configurar o mundo pode ser identificado como um modo de realização subjetiva, portanto como a base para uma maneira particular em que o mundo é manifestado para a consciência" (DODD, 2005, p. 35).

Aqui o movimento não é o inverso, mas de maneira que a forma com que a consciência abstraia o objeto isso sim é onde está o foco analítico e lógico-formal, pois a consciência, não fica presa às formas antigas e, acima de tudo, abre-se ao novo, com objetivo moldado não em uma noção objetivista da atitude natural, e sim, no movimento que constitui um novo panorama, que não segue mais às velhas conotações entre o sujeito que percepciona e a coisa percebida. Assim, a subjetividade, não detém a si mesma sob um invólucro, mas abarca de forma renovada, as dimensões em que se situam o mundo.

O que se percebe a partir da análise de Husserl é a constante mudança de pensamento acerca da perspectiva de uma ciência e da reestruturação da filosofia como a base de toda ciência e epistemologia que dialogue com o mundo, dessa maneira, tudo o que surgiu pelo homem é parte do mundo da vida, ou seja, o mundo do cientista e o mundo científico são por si só, uma pertença do mundo da vida.

Portanto, a ideia de ciência não é aquela distante do mundo que permeia a vivência do ser humano e de sua relação com o conhecimento. A ciência não é puramente causal ou um sistema inacessível, mas abrange o diálogo sobre as questões do mundo, seu objetivo é buscar a justa representação e construção da realidade que não permeia um distanciamento com a experiência da vida. Cada vez que as ciências mergulham no impulso da influência positivista ou toda vez que se distanciam de sua real função, o progresso e o desenvolvimento da humanidade tornam-se uma realização instrumentalizada. Além disso, a vida que se dá na experiência extracientífica é aquela em que a consciência se projeta e não se fecha em suas formulações. O objetivismo, a razão natural, não subsume os conteúdos do conhecimento, dando a própria razão um espaço limitado e ingênuo na constituição da relação do sujeito pensante com o objeto ou coisa intencionada.

Digitalizado com CamScanner

O que encontramos aqui, não limita a investigação husserliana, pelo contrário, busca elucidar ainda mais, o caráter formal e lógico da teoria do conhecimento. Dessa forma, o que é testemunhado pela experiência é o verdadeiramente válido. Os entes como verdades científicas contidos nele, são o grande construto que pertencem a todos os mundos possíveis. Desse modo, os fins da comunidade humana, ou seja, seu *télos* universal, comum a todos, esboça o viés mais singular da relação entre mundo da vida e realidade da consciência humana. Porquanto, até mesmo a filosofia teria outro sentido, o dos antigos, das proporções racionais da pura *ratio* na compreensão do mundo.

Assim, a crítica exercida sob a razão objetiva e natural do mundo, em que a ciência moderna mergulhou tão veementemente, escapa a uma simples análise e reflexão de refundação. Husserl necessita demonstrar de que maneira a humanidade e, por conseguinte, o conhecimento recaíram neste déficit que foi a atitude natural ante à existência humana. É perceptivo que, na crítica acerca das ciências, o ser humano encontra-se também em outro patamar e em outra circunscrição que ainda está na base da existência, mas que pertence como sentido último e mutável, ou seja, a configuração *teleológica* do homem.

O mundo do cientista, o mundo como o conhecemos é uma transformação ininterrupta de fatos, acontecimentos e registros científicos. Não é de se estranhar que o cientista é este ser que se encontra no mundo da vida, sob a vontade de mensurá-lo. Este perceptível sinal se estabelece na constituição da razão instrumental encontrada nas ciências positivas, portanto, não evoluem em suas dimensões acerca da realidade, pois a interpretação não é o percurso, mas sim a descoberta, o método, ou seja, explica-a ao invés de investigá-la e problematizá-la no âmbito da consciência.

Portanto, em nenhum momento, o mundo do cientista, perdido nas ondas das ciências positivas, jamais poderá encontrar a verdadeiras nuances da condição da experiência da vida, e como resolução falha, da noção de existência humana, para Husserl, a existência humana é dependente do sentido de fim para todo e qualquer significado, ocasionando dessa forma, o desdobramento sob a ótica do pensar e do agir. "A verdade é considerada como uma ideia que se vai realizando, constituindo progressivamente, em um processo infinito de evidenciação. A filosofia seria a luta da humanidade por compreender a si mesma, a revelação da razão universal inata a humanidade enquanto tal[11]" (FREITAS, 1980, p. 29). Sob este ideal, concentra-se a

[11]La verdad es considerada como una idea que se va realizando, constituyendo progresivamente, en un proceso infinito de evidenciación. La filosofía sería la lucha de la humanidad por comprenderse a sí misma, la revelación de la razón universal innata a la humanidad en cuanto tal (FREITAS, 1980, p. 29). As citações diretas da respectiva obra traduzida, foram todas feitas pelo autor do trabalho.

Digitalizado com CamScanner

superação das ciências, mediante a filosofia, pois esta se dedica às bases fundamentais do conhecimento e da retomada de um percurso que dê o devido significado aos objetos em si e inclusive, ao próprio homem.

A filosofia seria assim, uma grande luta da humanidade para compreender a si mesma e sob a relação de verdade universal, gestada na humanidade enquanto tal. Esta compreensão é necessária, pois ao desvencilhar-se das ciências positivas com suas influencias e método; abre-se possibilidades reflexivas as quais foi-se perdendo no decorrer de sua constituição no mundo. Dessa forma, enquanto oposição às ciências positivas, que deram à humanidade a possibilidade de relativismos e de incertezas em consequência de um mundo explicado e pensado apenas sob a experiência natural.

O ser humano, com todas as suas múltiplas características é um ser no espaço e no tempo e cabe a ele, dispor dos instrumentos mentais que possam delinear não só as ideias como a ação diante da reflexão do mundo. Isto posto, percebe-se que Husserl expõe o horizonte da temporalidade, destinada àqueles que vivem e agem num tempo determinado. Desse modo, a ciência é, portanto, uma tarefa parcial da grande e "verdadeira ciência", a Filosofia. Por que isso? Simples, esta grande mestra e deusa que está numa busca constante da interpretação e reflexão da verdade, se propôs a investigar e conhecer o universo, o mundo que se perdeu no grande e nocivo mar do positivismo, em meio a atitude natural. "A filosofia está no mundo como ramo das modalidades temporais fluentes preenchidas pelo mundo. Ela contém em si, no entanto, uma temporalidade histórica própria, e forma, por assim dizer, um mundo próprio do *logos*, referido ao mundo a que, por sua vez, à sua maneira pertence" (HUSSERL, 2012, p. 412). Percebe-se que não é um mundo desinteressado ou avulso de forma aleatória, mas sim, o mundo circundante presente; do aqui e agora, do tempo presente.

Neste ínterim, também a cultura estaria neste meio, não como um objeto passivo de acontecimentos, mas como um bem a ser cuidado e preservado, a cultura europeia, embebida pela atitude natural, perde seu objetivo final de compreender a existência e o sentido último das coisas. Desse modo, "[...] a cultura é, em parte, bem cultural para o presente, endereçado aos grupos humanos presentes e à sua vida finalística presente, ou seja, vivente do presente para o futuro, precisamente segundo fins, em interesses que agora se tem pelas quais se é um homem do presente" (HUSSERL, 2012, p. 421). Mesmo tendo se projetado em relação às suas realizações, a humanidade vive o aqui e o agora das transformações no âmbito da ciência e da cultura. Tendo em vista que, a cultura se viu perpetrada pela ideia da atitude natural, adentrando numa crie que não se limitou às ciências, mas a própria cultura, pois o projeto iluminista falhou

Digitalizado com CamScanner

em dar o suporte à vida cultural, inclinando-se apenas a noção objetiva dos fatos. Uma modernidade científica em que se supervalorizou a técnica e a instrumentalização. Dessa maneira, Husserl trata de atualiza-la sob a base de refundação epistemológica por meio de sua fenomenologia.

> A fenomenologia de Husserl cumpre assim a tarefa de justificativa racional de uma metodologia epistemológico-filosófica que não só está atualizando o pensamento iluminista no período contemporâneo, dado seu foco na consciência como objeto filosófico por excelência, bem como deriva o argumento transcendental de Kant para oferecer o fundamento da razão em geral em nossa época. (SENRA, 2020, p. 20-21).

Isto posto, nada pode ser mais exitoso neste progresso humano e científico, do que uma influência que não logre o sentido *teleológico* do homem sob os aspectos das ciências; apenas as ciências positivas se contentariam com tremenda limitação, não por carecerem de uma verdade, mas sim, pela busca do conhecimento que se tornou fragmentário, demasiado objetivo, com incongruências e com resoluções sem o devido prognóstico e fundamento, que está intrinsecamente ligado à consciência; pois é na consciência que se dá a reflexão, interpretação e o questionamento da própria existência, seja do método, como da vida em seu todo.

> A crítica de fundo de Husserl contra o naturalismo é sua ‹‹ingenuidade›› ao estudar as coisas sem questionar sua mesma existência. Se faz necessária uma teoria do conhecimento livre de pressupostos, que sirva de fundamento a todo o saber cientifico, pois de nenhum modo as ciências naturais podem desempenhar essa função de fundamento (FREITAS, 1980, p. 32).

A ingenuidade que está dentro da atitude natural, faz com que Husserl explane acerca da sua atividade e funcionalidade que em um âmbito bem maior, não desenvolveu com êxito a perspectiva da condição humana em sua totalidade. Tudo para seu método é matemátizavel e experiencial e qualquer função é causal, ou seja, para a perspectiva da atitude natural a qual as ciências se debruçaram (e que não é um mal, pois é deste modo que se tornam efetivos as investigações do mundo natural, pela observação), o que pode ter como validade é o que está sendo visto, o que pode ser mensurado, o que pode ser esquematizável sem a devida projeção da consciência em tentar significar o objeto, não de forma decisiva, mas com seus pormenores e implicações.

Digitalizado com CamScanner

A ingenuidade que figura na atitude natural, em que incorre as ciências positivas é de ter deixado a "razão", em seus pormenores, tomar as rédeas, pois o pensamento, a possibilidade de conjecturar, foi produzido com a exclusão da razão em detrimento de uma verdade psicológica natural, esquecendo-se das essências: "Em realidade, Husserl quer distinguir nitidamente entre o mundo das coisas naturais – afetado pelo espaço – temporalidade, permanecia individual, relações de causalidade -, e o mundo originário dos fenômenos psíquicos, que é de uma ordem totalmente distinto, não natural" (FREITAS, 1980, p. 32).

Em Husserl, Ciência não é uma imagem de mundo corporificado somente, muito menos, uma interpretação de coisas que pode ou não ser mensurado por mediação da experiência. Mas sim, sua permanência e desenvolvimento, que diz respeito à consciência do ser humano de poder dar sentido ao mundo que o circunda e que está repleto de significados e sentidos. Ela, a ciência, é uma pura realização espiritual, com suas indagações e perspectivas novas, com suas noções e remodelações de significados mediante a existência. Algo que a ciência, mesmo com seus êxitos não resume em uma atitude interpretativa.

> Na luz disso, ciência para Husserl não é uma imagem de mundo, uma interpretação de coisas que pode ou não pode ser acurado, mas em profundidade de um sentido isto é parte de uma experiência em que o mundo é corporificada. Ciência em si mesma, como Husserl estado, é uma realização espiritual; isso, também, pertence para o 'mundo circundante', como a (bem sucedida) formulação de um entendimento das coisas encontradas nisto (DODD, 2005, p. 36).

Isto posto, a ciência não se resume a mera factualidade em que está alicerçada, mas ela deveria transcender esta perspectiva, desse modo, não seria delimitada a pura experiência em que está fixada. "[...] Husserl sustenta que a razão deve ser desenvolvida em prol das mais altas aspirações valorativas do espírito humano". (SENRA, 2020, p. 24). Assim, na situação em que se situa as ciências, seu dever é a desmitificação da natureza e, por conseguinte, com a existência humana. Sem esta finalidade para com a razão, e com o sentido e significado das coisas, Husserl tenta direcionar a ciência sob uma nova via, que é mais radical e que por si só, refunda os conceitos e essências investigadas.

Debruçando-se sob a crítica às ciências modernas, Husserl percebe o princípio do problema que proporcionou as modificações e decadência tanto da cultura, e mais singularmente nas ciências. A crítica de Husserl à racionalidade instrumental que não transcende o objeto enraíza-se nesta tentativa de fazer uma restauração, como também um resgate da racionalidade filosófica – assim sendo, ele tenta resolver e buscar a solução

Digitalizado com CamScanner

substancial no âmbito da teoria do conhecimento, que por sua vez, tem raiz no *mundo da vida*. Alicerçado pelas ciências positivas, a razão se instrumentaliza e não se adéqua às suas próprias nuances; desse modo, não há um progresso, mas uma perspectiva e abertura falha dos seus fundamentos. Portanto, a tarefa husserliana é tentar romper esta visão de mundo em que o psicologismo incorre. Ele (psicologismo) é uma "teoria do conhecimento" que nega a possibilidade de justificar racionalmente o próprio conhecimento.

Apesar de ser muito útil a discussão do psicologismo, não iremos nos ater sobre ele, entretanto, será visto no decorrer da nossa reflexão, o mesmo conceito e ideia como resquícios de insuficiência das ciências positivas. Em vista disto, "[...] a humanidade necessita de uma filosofia científica, solidamente fundada, plenamente radical. Uma filosofia que segundo Husserl, só se pode conseguir com o método fenomenológico que ele defende" (FREITAS, 1980, p. 34). Uma filosofia pura e plenamente científica, radical e essencial, para a humanidade vigente. Não determinada pelo historicismo, mas por sua noção de dedicar-se aos problemas do mundo dos acontecimentos e da realidade humana.

Enquanto as ciências positivas se detiveram na dimensão da atitude natural, explicando e configurando o mundo por meio de pressupostos empíricos a reboque da modernidade, elas deram uma ampliação geral de sentidos, isto fez com que a humanidade adentrasse na crise, não pela falha das ciências em suas explicações, mas sim, pela inexpressividade ante a vida e a existência, e neste sentido, uma crise cultural. O objeto do conhecimento que além de ser percebido e conceitualizado, faz com que o indivíduo vá para além do factual do puro objetivismo, nestas prerrogativas se constroem a perspectiva de restauração filosófica, e mais precisamente, a filosofia como ciência de rigor, "[...] a unidade entre o ato de conhecer e objeto que é conhecido encontra na fenomenologia, na ciência do fenômeno, isto é, da consciência enquanto manifestação de si mesma e das significações objetivas, a possibilidade de instauração da 'filosofia como uma ciência rigorosa' " (CHAUÍ, 2005, p. 8). Husserl não modifica a estrutura da epistemologia na ordem do sujeito e do objeto, mas trata com sua via fenomenológica, uma refundação dos pressupostos como também da ideia de filosofia.

Assim como a perspectiva histórica, a ciência também expressa o mundo em que está localizado. Ou seja, quer fazer com que sua lógica e sistemas, sejam suficientes para suprir às necessidades do mundo pré-dado, do mundo como volição. Desse modo, duas perspectivas são necessárias, a saber: (a) o *mundo*, ou seja, em suas configurações e (b) o *logos* como razão, a palavra que caracteriza as nuances a qual estamos inseridos no ato de refletir a condição da realidade.

Digitalizado com CamScanner

> A ciência de cada presente pretende ser *lógica*, pretende trazer a uma intelecção mais avançada o mundo que é pré-dado a este presente, com as suas validades "científicas" pré-dadas sedimentadas como validades esvaziadas na sua assertividade, ainda que novamente restituíveis à originariedade – até onde o podem ser -, e ser uma ciência melhor e mais rica em conceitos e problemas, ainda que seja por meio de precisões críticas da ciência herdada etc. A tarefa das ciências particulares é, contudo, parte da tarefa filosófica, uma região abstrata do mundo, um território privilegiado por um interesse particular, que é parte do território universal – *mundo*, a que pertence o mundo pré-dado inteiro, com todas as suas intuitividades, as suas opiniões, bem como as suas ciências, os seus estratos logicamente inteligíveis – logicamente inteligíveis sobre o fundo de pré-dação a que pertence também o *logos* sedimentado (HUSSERL, 2012, p. 409).

Portanto, sendo ela mesma predisposta num determinado lugar no tempo, a lógica, a reflexão filosófica e a noção de verdade, perpassa sob a ótica da mutabilidade histórica, que não sendo linear, pode demonstrar as nuances existentes no percurso da descoberta científica[12]. As ciências particulares fazem parte desta gama de possibilidades práticas, pois o mundo pré-dado, pré-organizado e sistêmico, dialoga com a noção de que o que está sendo investigado e descoberto, seja em curto ou longo prazo é uma adesão universal na linguagem científica, pois vai além das delimitações do construto natural e abre espaços para as essências e suas possibilidades interpretativas.

Desse modo, as ciências não estão distantes de sua renovação e restauração sob o critério de sentido e significado de mundo para a humanidade; mas para adentrar nesta mudança, é necessário perceber o que poderia ainda ser motivo de descontinuidade do seu progresso, em todas as suas dimensões práticas, ou seja, sua forma mais pura de entender e desvelar o que é escondido. Apesar de dar valor à experiência, as ciências buscam a legitimação de determinado objeto investigado, portanto: "A descoberta é uma mistura de instinto e método. Mas deverá perguntar-se uma tal mistura pode ser filosofia ou ciência em sentido rigoroso, se, em sentido último, e no único sentido que nos pode servir para uma compreensão do mundo e autocompreensão, uma tal mistura pode ser um conhecimento do mundo" (HUSSERL, 2012, p. 31).

---

[12] A ciência caracteriza-se, segundo Husserl, por centralizar-se na noção de unidade, pois é na medida em que existe uma unidade entre ato de conhecer e seu correlato (aquilo que é conhecido) que se pode falar de ciência. Essas conexões se dão em dois níveis: primeiro, o das coisas que são visadas pelo pensamento, ou ainda, pelos atos do pensamento; segundo, o das verdades. Isso, contudo, não significa que exista uma distinção entre as verdades que dizem respeito às coisas e as verdades que se referem às próprias verdades. Se se aceitasse essa distinção, ficaria anulada a pretensão de estabelecer a unidade da ciência. Portanto, a ordem das verdades não é apenas a ordem do pensamento apolítico, pressupõe ainda a esfera das condições *a priori* de possibilidade e de seus métodos. Toda ciência pressupõe, portanto, a camada noético-noemática transcendental, que determina as significações ideais de um certo campo de conhecimento (método) capazes de apreendê-las. Eis por que a diferença entre ciências da natureza e ciências do espírito é uma diferença absoluta, segundo Husserl (CHAUÍ, Marilena de Souza. **Ciência e Consciência**. In: HUSSERL, Edmund. **Investigações Lógicas**: sexta investigação. Tradução. Željko Loparić e Andréa Maria Altino de Campos Loparić. São Paulo: Nova Cultural, 2005, p. 8).

Digitalizado com CamScanner

A mesma descoberta tem como princípio uma perspectiva geral, universal, mas que ainda tem um viés "particular", que não abrange a mensuração necessária e adequada para a investigação, desse modo, a deixaria somente sob um aspecto causal, sem dar seu devido prognóstico ideal, imanente e *a priori*, há para Husserl, as duas acepções, a mental que dá o devido suporte a estrutura de organização de determinado fato e na experiência como aplicabilidade, ambas devem se fluidas e ter como princípio, a razão que possa abranger as duas realidades, uma autentica razão filosófica.

Ao analisar esta perspectiva, Husserl faz memória de Galileu Galilei [13], como criador da física moderna. Ele, ao fazer explicações e descobertas sobre as órbitas planetares e de que tudo na natureza está em constante mudança, traz para o pensamento da época, novas implicações sobre as concepções de verdade, pois fora esta modernidade científica que a Europa mergulhou, uma cientificidade do dado apenas, em que as essências e a consciência, não deteriam valor científico segundo o ideal da época. "Husserl não pretende aqui, como veremos, invalidar os resultados apresentados nas ciências, mas sim apontar para seu caráter essencialmente relativo ao homem racional, relatividade que carece de explicitação e clarificação" (SILVA, 2009, p. 653). A ciência, ainda como um método prematuro no início da modernidade, era dependente de uma forma de pensar muitas vezes mítica. Entretanto, há com o começo da modernidade, uma cisão categorial entre razão e fé, mito e verdade, investigação e dado em si.

Desse modo, com o alvorecer desta modernidade em que a experiência é o cerne do pensamento, se modificou as concepções de investigação e, acima de tudo, sobre a noção de verdade, que não estava mais veiculada a uma crença religiosa, este despertar que se empreendeu com Galileu e que perdura até os dias de hoje, traz como modelos de reflexão a perspectiva da funcionalidade e sobrevivência da filosofia e da ciência na sociedade. Dessa forma, aos poucos, a partir das concepções de Hume sobre a causalidade de eventos e no processo de entendimento humano, introduziu-se nesta investigação do mundo, uma visão cada vez mais natural, e mesmo sob os aspectos da lógica, ainda assim, era soberana a relação entre fato e experiência.

---

[13] Galileu tornou-se o criador da física moderna, quando enunciou as leis fundamentais do movimento; foi também um dos maiores astrônomos de todos os tempos, pelas observações pioneiras que fez com o telescópio. Estas descobertas foram resultado de uma nova maneira de abordar os fenômenos da natureza e nisso reside sua importância dentro da história da filosofia (PESSANHA, José Américo Motta. **Princípios do método científico**. In: GALILEI, Galileu. **O Ensaiador**. Tradução. Helda Barraco. São Paulo: Nova Cultural, 2004, p. 7).

Digitalizado com CamScanner

Assim sendo, o fundamento do conhecimento tornou-se fragmentário a medida que não as ciências como a sociedade aderiam à atitude natural, ou seja, a postura do "*ser* possuído pelo mundo", numa razão sob o olhar instrumental. "Assim, a realidade se reduz à verdade, e a verdade, à consciência. O centro de gravidade passa pelo sujeito" (XIRAU, 2015, p. 44). Como sujeito do conhecimento, a busca pela verdade sob a ótica da perspectiva da análise do mundo não é limitada pelo apoio do perfil da psicologia, mas sim, a uma subordinação de uma psicologia descritiva, antes de ser desenvolvida como fenomenologia, a consciência para Husserl é onde se dá toda reflexão, interpretação e as conclusões sobre o mundo e suas possibilidades, ela a consciência, não está fora do mundo objetivo, mas dá a este significado reflexivo algo que as ciências não dão conta.

> Husserl procura restabelecer o sentido do mundo e dar a vida e ao pensamento uma orientação inalterável. Não é possível fazê-lo de maneira ingênua. É preciso aceitar com decisão as críticas e as dificuldades. Não é possível dar um passo atrás sem renunciar ao exercício da razão e, à própria filosofia (XIRAU, 2015, p. 45).

Como herdeiro dos ensinamentos de Brentano, criado na escola psicologista de seu mestre, Husserl az uma cisão ao perceber a insuficiência dessa doutrina e se dedica a refutá-la e restabelecer o sentido filosófico das ciências e do mundo da vida, que fora abandonada com a chegada da visão positivista. Desse modo, o psicologismo anseia por colocar dentro de sua frente psicológica a matemática e a lógica, sendo que, para Husserl, isto gera uma insuficiência que delineou a crise que se estabeleceu na cultura e nas próprias ciências. Esta psicologia científica com pressupostos causais, não é precursora da lógica, mas a lógica é quem tem precedência em qualquer ciência.

A atividade das ciências positivistas sob esta reflexão jamais realizou o devido sucesso, pois sob a acepção de ideia natural, sob as causas e efeitos limitaram a formulação de ideias gerais acerca da essência, da experiência como também para o sentido da existência do "homem europeu". As ciências naturais têm seu devido fundamento, sendo que para estas, a experiência e observação são cruciais; por sua vez, elas não são uma base final teórica acerca da reflexão sobre o mundo e suas configurações.

> As obras filosóficas do passado, concede Husserl, no oferecem esboços que representa, um sério trabalho intelectual, que poderiam preparar o estabelecimento de sistemas de saber cientificamente rigorosos, mas, em sua opinião, nada disso pode ser considerado como um fundo de ciência filosófica. [...] Husserl considera imperativo e oportuno expressar esta convicção [...] que pretende contribuir a «uma significativa

Digitalizado com CamScanner

> virada da Filosofia e preparar o terreno para o futuro 'sistema' da Filosofia» (FREITAS, 1980, p. 37).

Os fatos em si, não contém sentido sem a devida reflexão. Logo, aqueles sentidos em que estão implicadas as essências das coisas, não se resolvem, mas se fragmentam em ingenuidades teóricas sob uma região intelectiva frágil, que é a tentativa de explicar o mundo sob uma única via. Existem duas realidades, dois reinos diversos e irredutíveis; isto posto, enquanto a primeira se formula e desenvolve-se no espaço e tempo, o segundo demonstra que as essências, diferente dos fatos que surgem e desaparecem, elas por sua vez, são eternas. É esta noção que as ciências ao deixarem-se inclinar à atitude natural, abdicam toda e qualquer função que caracterize as ideações que surgem antes de abstrair e lançar-se ao objeto.

As confirmações exatas e perspectivas sobre a realidade são circunstancias que se endereçam as ciências, "[...] no progresso infinito das teorias corretas, agrupadas respectivamente sob o título de 'ciência da natureza de uma época', temos um progresso de hipóteses que são todas elas, hipóteses e confirmações" (HUSSERL, 2012, p. 33). Entretanto, o progresso que deveria ser efetivo na realização de uma autentica ciência, com fundamentos e uma razão que ordenasse a cultura, os avanços e a sociedade, não foram efetivadas de modo que pudessem responder às questões mais elementares da existência humana.

A ideia de ciência como entendendo mundo, não se resume a uma simples demonstração objetiva, mas que supera esta perspectiva, desse modo, o que pode situar-se neste caminho é o complexo movimento das ciências sob o mundo circundante que é puramente objetivo, mas em Husserl, sob a noção de mundo circundante, vê nela a possibilidade de ir além desta limítrofe concepção, ou seja, das ciências positivas, estas visões de mundo objetivos e naturais somente, não abrem espaço necessário para o significado experimental da ciência e acima de tudo, da cultura.

> A disciplina que não apenas pretende ser ciência de rigor, bem como indica que a consciência é propriamente o objeto da análise filosófica é a Fenomenologia, cujo estudo se volta para os objetos tal como aparecem enquanto fenômenos para a consciência e de que modo a experiência consciente pode fundar o conhecimento racional [...] a crise da razão significa exatamente a crise da consciência, do humanismo, do sujeito, dos valores referenciais capazes de unir as pessoas em torno de causas fundamentais que sejam de interesse público de todos. Esta crise foi produzida pelo processo de objetivação, naturalização do pensamento pela razão instrumental aplicada a fins práticos [...] (SENRA, 2020, p. 27).

Digitalizado com CamScanner

Ao falar acerca do sucesso das ciências, Husserl, se refere à perspectiva de realização de mundo que configura à sua compreensão mediante a ciência com base fenomenológica, uma ciência rigorosa propriamente dita. Desse modo, uma particular significação de manifestação das essências. "O porquê da razão, ou relação para ciência ser complexo é porque, como seres racionais, nós somos incapazes para manter isso dado pela ciência, porque ciência é também operativa no nível muito de revelação-mundial em si mesmo" (DODD, 2005, p. 36). A ciência tem como cerne, esta compreensão e entendimento do mundo, entretanto, sua tarefa não se encerra neste aspecto, mas em uma noção mais profunda da realidade, que não é considerada a uma simples forma objetiva de pensamento, mas que transcende a relação entre mundo e sujeito pensante.

Para Husserl, a insuficiência das ciências positivas, está na junção do próprio método delas, ou seja, da atitude natural. Ele não pretende mudar a estrutura epistemológica, mas trata de construir uma via em que a condição epistemológica está alicerçada na refundação e na renovação dos antigos pressupostos, superando-os. Portanto, as ciências positivas em seu limitado objetivo não resolvem a questão fundamental da epistemologia, ou seja, o alcance a objetividade desta inter-relação sujeito-objeto. O positivismo seguindo a ideia da atitude natural tenta fazer com que o heterogêneo seja resumido numa homogeneidade, e nisso, acaba por limitar e tirar a autonomia do sujeito, da ciência, e da filosofia – a crise científico-cultural se dá no esquecimento do fundamento filosófico. Portanto, com esta perspectiva há uma anulação acerca do dualismo sujeito objeto. Para o naturalismo, a única realidade é a perspectiva causal-natural.

Com esta acepção, há uma fragmentação e ruptura do sujeito do conhecimento, a partir do momento que se considera apenas a realidade natural, abdica-se da perspectiva intelectiva e cultural do homem, ocasionando não somente a crise cultural, como de identidade também. Sob esta ótica, nota-se que não há adesão sob o que está na compreensão pré e extra científico, se não podemos abstrair objeto ao qual nossa intencionalidade se volta, então o conhecimento verdadeiro e justificável não é possível, desse modo, uma razão psicológica somente às bases naturais, não seriam suficientes para o real sentido dos aspectos mundanos e humano. No momento em que pensamos o objeto, já o abstraímos, o transcendemos, o projetamos à vontade e o sentido de algo que agora, segundo a razão, está além do mundo natural.

As ciências, não poderiam com o auxílio do positivismo, universalizar esta visão formadora de mundo e de verdade baseada na experiência somente. Desse modo, a razão como ordenadora dos princípios de compreensão; a lógica, como forma de pensar corretamente, a

Digitalizado com CamScanner

hermenêutica, como instrumento poético de interpretação e ressignificação. Portanto, razão, lógica, hermenêutica, cultura e ciência estariam em uma única forma de pensar e agir racionalmente, esta única perspectiva radical e necessária para Husserl é a filosofia como ciência rigorosa. O fenomenólogo é aquele que ao descrever as nuances do mundo e da cultura, adentra na realidade de possibilidades duais, o sujeito que abstrai para além do objeto, transcendendo-o, e neste meio tempo, o objeto, que em seu sentido e significado, não é somente passível, há uma verdade, algo a ser desvelado, algo que a limitada linguagem humana não consegue descrever totalmente, mas a fragmenta até o limite.

Assim, a crítica filosófica husserliana às ciências, não se destina a refutar o pressuposto de desenvolvimento destas, mas sim, dar ressignificação e refundação deste instrumento racional, que não pode ser levado simplesmente às bases de uma perspectiva mundana causal. A *constante filosófica* aqui é a possibilidade de se pensar o mundo e seus dados, o ser humano em sua existência e *télos* e as ciências, como uma forma de empreender modificações reflexivas e práticas auxiliadas pelo mundo da vida. "A filosofia, na sua origem antiga, pretendia ser 'ciência', conhecimento universal do universo do ente, não conhecimento quotidiano vago e relativo – δόξα – mas conhecimento racional: ἐπίστήμη" (HUSSERL, 2012, p. 52). A ciência tem sua autonomia e desenvolvimento. Husserl direciona sua reflexão sob este propósito, de que as ciências devem ser auxiliadas pela filosofia, a sublime ciência por excelência, rigorosa, metódica, reflexiva e interpretativa.

O conhecimento e sua efetivação em diferentes situações da realidade, não podem e nem devem ser limitados por algum tipo de racionalidade que implica as ciências positivas e sobremaneiramente sua reflexão epistêmica natural, o psicologismo. Ao perceber esta insuficiência, Husserl esclarece que o conhecimento é fenomenológico, que transcende o ideal de verdade puramente natural, que abrange uma racionalidade única e fundadora, uma racionalidade crítica, que perpassa por todos os conhecimentos dando sentido a vivencia humana.

> Com o poder do conhecimento crescente e sempre mais perfeito do todo, o homem conquista também um domínio sempre mais perfeito sobre o seu mundo circundante prático, domínio que se amplia num progresso infinito. Aqui se inclui também o domínio sobre a humanidade pertencente ao mundo circundante real e, logo, também sobre si mesmo e sobre a co-humanidade, um poder sempre maior sobre o seu próprio destino e, assim, uma "felicidade" – a felicidade pensável para o homem de modo em geral racional – sempre mais completa (HUSSERL, 2012, p. 53).

Digitalizado com CamScanner

O sentido *teleológico* em que está implicada a problemática de Husserl acerca das ciências se detém sob os aspectos de fato, finalísticos da humanidade, qual seu objetivo e razão fundante. Em meio à noção de certezas e crenças, acabou por aderir um sistema de conhecimento que retirou seu sentido e a perspectiva de felicidade, não a algo que fosse perene, mas que desse à dimensão da existência o devido conforto. Nessa ideia de conforto existencial, até mesmo a religião seria um dos entraves que tentam dar o alivio existencial do verdadeiro temor, que é a morte e o esquecimento.

As ciências trouxeram uma nova visão de mundo, um novo modo de explicar a realidade, a problemática está na não realização daquilo que seria para a existência um significado efetivo às necessidades humanas, portanto, entram na crise, dando ocasionando para a cultura a perda significativa do sentido espiritual; "[...] o cenário de desgraça que acometeu o continente de 1914 a 1918 revelou uma ausência de sentido na cultura europeia e colocou em jogo a força impulsionadora que mantinha acesso o espírito daquela humanidade" (MESQUITA, 2020, p. 28). Os dois eventos marcantes da história da humanidade, as duas grandes guerras, mostraram a insuficiência das ciências positivas, pois retiraram o sentido referencial da existência, e neste caso, do mundo da vida. Dadas às circunstancias de uma ciência e de humanidade falha inseridas nos fatos, é correto afirmar que: "O homem é, assim, efetivamente, a imagem de Deus. Num sentido análogo, tal como a matemática fala de pontos, linhas etc. infinitamente distantes, pode-se dizer aqui, em comparação: Deus é o '*homem infinitamente distante*'" (HUSSERL, 2012, p. 53). Distante do mundo da vida e das interpretações acerca do mundo.

Portanto, ao se tornar homem de fatos somente, ao se transformar em um ser que decide firmar-se sob uma razão frágil, perde-se a racionalidade filosófica inerente a cada indivíduo da cultura, a perda de fundamentos e de estabilização de uma noção de mundo multifacetado, em que a consciência se dedica em ir além, não se sustenta, pois, cada razão que é estipulada pelas ciências positivas e suas vertentes não consideram a possibilidade do conhecimento, esta ingênua concepção deturpa a racionalidade, ocasionando na perda de sentido adentrando num ceticismo sem o sinal de embasamento de conhecimento como *ratio* humana.

> A ideia de um "fato" pertencer do contente de afirmar de ciência acerca do que é para ser considerado racional/significado com respeito para o mundo como tal; mais importante, isso determina que tipos de questões pode ser posado: sem questão isso não faz urso, diretamente ou indiretamente, sobre uma questão de fatos é significativa, nem é quaisquer resposta para a questão do fato de si mesmo não faz chegar no que é o caso de fato. Nós podemos chamar essa perspectiva

Digitalizado com CamScanner

> objetiva de ciência "factológica", [...] a *lógica do mundo como uma lógica de fatos* (DODD, 2005. p. 37).

Quando Dodd se refere a ciência de fato, abre a possibilidade de reflexão acerca da noção de cientificidade fragmentária das ciências positivas; o positivismo, estabelece apenas suas verdades de forma fechada em relação à metafísica, ontologia e sobre o significado da existência humana. Seus sistemas, como por exemplo, a psicologia como ciência primeira, dando fruto ao psicologismo na pura ação da atitude natural, em que os fenômenos da realidade circundante seriam mensurados pelo aspecto psicológico.

A noção positivista esboça somente uma visão de mundo, ou seja, uma realidade factual. Isto delimitaria não só o mundo como também o próprio homem. Apenas fatos podem ser mensurados e nada mais. Este foi o fracasso das ciências positivas, pois tornaram-se quase que "dogmáticas" e sem o verdadeiro escrutínio dos fundamentos do conhecimento. Portanto, a lógica do mundo, seria para o positivismo, uma realidade de fatos. Assim, até mesmo a matemática e a lógica, seriam colocados sob este patamar.

O movimento epistemológico que Husserl emprega para refletir e restaurar as ciências é uma tarefa hercúlea, pois, não é de fácil resolução, desde que o ideal do positivismo se emaranhou na história científica incisivamente. A esta visão de mundo somente mensurado e sem possibilidade de abstraí-lo, se perfaz toda e qualquer mácula nociva tanto na cultura, nas ciências e para a própria filosofia, que em meio a este patamar sem fundo de crítica *teleológica*, depara-se com um grande perigo, pois corre o risco de além de ser deixada sob a periferia da reflexão científica e para além dela, há a perspectiva de sua total "morte"; pois tanto o objetivismo e sua relação estrita com a falta de reflexão fundante das coisas, leva a uma limitação a própria racionalidade.

> Uma Ciência do Espírito liberta da ação positivista deveria evocar, consoante a análise de Husserl, um sistema científico próprio desenvolvido do racional puro a partir de uma verdade assentada na essência do homem. [...] o tratamento positivo-naturalista de igualar os diferentes tipos de essência das realidades naturais e espirituais, resulta numa Ciência do Espírito incapaz de racionalizar a experiência empírica adequadamente, em virtude dos fundamentos que, para cada uma das esferas, se distinguem (MESQUITA, 2020, p. 31).

Para o objetivista, a relação do mundo com o indivíduo é puro causa e efeito, não tendo como fundo teórico e "prático" as pressuposições para tal conhecimento de forma interpretativa e reflexiva de fato, ocasionando em resoluções simples. Sob este aspecto, nada seria subsumido

Digitalizado com CamScanner

pela mente do sujeito do conhecimento. "O que Husserl pensa por 'fatos' é qualquer coisa localizada no mundo objetivo, goste um objeto no espaço e tempo ou um evento no interior um nexo de causa e efeito. Referente, em outros mundos, para um pensamento de visão purificada das coisas, um que é chegado à via de uma exclusão de processo" (DODD, 2005, p. 37).

Para Husserl, segundo Dodd, é clara uma distinção para superação desta vertente nociva às ciências, a cultura e para a filosofia. A ideia de uma filosofia científica, uma *cientificidade transcendental*, percebe-se que se abre a possibilidade de compreender o dado do objeto e, por sua vez, resgatar a ação da razão como sentido universal, a razão que o mantém sob seu significado prático. Assim, temos que dar os primeiros passos para demonstrar a *cientificidade transcendental* como superação deste objetivismo.

> O característico do *objetivismo* é mover-se sobre o solo do mundo obviamente pré-dado pela experiência, e perguntar pelas suas "verdades objetivas", por aquilo que, para esse mundo, é incondicionalmente válido, válido para todo o ser racional, segundo aquilo que ele é em si. Realizar isso universalmente é assunto da episteme, da *ratio* ou da filosofia. [...] transcendentalismo afirma, pelo contrário, que o sentido do ser do mundo da vida pré-dado é uma *configuração subjetiva*, realização da vida empírica pré-científica (HUSSERL, 2012, p. 55).

Sob esta nova característica as nuances da epistemologia no sujeito transcendental, não se limitam às convenções do objetivismo, tendo como princípio, o mundo pré-dado pela consciência, pela compreensão e volição em ralação ao objeto. Portanto, as verdades objetivas sustentadas somente em si mesmas, não concebe qualquer problema que não seja somente os que são propostos pelo positivismo e, neste caminho, nem mesmo seus problemas são solucionados. Assim sendo, cabe à nova filosofia e ciência refundadas, beber do transcendentalismo, não para estar na idealidade pura, mas para desvelar esta racionalidade que abrange todos os corpos e nuances espaço temporais do mundo, aquilo que está além desse espaço e tempo, o sentido significativo do objeto que em sua primeira instancia, já é superado pelo sujeito.

> A orientação em direção a uma tal purificação, objetivo doação é o objetivo de que Husserl chama de "objetivismo". Ele usa este termo em sentido pejorativo; ainda assim deve ser enfatizado esse ímpeto detrás é objetivismo novamente e muito sucesso de articulação da lógica do mundo como fato no interior da ciência física. Objetivismo procura esse sucesso para dentro de toda esfera do entendimento humano, em parte até cultivado uma sensibilidade para a demanda para excluir a subjetividade meramente subjetiva como irrelevante com respeito para um entendimento de "realidade" (DODD, 2005, p. 37).

Digitalizado com CamScanner

Utilizando de forma pejorativa, o objetivismo para Husserl, é uma negação da subjetividade e concebe com isso, um alargamento da possibilidade de fazer ciência apenas com os aspectos sensitivos que a experiência pode dispor. Desse modo, exclui-se a subjetividade, a racionalidade que busca os fundamentos das ciências, ocasionando assim, uma perda de sentidos e significados essenciais. Com isso, a subjetividade seria irrelevante para o entendimento e para a investigação do conhecimento humano como um todo. Portanto, o objetivismo apenas nota a sua capacidade sob aspectos meramente naturais acerca da realidade e do mundo circundante. A crítica que o objetivismo faz é uma concepção ingênua da realidade, tentando fundir o homogêneo com o heterogêneo.

Assim, portanto, como oposição ao objetivismo "dogmático", em que incorreram as ciências, Husserl reitera epistemologicamente a importância do caráter subjetivo, desse modo, "Husserl em oposição ao objetivismo volta na insistência última dessa subjetividade ser desvalorizada, todo esse valor é qualquer valor, ou válido em referência para a norma da objetividade factual" (DODD, 2005, p. 38). O objetivismo é mais do que um simples método teórico, simboliza nessa perspectiva a noção de um tipo de ideia de modernidade científica, ou seja, o modo de pensar e de agir de uma época, sob estes aspectos do mundo circundante, do mundo natural e dos fatos. Diferente do seu "oposto" mundo da vida que compreende a espiritualidade humana em seus pormenores, na dimensão do sentido e significado e se dedica a esta noção de realidade delimitada e de fundamentos corretos do conhecimento de forma transcendental. Aquilo que é transcendental está nas coisas e não está fora do mundo da vida.

Deste modo, ao revisitar o seio epistêmico das ciências, percebe-se que estas não conseguem ser reflexivas e interpretativas o suficiente para dispor de um fundamento único e necessário seja às bases do conhecimento. Portanto, a relação com a realidade e suas nuances de possibilidade de conhecê-la, são destinadas sob um aspecto cético que não favorece a descoberta e muito menos, sua própria origem indagadora, ocasionando em contrassensos teóricos basilares acerca do conhecimento; se a ciência se dá sob aspectos experimentais de ensaio erro e, por conseguinte, de mensuração dos fatos e de que mudanças ocorrem na realidade, já neste ato, não se estaria refletindo, concluindo e sistematizando o objeto, antes mesmo de conhecê-lo? Não só supostamente, mas "objetivamente" sim, nossa concepção e desenvolvimento do objeto se dá no momento que já se começa a pensar em suas configurações, munidos da experiência e para além dela, desse modo, a via husserliana é de essências.

O objetivismo, a atitude natural, psicologismo e a negação da possibilidade de conhecimento verdadeiro, implicam problemas substanciais, pois quem dispõe e quem é esta

Digitalizado com CamScanner

subjetividade é o próprio homem; a denominação, subjetividade psicológica não se delineia num puro idealismo, mas está pautada nas formulações e conclusões objetivas e verdadeiras do conhecimento de qualquer coisa no mundo circundante. Entretanto, "[...] o transcendentalismo amadurecido protesta contra o idealismo e pretende, ao contestar a ciência objetiva *enquanto filosofia*, abrir o caminho para uma *cientificidade de tipo inteiramente novo*, uma cientificidade transcendental" (HUSSERL, 2012, p. 56).

O objetivo de Husserl não está em invalidar os resultados das ciências, mas sim, demonstrar aquilo que seria a noção do homem em sua perspectiva, ou seja, as ciências sob a ideia de experimentação e a relação com o mundo sob os moldes do objetivismo, deu como legado ao homem moderno, uma cientificidade que transferiu seu devido suporte, mas que trouxe para o homem moderno, acima de tudo, seu caráter relativo, uma relativização que carece essencialmente de clarificação. A proposta aqui está na perspectiva de refundar a ideia de ciência, dando a ela um viés mais reflexivo, interpretativo e não somente prático, como de costume.

Uma cientificidade que delineia o desenvolvimento de uma verdadeira racionalidade, uma nova forma de pensar, uma nova cientificidade que dê sentido as coisas, ao sujeito, à cultura e ao conhecimento. Assim, a cientificidade transcendental é a superação definitiva do objetivismo, da atitude natural e a tudo que postulou as ciências positivas, mesmo ainda tendo que perfazer as configurações necessárias, ou seja, perspectiva epistemológica séria da razão.

> Objetivismo e esta desvalorização do subjetivo é mais do que justo um projeto teórico, isto é uma tendência dentro da vida moderna de si mesmo, nomeadamente a tendência para orientar o entendimento em volta dado esses recursos mundo circundante esses são compatível com o entendimento de mundo como objetividade. O resultado é esse o mundo circundante tem a convir, cada vez mais, um mundo "objetivo", entendimento um entendimento de fato; mas isso pode levar apenas ao lugar obrigado por uma espécie de reducionismo esses *limites* severamente que podem legitimamente assume a aparência de significado. Isto resultado em um gentil mundo de radicalizado, um em que até existência humana em si mesma parece não ter uma legitima reivindicação de ser encontrado entre essas coisas que são significativas (DODD, 2005, p. 38).

Esta redução objetivista da vida, cria desse modo, uma crise na própria cultura e na vida humana em seu todo, assim, nesta perspectiva, percebe-se que no decorrer do desenvolvimento das ciências elas construíram o avanço da cultura, mas em se tratando da noção de sentido e interpretação do mundo, estas se distanciaram significativamente, pois trataram de suas questões de maneira mais objetiva do que a busca pela verdade acerca da

Digitalizado com CamScanner

existência. Assim, as ciências perderam sua temática teórica no simples construto da psicologia e da naturalização do conhecimento a fatos, criando para a humanidade, um leque de possibilidades factuais e não de significados fundantes.

Com isso, sob esta transcendentalidade, a filosofia não tinha nada de anterior com esta noção de subjetivismo transcendental; sob esta noção, antes de se organizar, faltavam-lhe motivos de alteração correspondente de atitude. Uma nova ideia surge com esta restauração husserliana, uma ciência que se fundamenta nesta cientificidade transcendental ao qual, sob este aspecto, ainda hoje, todas as ciências dispõem desta racionalidade. Segundo Husserl (2012, p.56):

> A história da filosofia inteira, desde o surgimento da 'gnosiologia' e das tentativas sérias de uma filosofia transcendental, é a história das tensões violentas entre a filosofia objetivista e transcendental, a história das tentativas permanentes de conservar e de formar numa nova figura o objetivismo e, por outro lado, das tentativas do transcendentalismo de dominar as dificuldades implicadas pela ideia da subjetividade transcendental e do método exigido para tal (HUSSERL, 2012, p. 56).

Esta dualidade em que se delineou no percurso histórico da filosofia, denota a superação e restauração filosófica aos conceitos científicos e, por conseguinte, sob as nuances que implicam as configurações necessárias à problemática do conhecimento, que possa ser obtido no significado e seu sentido mais profundo unificador. Esta ideia unificadora em que se percorreu no devir histórico-filosófico da modernidade, que ao se refletir acerca dos esforços de compreensão da filosofia e das ciências, forma-se um outro momento.

Portanto, este neo panorama científico-filosófico, sob a questão teórico transcendental é a articulação da forma final deste novo momento, desta nova racionalidade, deste novo conceito de cientificidade e, por fim, de modernidade. A crise, não é proposta linearmente pela vontade das ciências, mas sua autonomia se deu pela falta de juízos que pudessem realizar as vontades humanas infinitamente, entretanto, ao não dispor o sentido, a existência e seu total significado, acabaram por não se tornar a melhor opção cultural, assim sendo, Husserl, busca esta restauração em sua filosofia, constituindo dessa forma, uma cientificidade – filosófica – transcendental, acerca deste novo momento reflexivo, Husserl (2012, p. 56), assevera que: "Trata-se, como tentarei mostrar aqui, de uma direção para uma *forma final* da filosofia transcendental – como *fenomenologia* –, na qual reside, como momento conservado, a *forma final da psicologia*, forma que erradica o sentido naturalístico da psicologia moderna".

Digitalizado com CamScanner

3.2 Crise e esquecimento: relação entre crise e filosofia.

É importante situar todo este percurso acerca da crise das ciências sob o olhar da filosofia transcendental, tendo em vista que a mesma filosofia que estava no modo organizacional das ciências sob os objetos de compreensão do conhecimento, sobre a ótica do cuidado e da noção de mundo, de ser humano, de racionalidade e de temporalidade existencial; esta filosofia, que mesmo sendo autônoma, se viu perscrutada sob ataques que ainda hoje ocorrem, de que a filosofia, não serviria ou não serve para a humanidade, sendo dado como legado a esta, apenas o ato de refletir, de formalizar e muitas vezes de comentar os avanços científicos, como dissera o primeiro Ludwig Wittgenstein (1889-1951), ou seja, filosofia apenas como comentário das realizações científicas.

Sob grandes aspectos, a filosofia se viu ameaçada, seja sob pressão de perspectivas políticas, seja por não estar sendo compreendida em círculos acadêmicos, por não estar situada na dimensão natural das ciências. A ciência, fruto da filosofia, deixa a sua grande mãe ou os que dela se servem, sob um olhar de dúvida e sem a noção verdadeira de reflexão e construção ideal de mundo lógico. Portanto, qual então a relação entre crise e filosofia? Nada mais nada menos do que, o *vergesslichkeit* (esquecimento) da fundação que a filosofia dá as ciências e a cultura humana. A perda desta referêncialidade e função da filosofia no mundo ocasionam não somente a desvalorização da mesma, como é um risco a sua sobrevivência; [...] a utilidade tornou-se o principal critério para a valorização das ciências, o que, segundo o autor, configura um 'desvio' ameaçador da finalidade original da ciência, ou seja, a finalidade de ser um conhecimento do mundo" (SILVA, 2009, p. 657). Filosofia aqui não se resume ao modo de vida, mas a maneira suprema de entender as nuances e perspectivas da racionalidade e da vida do homem sob todos os seus aspectos.

Não visto somente como conceito pejorativo, Husserl entende a crise como um ponto de virada decisivo para determinada problemática, situação e que neste caso em especifico, refere-se às ciências em relação a cultura. A virada critica está na sua acepção e percepção do caos ocasionado na vida da humanidade na perda do sentido referencial e fundante do conhecimento. A modernidade inaugura uma nova forma de integrar a razão às necessidades humanas e a situações em que estão inseridas as categorias do conhecimento:

> [...] sob a rubrica de "modernidade" se introduziram, além dos conceitos de sujeito e de razão, as mais variadas e singulares noções: ciência, técnica, progresso, crítica, emancipação, secularização, historicismo, mecanicismo, metafisica, niilismo, etc. Procurou-se também enfatizar, e mesmo

Digitalizado com CamScanner

> absolutizar, uma ou algumas destas noções como sendo aquela ou aquelas que verdadeiramente constituíram a filosofia ou a cultura moderna (ALMEIDA, 2012, p. 251-252).

Mesmo não nos endereçando sob o período em que cronologicamente situam a modernidade, entendida em nossa investigação como postura atual, esta perspectiva simplesmente para situar o momento do iluminismo, denota que o projeto moderno não estabelece um limite de suas possibilidades científicas e filosóficas, mas abre-se a novas oportunidades de pensar e mensurar a realidade de diferentes maneiras seja com as novas articulações do conhecimento, ou até mesmo, pela construção e revisão do antigo em consonância com o novo.

Ao pensar sobre a crise e as consequências dela na vida da humanidade europeia, Husserl faz também um resgate daquela racionalidade que o ajudou a fundar suas ideias, sobremaneiramente influenciado por René Descartes (1596-1650), sob esta reflexão Husserl (2012, p. 61) diz que: "O conhecimento filosófico é, segundo *Descartes, absolutamente fundado*; ele tem de repousar sobre um fundamento de conhecimento imediato e apodítico que, na sua evidência, exclui qualquer dúvida imaginável". No conhecimento filosófico, dado por Descartes é o suprassumo do que o conhecimento científico e filosófico de sua época poderia alcançar, justamente por uma razão que constituiu sua filosofia e que de certa maneira, ainda perscruta o pensamento husserliano. A fundamentação.

Descartes como uma das mentes mais importantes no início da modernidade inaugurou um novo modo de pensar a realidade e, acima de tuto, o que poderia significar o conhecimento. Racionalista, trouxe como suporte epistemológico a noção de *cogito* em que constrói uma via que refundou a ideia de conhecimento não somente embasado no experimental, constituindo assim, uma filosofia pautada no mundo das ideias e que admitia uma perspectiva de dúvida em relação a tudo, exceto à consciência, ela sim seria intocável pela dúvida. Assim, Descartes produz outros meios metodológico que poderiam complementar ou preparar a evidência, caracterizando como o preceito da análise.

> Descartes percebe que existe apenas um caminho que supera a dúvida: o que atravessa toda, esgotando-lhe todas as dimensões. Ou seja: parece-lhe impossível vencer a dúvida evitando-a ou pretendendo instalar-se desde logo numa frágil certeza – e frágil justamente porque ainda não submetida aos testes da dúvida. Descartes aceita o desafio da dúvida que transpassava a atmosfera cultural de sua época; aceita-a para combatê-la com suas próprias armas. Eis por que duvida metodicamente de tudo (PESSANHA, 1999, p. 18).

Digitalizado com CamScanner

Descartes tinha um olhar singular para a ciência e seu desenvolvimento, nisso esclarece o método que deseja seguir e instituir como verdadeiro sem dúvidas, deste modo, a sua via metodológica esclarece que um único modo de pensamento não consegue suprir as indagações humanas, mas apenas as expande ainda mais. Isto posto, cabe a dúvida, este ceticismo que põe tudo sob um tribunal que analisará de forma categorial os pressupostos do conhecimento, assim, "[...] o projeto cartesiano é construir um conhecimento que abarque todos os saberes, mas que tenha no sujeito a causa originária da sua verdade" (BITENCURT, 2017, p. 12). Esta pretensão de formar um cominho ao qual poderia sustentar o conhecimento fez com que a própria noção de verdade fosse pensada de forma mais objetiva e livre, como o próprio método cartesiano elucida, começar pelas coisas mais simples até às mais difíceis subsumindo até chegar naquela que passou por todas as análises e pelo tribunal da dúvida.

Além do mais, como inaugurador do pensamento moderno, trouxe como contributo esta perspectiva de romper com o passado para trazer uma nova forma de construir o conhecimento. Este novo começo para averiguar todo e qualquer tipo de conhecimento se desenvolve na dimensão do sujeito que pensa, que sente e que utiliza de instrumentos técnicos para sobreviver.

> Durante todo o tempo em que eu penso; pois talvez poderia acontecer que, se eu parasse de pensar, ao mesmo tempo pararia de ser ou de existir. Nada admito agora que não seja obrigatoriamente verdadeiro: nada sou, então, a não ser uma coisa que pensa, ou seja, um espírito, um entendimento ou uma razão, que são palavras cujo significado me era anteriormente desconhecido (DESCARTES, 1999, p. 261).

Assim sendo, sob o aspecto do conhecimento cartesiano, é certo afirmar que, tudo pode ser duvidado o mundo, as coisas que o compõe, as crenças; entretanto, algo não pode ser considerado como passível de dúvida, que o ser humano é uma coisa que pensa, esta é uma verdade segundo Descartes tão verdadeira e tão certa que não há dúvida, para ele a consciência é absoluta, algo que nas obras de Husserl será posto como também passível de dúvida. A filosofia de Descartes, assim como a de muitos outros de sua época demonstram o quão essencial é a tarefa filosófica.

Ao dispor da reflexão do mundo, Husserl expõe como a filosofia foi e ainda é crucial para a desmitificação e dação desta realidade, superando o relativismo sob os aspectos transcendentais, demonstra que a razão pode e deve ser ordenada filosoficamente sem ser limitada como são as ciências positivas. O ceticismo husserliano, ao qual ainda iremos nos debruçar, abre mundos favoráveis ao conhecimento de forma que o falso logo é excluído e o

Digitalizado com CamScanner

escrutínio epistêmico, faz com que o conhecimento verdadeiro seja demonstrado universalmente. Assim, iremos refletir sobre as características da crise e como a filosofia é crucial para superação e restauração, mas antes, se faz necessário, investigar a própria crise no pensamento filosófico nas dimensões das ingenuidades e contrassensos teóricos.

3.2.1 A crise do pensamento filosófico moderno.

No que concerne a ideia de cientificidade, encontra-se a perspectiva central das revoluções do homem e das modificações que surgiram para adequar a realidade segundo a racionalidade instrumental, ou seja, de apenas utilizar o conhecimento empírico como forma de conhecimento único e verdadeiro. Desse modo, a tarefa do filósofo, restringir-se-á reflexões esparsas dos movimentos do mundo, não obstante, com o desenvolvimento do conhecimento científico, asseverou ainda mais o papel da filosofia como coadjuvante no processo epistêmico.

As ficções seriam as conjecturas mentais que são formadas pela consciência em detrimento da acepção do objeto, sem serem simplesmente causais, assim, a matemática, lógica e os conceitos, não fornecem, senão, uma adequação as coisas, auxiliadas pela experiência. O que está pós-fato é puramente ficcional, não se tem abertura e, por conseguinte não é essencial para o conhecimento, na visão psicológica do filósofo inglês Hume, tem-se um solipsismo acentuado e, por sua vez, que agrega uma ingenuidade, pois sob a ideia de que o indivíduo e suas sensações são as bases do conhecimento perde-se cada vez mais a noção da epistemologia de entender e transcender a realidade objetiva. Husserl (2012, p. 71), assevera que: "Somos, então, forçados a dizer: razão, conhecimento, também os verdadeiros valores, todos os puros ideais, mesmo os de espécie ética – tudo isto é ficção". Vendo dessa maneira, há sim um perspectivismo de que estes conceitos são criações e noções para ordenar a vida, entretanto, quando são introduzidos na realidade científica e na concepção de subjetividade, não são suficientes para subsumi-los. Para Husserl, como irracionalismo e ceticismo, o de Hume suprimiu-se a si mesmo.

Gerando dessa maneira um objetivismo, o abalo no contrassenso de Hume não se dispôs somente em noções do *ethos* filosófico, mas desvencilha-se na perspectiva da ciência em si, algo que sendo refletido e gestada com Hume, alimentou o objetivismo, posteriormente sob a forma de uma atitude natural, e por fim, ao psicologismo, como reflexão mais ativa das ciências positivas, gerando uma crise dos fundamentos e da cultura. "Assim, todos os que, por

Digitalizado com CamScanner

pesquisa ou estudo, tomavam eles mesmos parte nestas ciências, estavam já de antemão seguros de que a sua verdade, bem como o seu método, traziam em si o selo da validade definitiva e da exemplaridade" (HUSSERL, 2012, p. 72).

Hume não se apoia na relação sujeito objeto de forma tradicional. Surge assim, esta perspectiva da atitude natural em que, todo ser humano tem seu impulso, vontade a plena convicção que o conhecimento é possível. A ciência vai dando conta de seus problemas passo a passo. As idealizações que se criam na consciência e, com isso, as modificações na natureza a partir destas ideações e, por conseguinte, a abertura da natureza a estas ideias é espantoso e surpreendente como se adéquam para Husserl. "A ciência da natureza não é, com certeza, puramente racional, na medida em que precisa da experiência externa, da sensibilidade; mas tudo o que nela é racional deve-o à razão pura e à sua nomeação; só por seu intermédio pode haver experiência racionalizada" (HUSSERL, 2012, p. 76). Assim, a ciência conhece coisas, fatos e as realidades que estão inseridas no espaço e no tempo, as explicam e não interpretam ou refletem sobre. Sair do objetivismo epistêmico é tarefa crucial para compreender a noção corpo-essência ao qual será em Husserl analisada como forma de desenvolvimento do conhecimento.

Dessa maneira, como o que tudo o que é externo é ficcional para Hume, logo o transcendente é inacessível, enquanto para Husserl, se atualiza. Sob este aspecto em Husserl a consciência sempre atinge algo, em Hume, não. Esta configuração de que não abstraímos o objeto é um grande sintoma do psicologismo, que não admite acepção alguma epistêmica entre sujeito e objeto. Para Husserl isto é um absurdo, pois a consciência "toca" o objeto a consciência participa do mundo natural, superando-o, portanto, ela não está fora ou dissociada do mundo.

Assim, como sobrevivência da filosofia, ela está para além de qualquer limitação ou atitude ingênua natural, e tem, por conseguinte, a tarefa de explicitar a relação entre sujeito do conhecimento e objeto a ser conhecido. Quando na ciência o físico fala sobre os átomos e partículas ele está fazendo física, mas quando se indaga sobre a finalidade de tais entes, está fazendo filosofia; um biólogo ao descrever a vida, compromete-se com sua área, a biologia dá os princípios da vida, mas ao indagar-se acerca do que leva a vida e suas implicações, isto é filosofia.

Portanto, vê-se que mesmo estando sob um grande círculo de ciências e ao mesmo tempo, ataques incongruentes de sua função, a filosofia e sua atitude, não serão encerradas por nenhuma ciência, sendo que, as ciências, necessitam desta atitude fenomenológica. Logo, para a compreensão de mundo, a relação inerente entre indivíduos e a realidade que os cerca é

Digitalizado com CamScanner

segundo Husserl, racionalidade e conhecer o ente para além da subjetividade, ou seja, transcender o objeto em todos os sentidos. A tarefa central em meio aos ataques é de renovação e refundação de um princípio cientifico-filosófico que somente a fenomenologia dispõe.

Do contrário, o projeto filosófico de restauração e renovação cultural europeu, não se efetivará, pois, o distanciamento da filosofia, das ciências, em relação a cultura, ocasionaria o despertar de uma civilização, conformada com a situação manifesta das ciências positivas, sem o devido prognóstico filosófico fundamental. Assim, a dimensão do pertencer e do fazer, se torna cada vez mais distante do ideal fenomenológico das ciências, levando a despertar, como dito anteriormente, a criação de uma sociedade de indivíduos de fato somente, e nesta perspectiva, a razão não seria o cerne da representação de um ceticismo de evidencia, mas sim, uma racionalidade limitada e dependente do método positivo. A filosofia, diante de tal situação, abrange dessa forma, uma noção cada vez mais radical de reflexão, a fenomenologia, que não comporta somente o retorno às coisas mesmas, mas um complexo modo de pensar e redescrever a realidade humana.

3.2.2 O esquecimento do valor epistemológico da Filosofia

Mesmo que, apesar de não ser vivida e utilizada como deveria a filosofia, perpassa todos os âmbitos das ciências, desde a matemática até astronomia sobre a reflexão última do universo. Assim, dá para perceber de que maneira esta perspectiva central pôde demonstrar a singularidade filosófica arquitetada na filosofia husserliana, em especial, na sua epistemologia. Em sua crítica a atitude natural, reitera a noção epistemológica como disciplina filosófica fundamental: "Em isto Husserl depende da tendência, própria do pensamento moderno, que leva a considerar a teoria do conhecimento como disciplina filosófica fundamental" (FREITAS, 1980, p. 53).

Husserl considera a epistemologia como uma disciplina filosófica fundamental, veja, se o conhecimento e seu processo são de tudo uma acepção tanto dos sentidos como também da racionalidade, logo, a epistemologia, ou seja, teoria do conhecimento é em sua a estrutura central, uma procura e resolução de questões, sejam elas de ordem prática, ou ainda, sob os aspectos científicos. Em uma época em que os filósofos estavam preocupados em serem suprimidos pelas ciências de forma geral, Husserl, expõe esta visão nova e radical de filosofia, sob a égide de justificá-la como ciência. A tarefa de Husserl foi de tentar dar à filosofia o caráter

Digitalizado com CamScanner

último da ciência fundamental, "[...] para Husserl estrita ciência da filosofia é aquele que, embora esteja em procedimento sistemático, não é um 'sistema'"[14] (LAUER, 1965, p. 5. Tradução nossa). Portanto, estar livre das limitações objetivas das ciências positivas que para Husserl, não podem dar suporte ao conhecimento humano de forma eficiente, assim sendo, a filosofia está para além da mesma metodologia que ela criara.

O fundamento deste valor epistemológico do conhecimento não estaria limitado pela experiência, mas em um *a priori* último. Na *Krisis*, toda e qualquer consideração objetiva, leva, por conseguinte ao positivismo. E ao sair desta linha narrativa do conhecimento objetivo, o fundo epistemológico se mostra cada vez mais acessível e compreensível para aqueles que dispõem desta disciplina, e também, àqueles para o qual é dirigida toda e qualquer reflexão cientifica, para a cultura. O método objetivo positivista é ilusório, seu percurso, falho, mesmo tendo em certa medida uma perspectiva subjetiva, desse modo:

> "[...] o método científico-objetivo se assenta sobre um fundamento subjetivo profundamente oculto e jamais questionado, cuja elucidação filosófica faz unicamente ressaltar o verdadeiro sentido das realizações da ciência positiva e, correlativamente, o verdadeiro sentido de ser do mundo objetivo [...]" (HUSSERL, 2012, p. 81).

A validação epistemológica da filosofia se estabelece na concretude de sua investida sob as perspectivas de vida e da existência humana em todos os seus aspectos. No início do século XX, a filosofia, começou a ser ameaçada pelo grande progresso cientifico da época, não que as ciências não tenham seu valor, mas a questão aqui está na crise imposta na cultura, por estarem alicerçada sob um "fundamento" positivo. Perscrutando a história o conhecimento filosófico, detém o itinerário cognitivo humano sob qualquer tema e discussão. Sua dissolução pode até ser percebida, mas não efetuada. Portanto, toda vez que a cultura se distancia do fundamento filosófico, a crise se estabelece, não somente em aspectos científicos, mas de cunho ético, cultural, social e acima de tudo existencial.

Não obstante, ao perder o sentido do caráter da existência da tarefa filosófica, ocorre um impacto perceptivo em todos os âmbitos das ciências, e sob este aspecto em Husserl, há, portanto, uma nova noção que será tratada mais a frente, a de uma ciência eidética, que perscrutada pela filosofia, trará uma nova visão acerca da cientificidade das ciências, sejam elas

---

[14] [...] for Husserl a strict science of philosophy is one that, though sistematic in its procedures, is not a "sistem" (LAUER, 1965, p. 5).

Digitalizado com CamScanner

naturais ou humanas. Assim sendo, o papel central da filosofia sob o argumento teórico de Husserl é de que ela é a ciência por excelência, séria e rigorosa.

A luta que Husserl trava em meio as incompreensões de suas falas na época está em depreender de forma veemente o valor que está implicado em toda e qualquer forma de pensar filosófico, sob o baluarte fenomenológico e de afirmar essa "metodologia" filosófica a todas as ciências, que independentemente de seu desenvolvimento e inovação, tenham uma base fundamental filosófica. Como ciência de rigor, a filosofia, como epistemologia fenomenológica, se demonstra cada vez mais altiva e necessária na vida da espiritualidade europeia. Desse modo, Hans-Georg Gadamer (1900-2002), em sua obra organizada, sob o título: *Hegel, Husserl e Heidegger* (2012) assevera que:

> A filosofia está correndo risco, isto é, seu futuro está ameaçado – isso não deveria dar em um tal tempo à questão acerca da tarefa atual da filosofia um sentido insigne? Portanto, carece-se da meditação histórica – essa é a consequência que Husserl retirou do reconhecimento do perigo. Isso porém, não aconteceu de maneira alguma porque ele era da opinião de que a grande tarefa da filosofia tinha verdadeiramente chegado ao fim e de que ela teria sido finalmente reconhecida como um mero sonho. Muito ao contrário. Naturalmente, ele precisa se perguntar sob circunstancias alteradas, em face da irrupção do relativismo histórico na consciência geral [...] (GADAMER, 2012, p. 175-176).

Um dos maiores perigos e que realmente ameaçaram a filosofia foram justamente esta guinada do positivismo e da postura da atitude natural, que adentrou veementemente em todos os aspectos das ciências, assim, as questões espirituais, existenciais e gnosiológicas ficaram, por assim dizer, colocados à parte de toda e qualquer reflexão, ou seja, a filosofia, com suas questões e problemas não seriam o fundamento e muito menos a referência para reflexões atuais e futuras. E por meio disso, um relativismo se instaura e sob isto, Husserl destaca, sempre que pode este grande sintoma.

Sua crítica em seu último trabalho, a *Krisis*, não distancia, ou deixa de pensar sobre a tarefa filosófica, mas reorganiza as perspectivas necessárias de rigorosidade filosófica. Esta não está presa à história e sua motricidade, mas vai além deste critério, perfazendo assim, este novo modo de pensar, de uma cientificidade estritamente fenomenológica. A ideia de filosofia científica não fora abandonada, mas teve novos direcionamentos na reflexão husserliana, pois esta noção carecia de um pressuposto basilar, por assim dizer, histórico. Não é a ideia de filosofia científica que é abandonada, mas o modo de continuar trabalhando despreocupadamente e sem o cuidado de uma justificação histórica expressa. Portanto, o ensaio

Digitalizado com CamScanner

sobre a crise é uma confirmação fundamental da filosofia de forma apodítica como ciência rigorosa.

Destarte, para desenvolver sua análise, Husserl, dar-se conta que a crise das ciências é uma expressão radical da crise da humanidade europeia, desse modo, o homem europeu foi quem se embebedou desta modernidade positiva, trazendo para dentro das ciências, esta limitação de fundamentos, em virtude de uma verdade fácil e rápida.

> Assim, Husserl não está preocupado com a fundação da questão das ciências no sentido usual, ele não está preocupado com a cientificidade das ciências no sentido padrão. Em vez disso, ele está perguntando qual o significado a ciência tem para a existência humana, para a total cosmovisão do homem moderno, para a questão acerca do significado da vida humana (MOHANTY, 2011, p. 392-393).

Além disso, a trajetória que Husserl faz é de refundação deste mesmo sentido ao qual cada ser humano faz experiência no mundo da vida. A cientificidade e sua sistematização, não são o objetivo central husserliano, mas estão no cerne da reflexão para se chegar a uma possível resposta e, neste ínterim, refundação e renovação cultural, pois a humanidade, perdendo seu sentido e significado ante a existência, se dedicará a ser uma humanidade de fatos somente. O homem moderno ao adentrar nesta perspectiva, abraça a visão natural do mundo, limitando as experiências sob este único método como verdade e acaba por estar face a face com o relativismo e com a ingenuidade de uma cientificidade limítrofe.

Husserl e o seu projeto filosófico como ciência rigorosa, que em suma, é uma perspectiva e integração radical da lógica – a que há uma dissolução de todas as ciências da natureza e do espírito – e com todo seu conhecimento acumulado. Desse modo, ao refletir a condição das ciências, as organiza de forma que o novo sentido seja esclarecido como novo método, pois "[...] desde o ângulo gnosiológico, disse Husserl, toda ciência natural resulta ‹‹ingênua›› por seus pontos de partida" (FREITAS, 1980, p. 54). Sendo assim, uma tarefa hercúlea a de superar tal vivencia que fora inserida na cultura da humanidade; desse modo, a ingenuidade da ciência não está em sua forma de descobrir e desmitificar o mundo, mas na falha veemente de seu projeto, ante a realidade da cultura.

Portanto, para a investigação da natureza, a perspectiva do empirismo serve por si só, entretanto, não é suficiente para explicar e refletir acerca da vida e do mundo, não somente por simples juízos empíricos, "[...] a ciência objetiva só levanta questões sobre o solo deste mundo que de antemão e em permanência é, a partir da vida pré-científica" (HUSSERL, 2012, p. 89).

Digitalizado com CamScanner

Esta vida pré-científica se estabelece na concepção previa dos objetos, na concretude da vida no mundo circundante a ser descoberto, onde as experiências são adquiridas.

> É possível e imprescindível outra crítica, que se pergunte pela possibilidade e as condições de toda e, simultaneamente, de todo o pensamento científico-experimental. Há, para Husserl, toda uma série de problemas da teoria do conhecimento, que – apesar de todos os esforços do passado – ele considera que eles não tem, todavia, de um modo claro, científico e universal (FREITAS, 1980, p. 56).

Com esta possibilidade, e acima de tudo, o modo de pensar a condição de existência e sobrevivência da filosofia ante as perspectivas das ciências, o sentido universal da validade de questões últimas se torna imprescindível, pois não se desenvolve uma simples problemática, de cunho epistemológico e de sentido como, por exemplo, noções de como é possível à relação entre consciência e os objetos? Ou, de como a experiência, se justifica logicamente em relação a estes objetos externos a consciência? Assim, como formas de pensamentos universais acerca da razão fundante das coisas, Husserl elabora sua filosofia em aspectos científico-eidético, que possa superar as limitações da atitude natural inerente nas ciências.

A estas questões, somente ela, a filosofia, pode se ocupar e direcionar sua reflexão e atividade epistêmica, rigorosa e radical. Somente ela poderá ser a base fundamental paras as ciências em sua completude investigação, desse modo, Husserl, constitui ao papel da filosofia, a tarefa mais altiva e importante, não é mais a visão da atitude natural, das ciências positivas, da simples psicologia e ou, psicologismo o referencial teórico, mas sim a Filosofia Fenomenológica; A Filosofia Transcendental. Segundo Freitas (1980, p. 57), "[...] só a filosofia pode ocupar-se dessas questões e tomar uma atitude verdadeiramente crítica frente à validez dos fundamentos da ciência e de seus mesmos fundamentos; só ela pode garantir um começo crítico". Com esta perspectiva, delineia-se assim, o projeto de filosofia como ciência de rigor em Husserl, pois o novo panorama cientifico filosófico, necessita disto para desenvolver-se e progredir. A reflexão que leva a contrassensos teóricos e fáticos, não basta para a humanidade, que está além de simples aspectos externos e ou, fisiológicos.

Desse modo, somente a filosofia pode e deve se debruçar sobre estes problemas essenciais da fundação do conhecimento em sua reflexão crítica e s noções da ciência que perpassam amiúde, a consciência humana. É esta filosofia que deve ser em seu âmago, um viés radical na construção de uma crítica e de uma possível resolução a estas provocações existentes.

Digitalizado com CamScanner

A crise, em sua estrutura é acima de tudo uma crise do conhecimento universal, seja ela a verdade, principio científicos e epistemológicos.

Esta crise se demonstra como um desfalecimento, uma queda uma perda gradual de sentido e significados das relações causais no mundo e seus fenômenos, assim, a crise deveria ser qualquer ameaça de queda e um sintoma mais assíduo na relação entre sujeito cognoscente e mundo cognoscitivo. Portanto, a crise se deu também na falha deste ceticismo ingênuo de uma crença sem frutos existenciais das ciências sobre poder subsumir a realidade a seus métodos e sistemas, um desfalecimento total e puro da noção de conhecimento e da perspectiva de mundo circundante que, em suma, não deveria implicar apenas uma naturalização, mas seguir outro significado, um que se estabelecesse com os fundamentos. Algo que as ciências positivas perderam gradualmente e, ao fazer isto, distanciou-se do mundo da vida.

> Iremos compreender que o mundo que para nós é, num fluxo permanente de mudança dos modos de doação, uma aquisição espiritual universal, que se formou e que continua se formando como unidade de uma figura espiritual, como uma configuração de sentido – como figura de uma subjetividade funcional última universal (HUSSERL, 2012, p. 92).

Como modos de doação, o mundo aparece para o sujeito como uma possibilidade tanto palpável quanto ideal ao mesmo tempo, assim sendo, uma configuração espiritual de aferição e compreensão dos diferentes fenômenos é, por assim dizer, as características de uma subjetividade teleológica que seja universal e não limitada como as ciências positivas se fixaram. A ideia de subjetividade que não se assemelha com a psicologia natural, mas sim com a noção de percepção e adequação tanto do objeto quanto de quem o percebe situando a noção epistemológica que se fundamenta o psicologismo, pois nesta simples conclusão de uma subjetividade teleológica universal, o psicologismo é refutado. Pois há bases e raízes para se entender e compreender qualquer objeto pré-dado no mundo da vida.

Sob este aspecto, a filosofia não se estabelece como mera reflexão dos feitos científicos e humanos, mas passa a ter um valor muito mais elevado, desde o alvorecer da modernidade, pois agora, não está dependente das formulas delimitativas, da política, das novas ciências e da constante renovação do pensamento cultural do homem. Ela tem agora, a necessidade de dar a humanidade, aquele *telos* perdido, fundamentar o sentido existencial de outrora, dessa maneira, a cultura teria uma renovação, que por meio da crise, fora identificada as mazelas e incongruências teóricas dos aspectos filosóficos e científicos.

Digitalizado com CamScanner

> Tudo aquilo que os homens, tanto os cientistas quanto todos os outros, podem ter consciência na sua vida natural no mundo, ao experiênciar, conhecer, pretender na prática ou agir, como um campo de objetos do mundo exterior, como os objetos a que se referem os seus fins, objetos que são meios, processos da ação ou resultados finais, bem como, por outro lado, também na consideração de si, como a vida espiritual que neles funciona – tudo isto permanece na "superficie" que, no entanto, e embora inadvertidamente, é somente a superficie de uma dimensão de profundidade infinitamente mais rica. Mas isto é em geral válido, quer se trate da vida meramente prática no sentido habitual, quer de um experiênciar, pensar, tencionar, agir etc., teórica ou científico, de dados empíricos, pensamentos, metas do pensar, premissas ou resultados científicos verdadeiros (HUSSERL, 2012, p. 97).

Para Husserl, este tencionar é mais do que uma simples acepção da experiência, mas uma reflexão ampla e abrangente, a realidade que está inerentemente ligado ao mundo da vida, resulta nestes processos finais de acepção do mundo. Mas, ao perceber esta perspectiva, nota-se algo muito mais singular; nossas percepções, sensações, experiências, e até mesmo metas do pensar, são a superfície de algo muito maior, muito mais complexo e menos habitual. Os resultados científicos, sua investigação, método e conclusões, não podem ser ou estar baseados em formas ingênuas do pensar, mas que deve cada vez mais, fazer sentido e lógica para o significado espiritual da vida humana, e acima de tudo, a relação entre o mundano e a consciência pura.

Assim, mesmo estando sob uma reflexão superficial, a crítica deve ir além desta prerrogativa e assumir para si, uma conotação que possa dar direcionamento ao *telos* do objeto a ser investigado, dessa forma, a reflexão husserliana, assevera que aceitar simplesmente a existência das coisas, é uma atitude ingênua, algo que os naturalistas têm como modo teórico. Em Husserl, o que deve ser evidenciado com veemência, é a noção de fundamento e bases seguras do conhecimento, assegurar uma atitude científica baseada na junção entre filosofia e ciência. Que são dessa forma, as perspectivas centrais do desenvolvimento da metodologia fenomenológica, novamente, filosofia como ciência rigorosa. Assim, uma renascença com todo o alvorecer das técnicas da ciência, com as possibilidades e excitação pela descoberta, pela vida, pelo cosmos.

> A tarefa do projeto de Husserl, de acordo para uma tal leitura, deve ser para definir coisas certas através de uma reformação radical da autocompreensão de ciência, a instituição no interior que a ideia de razão é articulada pela Europa. Isso deve ser nada menos aquele um chamado para uma nova Renascença, uma planejada para suplantar as ideias da velha Renascença com um novo entendimento da ideia de razão (DODD, 2005, p. 47).

Digitalizado com CamScanner

A ideia radical de Husserl, de uma nova renascença é em suma, o projeto de racionalidade correta e averiguadora, pois constitui a Europa como palco, não geográfico, mas sim, significativo de toda a humanidade que perdera sua noção de razão como sentido para vida e a ciência como um grande instrumento que pudesse esclarecer e responder os anseios da humanidade. Assim, repensada a ideia de renascença e suplantada a ideia da antiga, traremos desse modo, uma perspectiva de renovação, de reestruturação, ou seja, de um novo direcionamento de racionalidade científica. Qual a tarefa de Husserl? É de simplesmente trazer a razão para a vida crível, de significados, sentidos e noções que estabeleçam remodelação do mundo por dentro do horizonte de uma racionalidade da cultura europeia.

Esta tarefa, que parece ser um tanto hercúlea, não é uma ideia distante, pois, a própria humanidade, se tornou sedenta de uma norma referencial, de uma visão de mundo organizada e ampla ao modo de pensar, fenomenológico, descritivamente. Sob o aspecto da superação da crise, Husserl, traz uma resposta terapêutica, de reformulação tanto dos modos de pensar, e em suma, de fazer ciência. A humanidade auxiliada pelo pensamento filosófico neste novo panorama pode neste ínterim, suprir e superar a crise que se instaurou na cultura, a crise de significados e sentidos, a crise dos fundamentos da ciência, ambas problemáticas estão permeadas no amplo espaço da ação reflexiva e prática da filosofia fenomenológica.

Portanto, sob perspectiva, as ciências e o cientista tem de fato uma nova presença, um novo modo de perceber esta dação do mundo pré-dado, de uma realidade pré-dada; como realização do espírito humano, [...] a ciência é esta perspectiva de saída do mundo da vida circundante, dado como uma perspectiva universal que é comum com o que entendemos como existente, uma prossecução de um mundo que é auto-evidentes por si próprio, e sob as configurações dadas ao cientista na elaboração da ideia de realidade (HUSSERL, 2012).

As ciências não são deixadas à mercê por Husserl no sentido de deixa-las a parte da reflexão da crise, não é este seu objetivo, em dizer que estas ciências não foram ou são essenciais para a vida, elas o são, entretanto, não foram ou não são suficientes para a realização de uma plena humanidade cientificamente racional. O problema do conhecimento, não é somente acerca da adequação do objeto àquele que infere, mas para a satisfação de tal modo de pensar, articular e mensurar o mundo. Desse modo, "[...] se a ciência levanta questões, estas questões são desde o começo, e continuam necessariamente a sê-lo, sobre o solo, o conteúdo deste mundo pré-dado, no qual está justamente contida na práxis vital, sua e de outros" (HUSSERL, 2012, p. 98). Esta práxis vital ao qual Husserl dispõe sua reflexão foi se perdendo aos poucos e dando lugar a um objetivismo somente, mas com este novo panorama de

Digitalizado com CamScanner

renascimento, restauração e renovação, as ciências poderão constituir seu êxito em sua área e nas demais.

Esta noção estabelece a característica última e essencial do *telos* científico ao qual não deveria ter perdido ao desvencilhar-se da filosofia, o sentido, o significado e os modos de transformar a realidade se encontra no aqui e no agora do mundo da vida, na dação compreensível da realidade. Assim, a nova humanidade estabelece um viés de racionalidade crítica acessível a todos, que abarca todas as dimensões e, desse modo, demonstra a revitalização da existência humana em sua completude no espaço e no tempo.

> Se este mundo deve tornar-se um tema específico e, é claro para verificações científicas responsáveis, então isto exige uma particular cautela na sua consideração prévia. Não é fácil alcançar clareza acerca de que tipo de tarefas especificamente científicas, ou seja, universais, se devem definir sob o nome de mundo a vida, e em que medida deve aqui resultar algo de filosoficamente significativo. Levanta dificuldades já o mais elementar entendimento do seu sentido de ser específico, sentido que ora deve ser apreendido de modo mais lato, ora mais estreito (HUSSERL, 2012, p. 99).

Assim, sob este sentido filosoficamente significativo, a tarefa da ciência com suas verificações exige uma responsabilidade de cuidado e de novas perspectivas diante da humanidade, agora, seu panorama deve ser de entender e resolver as dificuldades inerentes da vida humana, dos processos e modificações do mundo da vida. Formar pelo aspecto filosófico fenomenológico, uma cultura mergulhada na configuração do saber e, a reflexão dos fins que o conhecimento abarca acerca da verdade – uma norma para todo conhecimento, ou seja, uma norma *teleológica*.

E para Husserl sobre essa perspectiva ele constitui uma via em que as ciências e seus usuários entendam que, sempre houve para a humanidade um mundo a vida, uma realidade em que a consciência percebe e vai além dos modos de dação do objeto no mundo. Não é somente de forma objetiva que se dá a razão que modifica e caracteriza o mundo, mas as modificações que estão sob o aspecto da racionalidade que tende a um fim, que não seja apenas instrumental. Na história da humanidade, sempre houve aqueles que estavam sob este referencial e ligada a interesses científicos, e o que a ideia husserliana traz, é a noção de dado do objeto em consonância a mente e em relação à coisa em sim. Os modos de dação dos objetos sob a reflexão científica devem ser dados e resolvidos de modo universal e válido. Assim sendo, Husserl (2012, p. 100), diz que:

Digitalizado com CamScanner

> [...] é possível levantar-se o problema do modo de ser do mundo da vida em si e por si, colocarmo-nos inteiramente sobre o solo deste mundo simplesmente intuível e deixar fora de consideração todas as opiniões ou conhecimentos objetivo-científicos, para ponderar, então, que tarefas "científicas", ou seja, que precisam ser resolvidas de modo universalmente válido, se levantam em geral a seu respeito.

Os problemas inerentes da reflexão filosófica da crise estão para Husserl, neste desejo de limitar o mundo da vida a uma ciência, de deixa-la sob o método e limitação do trabalho filosófico em troca de uma realidade puramente determinada. As questões a serem resolvidas são por assim dizer, voltadas para o modo com este mundo é intuível, de como se torna cada vez mais acessível e muitas vezes, problemático. Neste ínterim, a vida e as dimensões do horizonte em que são percebidos e notados os fenômenos, devem ser conhecidos e deixar de fora da discussão a necessidade da ciência objetiva simplesmente

Tudo o que for de cunho objetivo e natural, deve por assim dizer, ser colocado sob os aspectos da redução fenomenológica (tema que iremos voltar com mais ênfase no capítulo 3 do nosso trabalho), portanto, essa assertividade é uma asserção que está implicada também questões existenciais, éticas, em suma, os objetos concretos que estão sob a passividade do espaço e do tempo. Assim, esta ideia deve, portanto, ter como afirmação que, deve se estender igualmente ao domínio subjetivo, ou seja, concepções e noções significativas do intelecto. As perspectivas das posições existenciais, uma mensuração feita pelo homem, este que está no mundo e o pensa não só objetivamente, mas formalmente, espiritualmente, existencialmente e filosoficamente. Nesta guinada, a ontologia que Husserl traz aqui é, por conseguinte, uma grande avaliação plurissignificativa sob a noção de mundo circundante.

3.3 O método husserliano como tentativa de refundação.

Esta perspectiva central da análise husserliana das ciências e da crise na modernidade científica, pois assim como a filosofia pode sobreviver e ser o baluarte desse novo panorama, desta nova via que se refere à refundação, ela também é a responsável por formar e mostrar os caminhos, aos quais devem ser percorridos no processo do conhecimento. Não isoladamente, percebe-se que a perspectiva da formação de consciência, faz com que o projeto de restauração seja efetivo, pois a relação das ciências junto à cultura, não é ser distante, mas próxima e com papel fundamental.

Digitalizado com CamScanner

Toda atividade das ciências deve ser no mundo da vida, em que estão inseridas as noções fundamentadoras e expandir o conhecimento além da simples doxa cotidiana, que serve apenas para adequar algumas formas de experiências sem o escrutínio devido. Para Husserl, esta vivência está na forma da configuração da vida pré-científica, que não é a fundamentação científica, mas que se torna assim, um primeiro momento; sendo que é necessária a evolução das ideias e dos modos de pensamento acerca da realidade do mundo, desse modo, "[...] a vida pré-científica basta certamente este conhecimento e a sua maneira de conduzir o desconhecido até o conhecimento, de modo a adquirir conhecimento ocasional com base na experiência (que se confirma a si e em si mesma, excluindo, assim, a aparência) e na indução" (HUSSERL, 2012, p. 101). Assim, algo mais deve ser conduzido, dirigido e fomentado na produção do conhecimento critico genuíno, não sob as bases do objetivismo, mas sob os caracteres formais e necessários da construção humana sobre o conhecimento científico.

Desse modo, a cientificidade genuína, se estabelece nesta reflexão ativa e em dois modos que já são conhecidos, seja a racionalidade ou a empiria, mas não distintamente como se alguma tivesse superioridade sobre a outra, mas sim, uma confirmação e expansão das noções que ambos os modos representam para o *eu transcendental*. Portanto, a guinada metodológica de Husserl, busca a refundação científica para sanar o déficit epistemológico das ciências para a cultura de maneira que seja efetiva. Desta forma, além de assumir uma postura fenomenológica como a ciência por excelência, obtém também, uma das características necessárias ao fenomenólogo, a *descrição*, nomeando-o como método descritivo:

> Descrever é dizer aquilo que "vemos", tentando ser o *mais completo possível*, ou seja, não negligenciar qualquer uma das facetas da coisa, do evento, da situação que se constitui o objeto da descrição; é também, dessa forma, se esforçar em *não preencher* os propósitos com traços generalizadores inventados, que não fazem parte da experiência efetiva do sujeito, os quais sabemos que "muito frequentemente" se dão nesse "tipo" de experiência. Descrever supõe, pois, que nos referimos a uma experiência singular, individuada no tempo e no espaço, e que nos atemos a ela, mesmo tendo que provar da pobreza de nossa descrição. A atividade descritiva se situa na linha divisória entre esses dois extremos: "não completar" / "ser o mais completo possível". Em suma, descrever supõe muita autenticidade e transparência em relação a si mesmo (DEPRAZ, 2008, p. 30-31).

Como acentuado acima, a descrição como método, subsume as menores perspectivas e inter-relações teóricas, sendo *aquilo que vemos*, ou seja, abstraindo o que há de mais completo na coisa, quem o percebe e dá suas definições, o transcende o objeto, colocando-o sob o aspecto mais próximo e acessível possível; apesar de as ciências utilizarem seus conceitos e noções de forma universal, o *método descritivo* não deixa que seja onienglobante demais, mas sim, a

Digitalizado com CamScanner

adentrar em uma experiência descritiva singular. Por isso, essa dicotomia acentuada na tarefa de descrever, o de "não completar" e generalizar e o de "ser o mais completo possível", estas duas facetas, expõe o quão difícil é a resolução fenomenológica da descrição, por conseguinte, a autenticidade e transparência estão na pura relação do sujeito em relação ao objeto, que mesmo estando acessível, sua formulação na consciência, não só a adéqua a uma ideia formada ou em construção, como também, a constitui nesta singularidade intencional.

Além de formar e caracterizar esta perspectiva descritiva, que não está em acordo com a experiência simples e natural, Husserl, estabelece o que ele denomina de redução fenomenológica, que como próprio nome já diz, reduz todas as coisas à dúvida enraizada no que ele chama de époque, suspensão do juízo. Mas estes aspectos estão inseridos na análise do próprio mundo da vida, assim, as ciências, são este construto de fomento e progresso humano, mas que necessitam de um ceticismo critico, que não seja ingênuo como o das ciências positivas, mas que traga para o campo da reflexão, as nuances de possibilidades de mudança e renovação de ideias e de cultura. "As ciências estão construídas sobre a obviedade do mundo da vida, porquanto a partir dela fazem uso daquilo que, em cada caso, é necessário para os seus fins" (HUSSERL, 2012, p. 102).

Assim, mesmo estando esta perspectiva sob o âmbito do mundo da vida em relação as ciências, não significa conhecê-lo cientificamente em sua maneira de estar dado. Mas sim, um vislumbre das possibilidades existentes nelas, seja nas ciências, seja também no mundo cultural da humanidade. Faz parte do estilo peculiar do pensamento husserliano, o fato de direcionamento e a interpretação se imiscuíram um no outro de maneira indistinta. Desse modo, isso é uma reconfiguração geral do sentido do que conhece como ciência para posteriormente traçar uma via que possa solucionar e acima de tudo, identificar com o caráter fenomenológico, o percurso para sair da crise.

Na *Krisis*, Husserl expõe de forma veemente sua preocupação com o mundo da vida, e da existência humana, de maneira que seja plena e eficaz, entendendo assim, a perspectiva epistemológica de filosofia como ciência de rigor, como fundamento primeiro e, de certa maneira, seu *telos*. A humanidade utilizará a vivencia filosófico científico nos aspectos mais peculiares e também mais simples da realidade humana, pois as ciências sendo alçadas pela filosofia suprem, por assim dizer, os déficits existentes nos contrassensos teóricos ocasionados pelo relativismo em pensar as ciências e sua ação na sociedade; como acentua Theodor Adorno (1903-1969), em sua obra de 1956 intitulada *Para a metacrítica da teoria do conhecimento*, onde diz que "[...] o rigor de sua própria estrutura de fundamentação serve como critério de

Digitalizado com CamScanner

cientificidade, e não a relação com uma coisa, qualquer que seja sua configuração" (ADORNO, 2015, p. 102). Contra a noção objetivista, ela retorna às ciências como uma falsa consciência das formas puras, consequentemente um realismo ingênuo da lógica. Desse modo, as ciências positivas necessitam dessa atitude material e objetiva factualmente. Portanto, a crise fundamental das ciências está nessa reiteração de distanciamento dos fundamentos do conhecimento, da humanidade e da autentica filosofia.

Portanto, por estar a procura da renovação e reestruturação do sentido cultural da humanidade ante as ciências e o mundo circundante, denota que o método husserliano, não se desvanece ao passo que evolui as novas concepções e noções epistemológicas acerca do conhecimento humano, mas sim, se reorganiza e evolui a cada novo passo reflexivo filosófico diante de problemas singulares, assim, "[...] renovação é o grito geral no nosso doloroso presente, e é-o no domínio de conjunto da cultura europeia" (HUSSERL, 2014, p. 3). Com este apelo, Husserl se dá conta de que o movimento da que a humanidade faz, é em direção a uma força e crença maior, vez ou outra benéfica ou maléfica, sustentada por uma necessidade de sentido e significados simples e que se adéquam a sua crença geral, e as ciências, embarcaram nesta crença ingênua, nesta visão de mundo objetivo, ao qual a filosofia fenomenológica, se debruçará para refletir e sanar os males que a crise trouxe.

A perda do sentido acerca do *telos* que o homem europeu sofreu, desencadeou uma série de fatores únicos e críticos, pois a racionalidade que deveria ser o cerne de toda e quaisquer reflexão, se perde na relativização, algo que Husserl identifica ao analisar as características do mundo da vida, com esta expressão põe esta dimensão do *Lebenswelt*, como não sedimentado pelo objetivismo das ciências, ou pela filosofia. Mas sim, na peculiaridade impar sobre o modo como este mundo da vida pode ter uma característica pluriversal e plurissignificativo.

> [...] essa nova expressão 'mundo da vida' exprime desde o início em um sentido concebido de maneira bem ampla a peculiaridade do pensamento husserliano ante o neokantismo e o positivismo dominantes, a peculiaridade de não partir apenas da ciência e de não restringir a tarefa da filosofia à experiência sedimentada nas ciências (GADAMER, 2012, p. 201).

Assim, a pretensão em que se delineou a reflexão husserliana acerca deste mundo da vida, se estende sob os aspectos fáticos do mundo, da realidade, seja objetiva, ou subjetiva, abraçando dessa forma, o ponto central da história da cultura que se viu perdida ante os novos moldes científicos. Com isso, a tarefa de Husserl, se estende para a saída da sedimentação da filosofia tão ameaçada em sua época, pois seu papel mais efetivo não se restringe a reflexão

Digitalizado com CamScanner

somente, há quem se engane, que filosofia é apenas reflexão, ela é a ciência por excelência, pois se dedica a estas questões mais elementares da humanidade.

Dessa forma, caracterizar o método husserliano demonstra que as relações entre filosofia, sociedade e ciências no geral, necessitam desta ação reflexiva e prática da filosofia, na resolução de problemas sejam eles de cunho epistemológico e, ou na dimensão fática do mundo alçada pela ciência. Portanto, pensar a fenomenologia transcendental como ciência de rigor, este significado era para demonstrar como este novo método poderia demonstrar às ciências e a filosofia – esta saída do positivismo e utilizando-se da redução para prover um conhecimento verdadeiro. Pois, Husserl ao demonstrar que aquela cientificidade em que está inserida a Europa, não pôde dispor de resoluções efetivas, gerando desta forma, a preocupação necessária para mudar o horizonte cultural em que estava inserida a filosofia e as ciências. Assim, em um primeiro momento Husserl (2014, p. 6), diz que: "Apenas a Ciência Estrita pode, aqui, criar métodos seguros e resultados firmes; apenas ela pode, por conseguinte, fornece trabalho teórico prévio de que uma reforma racional da cultura está dependente".

A ciência seria esta grande resposta, esta grande força que sanaria os males e dúvidas existenciais humanas, somente ela poderia criar, assim, métodos seguros, fundando uma racionalidade que não seria simples instrumentalização, mas realidade crítica e ampla. Este aspecto perece de início, promissor, entretanto, não fora isso que ocorreu, novamente, Husserl não é um negacionista, muito menos um agnóstico em relação à ciência, mas preocupa-se com o sentido *teleológico* da mesma, na existência humana. Esta é uma grave perspectiva, pois esta ciência que produziu conquistas está distante das relações comunitárias e culturais, "[...], todavia, encontramo-nos aqui em uma grave situação: pois a Ciência que nos deveria servir, procuramo-la nós em vão" (HUSSERL, 2014, p. 6).

Este descontentamento científico se reforçou sob o auxílio da mundaneidade do próprio indivíduo que se viu desamparado e sem perspectivas que pudessem ir além das factualidades externas, infelizmente, as ciências, só poderiam dispor isto para a cultura, uma análise da natureza e da simples realidade externa, "[...] natureza é, por essência, simples existência fatual e, com isso, fato da simples experiência externa" (HUSSERL, 2014, p. 8). Assim, este tipo de racionalidade se tornou problemático, pois analisava, investigava e dava seu devido valor, às coisas externas do mundo, a experiência logrou valor acima de todos os valores, e este tipo de reflexão desembocava no positivismo simples, ou seja, este tipo de racionalidade conduz apenas a uma racionalidade de exterioridades.

Digitalizado com CamScanner

Portanto, "[...] ao se tornarem autônomas com relação à lógica, elas não mais poderão satisfazer a exigência de uma 'auto-justificação crítica', de sorte que, não mais podendo justificar seus próprios métodos por princípios puros, 'a ciência recai na ingenuidade' (ALMEIDA, LETENSKI, 2016, p. 34). Delimitado como ordem "causal", assim sendo, essência, espaço-tempo e tudo o que era dado de forma repartido, ou seja, heterogêneo, esta racionalidade objetiva transforma tudo em uma dimensão homogênea, ocasionando na perda de todo e qualquer sentido.

Isto ocasiona em grandes problemáticas, pois constitui uma dimensão epistemológica, frágil, em que tudo estava sob os aspectos da natureza física, tanto indivíduos como animais, seriam simples acontecimentos no espaço, no aspecto da natureza. Contrassensos teóricos entram em conflito, pois a racionalidade humana não pode se deter apenas a relações causais, como a pura racionalização, esta noção se distancia e muito da característica última que deveria ser a ciência e a filosofia, que nesta dimensão, não seria importante em nenhuma de suas reflexões.

> As regularidades indutivas que, então, deste modo se oferecem não são, porém – tal como é válido, por essência, para a natureza física -, indicações de leis exatas, de leis que determinem a "natureza" objetivamente verdadeira de tais realidades, isto é, que as determinem em uma verdade racional de acordo com seu tipo de essência. Por outras palavras: aqui, onde a essência peculiar do espiritual se exprime na interioridade da vida de consciência, na senda aberta pela abordagem indutivo-causal, não reside nenhuma explicação racional, e isso a partir de fundamentos (de modo que é um contrassenso procurar uma coisa tal, ao modo da nossa psicologia naturalista). Para uma efetiva racionalização do empírico exige-se (aqui inteiramente como no caso da natureza) precisamente um regresso ao especifico do espírito, enquanto mundo das interioridades. (HUSSERL, 2014, p. 10).

Há dessa maneira, esta relativização de todos os aspectos subjetivos em relação à ideia de racionalidade em que estão implicadas as ciências, que neste ínterim, a indução seria definida e complementada pelas relações causais, dando assim, um teor puramente natural, objetivo e delimitativo a experiência. A espiritualidade humana foi sendo excluída da perspectiva do mundo circundante, apesar de estar estritamente inserido no mundo. "Mundo é o campo universal para onde estão dirigidos todos os nossos atos experiência, de conhecimento ou de ação" (HUSSERL, 2012, p. 117). O mundo ao qual estamos circundados é o que faz parte da nossa realidade. E nele se configura os horizontes das ações e acima de tudo, a percepção da realidade do mundo da vida, que sob os modos de uma racionalidade natural, não se expande.

Como forma subsumida no mundo da vida de maneira causal formulado pela razão positivista, dá, assim, a abertura para problemas essenciais que estão no seio da humanidade e

Digitalizado com CamScanner

que foram sendo excluídas da explicação científica. Em contraposição a esta noção causal, Husserl mostra que, o mundo no qual sua filosofia está agregada, vai par além do interesse pelo mundo externo, mas que há uma valorização ao mundo da vida que fora excluído e esquecido pelas ciências positivas, que é o que move a nova racionalidade. A distinção entre o *a priori* lógico-objetivo e o *a priori* do mundo da vida é para conduzir em direção de uma reflexão radical. Tarefa proposta como pura doutrina que Husserl organiza como essência do *Lebenswelt*. Mesmo todas as ciências se dispondo sob o mundo da vida, elas não conseguem mensurar sua dimensão prática e espiritual.

Na *Krisis*, Husserl constitui no decorrer de sua reflexão não somente a derrocada das ciências, alçadas pelo positivismo, mas demonstra a capacidade com que a humanidade, por meio da fenomenologia transcendental, pode sair da crise, e assumir a via fenomenológica como superação e, neste ínterim, como razão para transformação das perspectivas que se delineiam no âmbito da filosofia e das ciências, estas, só serão efetivas e universais se detiverem um sentido para a vida humana, que está inserida neste construto no mundo da vida, elemento substancial para a humanidade que se faz necessário uma renovação cultural e epistêmica das ciências:

> Entre os objetos do mundo da vida encontramos também o homem, com todo seu agir e empreender humanos, as suas ações e paixões humanas, nos seus vínculos sociais particulares, vivendo em comum no horizonte do mundo e sabendo-se nele. Assim, a nova orientação universal dos interesses tem também de ser levada a cabo, de uma só vez, para tudo isto. Um interesse teoricamente uno deve dirigir-se exclusivamente para o universo do subjetivo, onde o mundo, em virtude de sua universalidade de realizações sinteticamente vinculadas, chega à sua simples existência para nós (HUSSERL, 2012, p. 119).

Desse modo, a cientificidade da fenomenologia de Husserl, conduz diretamente para a dimensão humana em sua totalidade valorativa, e em especial, sua constituição, modos de viver, agir e de conhecer; dentre os infinitos objetos existentes no mundo da vida, o homem também está inserido e como *Ser* que tem consciência da perspectiva mundana, insere-se no mundo da vida de forma ambígua e sem o devido respaldo para adentrar em suas configurações em totalidade.

Assim, sob a nova orientação universal, ou seja, a orientação fenomenológica transcendental dá não só o suporte, como também, a direção puramente teórica, em que está dirigido o amplo universo conceitual que de forma una direciona-se para o universo subjetivo. Estas aferições denotam a visão mais proeminente em ralação a existência e sobre a *teleologia*

Digitalizado com CamScanner

da humanidade; pois o sucesso da filosofia como ciência rigorosa, enquanto "método" fenomenológico, subsume todas as perspectivas inseridas na realidade, dessa maneira, "[...] todas as ciências são imperfeitas, até a mais admirável exata ciência" (HUSSERL, 1970, p. 74). Com isso, percebe-se que Husserl, não busca fazer uma cisão simples e do acaso, mas estabelecendo como ciência, a própria filosofia, mesmo sendo falha, ainda assim, não cairia no erro positivista.

A nova perspectiva husserliana, é de uma superação eficaz em relação aos métodos anteriores, seja da filosofia que também estava em crise, seja das ciências em seus dois grandes aspectos formais, espirituais e naturais. A fenomenologia transcendental tinha que ser metodologicamente abrangente, "[...] a fenomenologia questionou de maneira crítica todos os pontos de vista filosóficos usuais e todas as visões de mundo [...]" (GADAMER, 2012, p. 203). E por esta noção abrangente de pensar e transformar a realidade conceitual e prática que as ciências positivas lograram, deram para Husserl, críticas severas, pois a radicalidade de seu pensamento fora mal compreendido, e desse modo, se viu tão disposto a revisar e discutir sobre seus temas fenomenológicos tão assiduamente, como afirma Gadamer (2012, p. 205):

> Husserl considerava grande demais a dificuldade de reter a postura transcendental e de mantê-la de maneira tenaz. E ele não censurou seus adversários apenas pela reincidência e pela incompreensão da radicalidade da nova fundamentação, mas reconheceu o perigo de tal recaída em geral como natural.

Portanto, para não se deter sob um aspecto da crítica em ralação ao seu novo método, Husserl, permanece com suas convicções adentrando ainda mais nos diferentes moldes teóricos e práticos da sua fenomenologia como via metodológica. Desse modo, ao perceber que poderia estar direcionando de alguma maneira uma recaída natural, ele sai desta noção e debruça-se ainda mais na noção de filosofia como ciência de rigor. Seu método não se restringe sob a forma de uma convenção simples, mas com rigorosidade, ceticismo e razão universal.

Dessa maneira, Husserl dá continuidade para um novo cenário científico que está agora, sob o fundamento da fenomenologia transcendental, descrevendo a realidade, as nuances e as perspectivas falhas infundadas de concepções epistêmicas como o psicologismo. Um método encerrado em si, sob os aspectos de uma pesquisa teórica autônoma e coerentemente mantida, com isso, a formulação científica de Husserl, implica necessariamente a desocultação, a partir da transcendentalidade, prefigura, não só uma nova ciência, como também uma nova guinada epistêmica, a saber:

Digitalizado com CamScanner

> Se esta é uma tarefa justificada, uma tarefa mesmo necessária, então a sua execução significa a criação de uma ciência especificamente nova. Como ciência sobre o solo do mundo, esta, em contraste com todas as ciências objetivas até aqui delineadas, seria uma ciência do *como* universal da doação prévia do mundo, ou seja, daquilo que constitui o seu ser-solo universal para toda e qualquer objetividade (HUSSERL, 2012, p. 119).

A criação desta ciência nova, deste modo de pensar novos e de construção racional de uma humanidade aberta às perspectivas universais de constituição acerca da vida e da execução de um mundo epistêmico fundamentado efetiva-se, para Husserl, na tomada de consciência de justificação exata e livre de contrassensos que possam delinear a possibilidade de uma regressão epistêmica que neste caso em especifico, fez com que a humanidade europeia, perdesse a crença verdadeira acerca do mundo da vida, da existência e, por conseguinte da filosofia.

Portanto, este resgate estrutural que Husserl recorre, não é precisamente a destituição das ciências, mas sim, para dar a elas aquela racionalidade universal, em decorrência da entrada das ciências positivas que em seu modo de agir e conceituar o mundo, é de caráter puramente instrumental, nisso Husserl, pensa a filosofia, que terá características próprias, livres de pressupostos limítrofes do positivismo, para poder, assim, dar aquele fundamento reflexivo ao qual as ciências não utilizam filosoficamente. E sua reflexão está voltada, justamente para o homem, para seu poder de autorreflexão, de autocorreção e de mudanças em detrimento da necessidade para transformar seu mundo e a noção de conhecimento, pois para a concepção husserliana, uma vida sustentada pela ingenuidade e sem a atividade reflexiva, conduz, segundo Husserl, ao finamento sem sentido, ou seja, uma existência medíocre.

> O homem, enquanto homem, está marcado pelo pecado original, este pertence à forma de essência do humano. Enquanto homem, ele é o sujeito da autorreflexão, e, decerto, o sujeito de uma tomada de posição valorativa e prática relativamente a si próprio, ele é sujeito de uma "consciência" e, enquanto tal, está submetido a uma norma de valor absoluta [...] (HUSSERL, 2014, p. 53).

É para o homem o direcionamento deste método, um indivíduo em que a tomada de decisão é crucial para sua compreensão, para sua reflexão ativa diante das necessidades e incongruências que surgem diante dele no mundo que o rodeia, desse modo, somente ele é capaz de se perceber e criar para si um sentido *teleológico* pleno, entretanto, mesmo com todas as noções e modelos de superação se suas crises, ainda assim, este ser humano é perpetrado com grandes dicotomias em relação ao significado e o sentido de sua vida.

Digitalizado com CamScanner

Como construtor de ideias, conhecimento e normas que o conduzem em direção a um *telos*, este tem por necessidade, estabelecer as bases de sua concepção de mundo e de racionalidade, Husserl, desse modo, fornece a perspectiva da fomentação da essência, da possibilidade de uma verdadeira comunidade de cultura, em ambos os aspectos, espirituais e naturais e, com isso, trazer para o campo reflexivo a perspectiva universal, "[...] todas estas experiências mostram-lhe que é imperfeito, que deve aprender a proteger-se do erro, a refletir sobre a sua capacidade cognitiva [...]" (HUSSERL, 2014, p. 54). Dispor dessa maneira, a capacidade de criar uma comunidade, que mesmo sendo imperfeita, saber discernir e constituir uma humanidade verdadeira. Cientificamente propícia a dar-se conta das crises e perspectivas maléficas no construto social.

A ciência está inserida nesta perspectiva, e como parte da cultura, situa-se como aquela força que move e que deveria dar o suporte para as duas grandes áreas, em que o homem está inserido, e nesta ideação metódica, a filosofia cumpre seu papel como ordenadora comunitária, como produtora de saberes e mantenedora do *logos* corretamente válido, desse modo, "[...] a própria Ciência é uma das formas de cultura, domínio de uma possível vida de comunidade e das realizações comunitárias" (HUSSERL, 2014, p. 61). Desta forma, a nova racionalidade cientifica, enquanto renovação do método que Husserl traz para perscrutar e superar a crise é a busca de uma autentica humanidade que possa descobrir o sentido último de todas as formas de compreensão de sua tarefa epistêmica, e para isto, tem que despertar. "A coletividade humana enquanto coletividade não fica, com isso, despertada para uma *autoconsciência autêntica*, nem despertou ainda enquanto verdadeira coletividade humana" (HUSSERL, 2014, p. 62).

Destarte, sob este aspecto, Husserl configura sua ideia de ciência, como fundadora de uma nova cultura, de uma nova racionalidade e modo de perceber a existência como sentido finalístico para o homem moderno. Isto posto, nada poderá caracterizar mais a nova modernidade científica, do que a fenomenologia transcendental, e com ela as várias nuances que estão implicadas neste aspecto prático e teórico; "[...] sugerir a oposição, isto tem muito significado de ciência, esta função não apenas como o projeto de descobrimento de mundo, mas de abertura e para uma 'genuína' vida em verdade, é em si mesma perpetuamente em um estado de crisis" (DODD, 2005, p. 51).

Não divergindo das aferições anteriores, esta abertura de descobrimento e de uma construção de vida genuína e autêntica é produzida pela crise, que ao motivar a saída de um modo estagnado e falho de cientificidade propõe não somente a renovação, como também, a estrutura espaço temporal das engrenagens que perfazem o mundo. Assim, caminhando em

Digitalizado com CamScanner

passos as vezes largos, ora pequenos, as ciências deram este novo patamar para a vida, mas que segundo Husserl, deve-se haver uma crítica sob os âmbitos da fundação e justificação do conhecimento, pois o ser humano cultural, além de perceber e pensar sobre ciência, pode desvelar e conhecer verdadeiramente com o puro ato reflexivo e interpretativo.

Com esta perspectiva de transformação cultural e científica, Husserl, sai do puro formalismo para a perspectiva de uma filosofia com raízes racionais fundamentadas, a crise que estava na cultura, nas ciências, e da perspectiva metodológica das mesmas em que a humanidade europeia ficara estagnada culturalmente. Desse modo, com esta nova característica teórica de refundação, ou seja, a crise quando superada, renova-se tanto a ciência, como também a cultura.

A crise é esta possibilidade de perceber o que pode ser transformado, um verdadeiro diagnóstico. Dessa maneira, Husserl situa a fenomenologia como uma prática, conduzindo a epistemologia por meios que possam pensar e constituir conhecimento critico fora da esfera relativa e ingênua das ciências positivas, pois, estas dedicam-se apenas aos critérios da sensibilidade e, portanto, não são importantes suficientes para o sentido existencial.

Mesmo com o triunfante avanço das ciências e, acima de tudo, o movimento que estas engendraram com seu método relativizando o mundo dos valores e, também de certa maneira, da epistemologia, foi perceptivo, entretanto não foram suficientes para o crescimento da humanidade como um todo, mas a distanciou de seu âmago teórico, dando a esta mesma humanidade a crise dos fundamentos, por responderem ou pelo menos darem um sentido teleológico para a cultura. Assim, "[...] a tensão latente em todo e qualquer positivismo, mesmo em suas variantes mais recentes, entre o elemento lógico e o elemento empírico -, é resolvida por Husserl em favor do elemento lógico" (ADORNO, 2015, p. 214). Com estas características é notório que o método husserliano, fornece o que não fora fornecido pelas ciências positivas sob a base da atitude natural, mas levou desse modo, a humanidade, a sua maior perda de sentidos, ou seja, sua própria existência.

Assim, és perceptivo que diante das grandes realizações científicas, ainda assim há um grande déficit, pois até um certo momento, estas deram esperanças de algo que tinha como objetivo, ser mais pomposo e alto do que poderiam ser. A derrocada epistêmica deu-se em sob o aspecto singular do esquecimento da filosofia, de seu método e histórico, entretanto, a própria filosofia, deixada a parte das discussões embebeda-se das ideias positivas, ocasionando dessa forma, a necessária renovação primeiramente filosófica e posteriormente, científica.

Digitalizado com CamScanner

> O triunfante avanço da ciência não vai parar pouco antes a filosofia, e sem compromisso com um *Weltanschauung* pode ser tolerado. Ainda, o fanatismo científico não necessita ir para o outro extremo e destrói *Weltanschauung*. Onde ainda estão valores pessoais e culturais para ser seguro, e portanto *Weltanschauung* vai reter este significado para a humanidade (LAUER, 1970, p. 15).

Como força natural da racionalidade humana, a ciência deteve seu poder sem freios, sem reflexões prévias, apenas fizeram, apenas construíram, assim, mesmo tentando subsumir a filosofia, esta não consegue, pois, indo a outro extremo a ciência não se deteve aos valores, e sobre a visão de mundo circundante para o homem. Dessa forma, o que entendemos como visão de mundo, é o que pode conduzir esta *humanidade científica* a um novo patamar epistêmico e cultural, sem o *Weltanschauung* (Visão de Mundo), não há fixações seguras dos valores, sentidos e significados existenciais para a humanidade, dessa forma, a filosofia com todo seu rigorismo ao qual Husserl a significa, poderá dirigir a humanidade sob um novo horizonte cultural.

Neste ínterim, sob os aspectos em que situação a ciência é para construção de ambos os aspectos espirituais e naturais, um novo modo de pensar a existência e a prerrogativa de dação do mundo e para isto, necessita deste método fenomenológico que se configura de forma multifacetada e ao mesmo tempo unitário, desse modo, "[...] a vida que realiza a validade do mundo, validade própria da vida natural do mundo, não se deixa estudar na atitude desta vida natural do mundo.

Ela necessita, por isso, de uma alteração *total*, de uma *epoqué universal*, de uma espécie *completamente única*" (HUSSERL, 2012, p. 121). A vida deste mundo, não é conduzida somente pela vida natural, isto é claro e evidente para Husserl e nesta perspectiva uma vida que a subjetividade exerce tarefa única, que não se limita aos aspectos naturais, mas avança para além das exterioridades, com isso, dá-se como modo único de perspectiva formal, a adequação e compreensão do mundo, como modo universal e acima de tudo, como construção das características científicas do mundo.

Para Husserl, o mundo não é simples aferição, mas modificações complexas de suas motricidades, assim, para poder entender este real sentido e perspectiva das ciências, necessita-se colocar estas sob o tribunal da dúvida, sob o escrutínio da filosofia fenomenológica, sob a ótica da fenomenologia transcendental, que servirá de fundamentos para as ciências. O método fenomenológico, a aferição do mundo como organização lógico é em suma, a tarefa de toda e qualquer filosofia que se endereça pela busca da verdade e de produzir problemas a serem

Digitalizado com CamScanner

resolvidos, pois, a modernidade científica deixou a mercê a razão principal da função científica a existência.

> A raiz do fracasso das filosofias do passado estaria, segundo Husserl, na falta de um verdadeiro método, na inadequação de seus conceitos fundamentais, no estabelecimento de teoremas não demonstrados e na tendência a construir sistemas acabados e fechados, mas divorciados da realidade das coisas. Para superar estas deficiências, Husserl dedicou toda a sua vida a elaboração de um método que assegurara a filosofia o caráter de verdadeira ciência, que lhe permitira alcançar um conhecimento absoluto, fundado sobre si mesmo e a sua vez fundamentador de outro saber: *philosophia prima et ultima.* (FREITAS, 1980, p. 62).

A falta de uma autentica fundamentação e método adequado, e sob o baluarte de construir sistemas acabados e fechados, a perspectiva de Husserl para as ciências é, portanto, uma dedicação que perdurou toda sua vida, desde sus primeiros ensaios, até sua última fase que fora em princípio, uma dedicação total a uma nova noção de filosofia, não como mera reflexão, mas com uma cientificidade própria; dessa forma, construindo para o estatuto da filosofia que pudesse lhe garantir um caráter de verdadeira ciência. Para alcançar, assim, o conhecimento absoluto.

O método filosófico como ciência rigorosa, como ciência verdadeira dando o valor necessário a existência e acima de tudo, dos caracteres necessários para superação de toda e qualquer crise, com isso, praticar a fenomenologia como via de superação da crise e fundamento da ciência é constituir cabalmente, uma refundação do caráter epistemológico. Obtendo um ponto de partida absoluto para o conhecimento. Ainda sob a influência de Descartes, uma perspectiva categórica de filosofia livre de pressupostos falhos, "de ídolos" como dizia Bacon, mas de um saber autêntico e rigoroso. "A 'ciência' surge, por conseguinte, como um sistema de bens comuns e, por meio de uma sistematização, como um bem comum unitário – em um sentido impróprio e lasso" (HUSSERL, 2014, p. 90).

Por que então este viés metodológico radical husserliano? Justamente, pois o pensamento moderno caracterizou-se progressivamente pela desvalorização do que se entende por existência, em ambas correntes epistemológicas: racionalismo e empirismo. O mundo existe anteriormente a qualquer conclusão prévia ou posterior. Portanto, Husserl, estende sua filosofia como um método interpretativo e reflexivo autêntico, não o método em que incorreram os modernos, mas uma cientificidade fenomenológica, transcendental, capaz de superar as convenções e dar por encerrado as incongruências no âmbito do conhecimento, seja nas noções espirituais seja sob a dimensão natural, com isso, a filosofia, e as ciências, são resgatas de seu

Digitalizado com CamScanner

momento de perda de sentidos em detrimento de um novo momento histórico, em que está restituído a *teleologia* das duas: para existência e progresso humano.

3.4. Renovação cultural: o novo panorama "fenomenológico" das Ciências.

Husserl na *Krisis*, mesmo fazendo sua crítica ao positivismo científico, percebe que este não é um mal em si, pois estas respondem a dimensão do puro material e, portanto, estabeleceram uma funcionalidade que perpassa pela experiência, mas dá-se conta que estas necessitam de abertura para uma nova guinada reflexiva, desse modo, a estrutura ao qual se molda o conhecimento científico, denota a importância e a necessidade de sua intervenção na realidade, a natureza é em suma o campo de investigação perene das naturalidades, e que de certa maneira, ainda adentra nas nuances da espiritualidade humana, entretanto, não pode ser o que rege os problemas e as possíveis soluções.

Dessa maneira, uma renovação cultural se faz necessária, pois já que as ciências estão sob a análise fenomenológica como metodologia para as diversas investigações, cabe ainda mais avançar o nível de reflexão acerca do mundo do homem e suas problemáticas. A cultura é por sua vez, este construto social em que estão implicados os costumes, as tradições e também, as epistemologias que cada traço cultural tem em si. O mundo da vida é esta volição, um dar-se, mas que ainda precisa ser investigado, entendido, pois este não está fora do mundo natural, mas supera-o, não se esgotando, mas em um constante crescente, mediante o desenvolvimento humano e consequentemente, científico.

Enquanto epistemologia a cientificidade na fenomenologia de Husserl, perpassa acima de tudo, por toda sua obra, em que investiga o mundo, o corpo, a mente e o conhecimento. Nessa motricidade, percebe-se que a reviravolta epistemológica não se encerra sob os aspectos filosóficos, mas estendem-se às demais áreas do conhecimento. Seja sob a noção de ciência da época do autor em questão, seja como legado de sua investigação nos dias atuais; o cientista do século XXI, antes de ser um amante do método e da investigação natural, deve ser primeiramente, um fenomenólogo.

Apesar das perdas dos vários sentidos em que a filosofia se encontrou as bases da cientificidade de Husserl, se demonstra neste rigorismo de uma filosofia como ciência rigorosa, ou seja, a fenomenologia. Assim, neste panorama, Husserl, cria um método que pode subsumir e restaurar as bases do que fora perdido pelo critério multifacetado das ciências em relação a

Digitalizado com CamScanner

filosofia. O fundamento do conhecimento está na circularidade da história, do momento de formação da ideia e do desenvolvimento do critério de falseabilidade.

Como base para a teoria do conhecimento, a fenomenologia, distancia-se das incongruências trazidas pelas ciências positivas de dar como verdadeiro o que se pode ver, sentir e mensurar empiricamente. "O que Husserl procura por não contabilizado, e inexplicável, é a relação entre as regiões separadas do ser que cada ciência positiva tematiza e a unidade da Razão" (MOHANTY, 2011, p. 394). O que Mohanty diz é justamente esta tematização que as ciências positivas fazem acerca do próprio ser e o que se desenvolve na unidade da razão, ou seja, suas particularidades e a constituição da produção do conhecimento. A ciência positiva logra subsumir o que é puramente essencial para o aspecto da experiência sensível; assim, a crítica husserliana, se deteve a perceber e dar a estes aspectos seu caráter científico e com fundamentação epistêmica.

Além do mais, com o advento das ciências positivas, Husserl inaugura uma forma de pensar radicalmente novo. Ao investigar sobre a crise e seus descaminhos, se dá conta que a *ratio* não pode buscar fundamentação alguma fora de si. Assim, para o desenvolvimento de uma renovação e restauração dos fundamentos, esta mesma *ratio* deve encontrar justificação no seu próprio seio. Logo, de quem é esta responsabilidade? Da filosofia fenomenológica, ou seja, da fenomenologia transcendental. É ela quem irá perscrutar todos os âmbitos do conhecimento, a noção epistemológica fenomenológica, expõe assim, que a filosofia é quem dispõe de instrumentos necessários para investigar os critérios do conhecimento.

Acerca do problema dos fundamentos epistemológico no âmbito das ciências, torna-se imperativo iniciar uma reflexão sobre a teoria do conhecimento e a crise que se empreendeu no seio da modernidade, que necessita veementemente de uma razão que possa conduzir a uma ênfase do sentido e da perspectiva da renovação espiritual da cultura. Desse modo, a filosofia não ocupará as ciências, mas será aquela em que a dedicação endereçar-se-á a questões mais elementares. O que a filosofia oferece como fundamentação é a perspectiva de clareza em relação às suas fontes que estão no campo subjetivo, reflexão e interpretação dos fundamentos, algo que as ciências não o fazem.

Portanto, essa crítica filosófica, que a sua maneira, é capaz de dar os devidos fundamentos ao conhecimento científico, se dá como *fenomenologia*. Assim, com o objetivo de analisar e perscrutar as nuances que o conhecimento cientifico dispõe para a cultura como *telos* existencial, cabe a filosofia fenomenológica a tarefa de constituir a perspectiva de superação da

Digitalizado com CamScanner

crise dos fundamentos e, acima de tudo, dos contrassensos teóricos existentes com a ingenuidade científica positiva.

Desse modo, parte-se do ideal de que a cientificidade pode dar significado ultimo para a humanidade, em sua caracterização e função normativa. Há para Husserl, uma grande inversão de valores quando se refere às ciências, ou seja, a noção de realização plena delas em relação ao modo de viver humano, as ciências perdem sua dimensão nova, em detrimento de uma visão limitante de sentido dada pelo positivismo, e sem o devido escrutínio que a filosofia traz em seu seio. Há na modernidade, um positivismo ativo e excludente àquilo que se refere ás bases do conhecimento, uma posição totalmente bilateral acerca do construto científico.

E para superar esta perspectiva da atitude natural nas ciências positivas, Husserl desenvolve a fenomenologia como *ciência eidética*, aquela que teria os pressupostos necessários para superar qualquer incongruência epistemológica nas ciências, sejam elas naturais ou espirituais. Neste ínterim, o fazer científico, caracteriza-se pela ordem das ideias, não o real. Sob esta ótica, dá o sentido ultimo e ao mesmo tempo múltiplo, ou seja, tarefas infinitas, as quais devem ter o devido prognóstico investigativo que as ciências não puderam se direcionar, detendo-se apenas no natural e na relação causal que, por sua vez, trouxe o alvorecer do homem finito, algo que a filosofia e que Husserl tenta superar sob os aspectos de sua epistemologia e sua cientificidade transcendental.

Uma crença verdadeira, embasada neste prognóstico geral das ciências positivas não tem fundamento sólido algum, pois como dito antes, estas carecem de sua clarificação e, portanto, acabam por não trazer as respostas "cabais" para a existência humana. "A ideia de que a epistemologia precisava de uma crítica do conhecimento fez com que Husserl fizesse uma interpretação da história das ideias [...] uma retomada da Filosofia e de suas questões fundamentais [...]" (SENRA, 2020, p. 29). Destarte, em sua expertise, Husserl, dá como caráter universal, a noção de justificação do conhecimento, sob os aspectos das infinitas tarefas, que são nada menos que a superação de uma epistemologia que não responde às questões mais essenciais à vida.

O sentido de ciência rigorosa não tem nada a ver com a ideia antiga de ciência, mas sim, com uma nova vontade de vida, conhecimento de si mesmo, conhecimento do mundo e a possibilidade da perspectiva de uma nova humanidade, desse modo, o mundo da vida pode se tornar o tema de uma ciência universal, Filosofia como uma ciência de rigor, superando as nuances limítrofes das ciências positivas dadas em uma atitude natural e suas ramificações como o objetivismo e por fim, o psicologismo. A importância do caráter epistêmico husserliano

Digitalizado com CamScanner

não se encerra com suas obras e debates, mas estão presentes ainda hoje, seja sob o âmbito das humanidades e, ou, das naturalidades.

Desse modo, este caráter epistêmico de uma nova cientificidade, de um novo modo de se refletir acerca das ciências, extrai veementemente das conjunturas teóricas as perspectivas de renovação mais acentuada. Uma humanidade renovada, não é somente aquela em que põe em dúvida qualquer conhecimento, mas sim reconhece e percebe os fundamentos da investigação científica. Assim sendo, cabe a filosofia, esta reflexão de alimentar o desejo de investida sobre as possibilidades da construção do próprio conhecimento.

A humanidade não pode se deter a verdades frágeis e, ou, que satisfaçam suas crenças. Mas sim, uma reposta cabal sob o aspecto da dúvida que antes fora pensada por Descartes e que com Husserl, ganha uma nova investida, ou seja, sob o aspecto do ego cartesiano, este não duvidava de sua constituição consciente, todas as coisas poderiam estar sob a dúvida, entretanto, não a consciência, ou seja, o pensamento; em Husserl, este ego adquire outra conotação, que não difere muito de seu predecessor, mas diferente do ego cartesiano, o de Husserl põe em dúvida até mesmo este *eu*, no sentido de autocorreção e autoavaliação.

Com isto, Husserl objetiva o desenvolvimento racional que de fato, possa por sua expertise repreender e construir meios de conhecimento que sejam acessíveis e acima de tudo, práticos. Assim, a humanidade não pode adentrar em uma perspectiva de conformismo por ser mais fácil aceitar determinada "verdade", desse modo, a melhor maneira é perscrutar as possibilidades do conhecimento, as suas nuances e suas múltiplas vertentes, e neste meio, a fenomenologia está na dimensão rigorosa de ciência, como uma das fundamentações para o cientista.

Desse modo, a constituição do conhecimento, sob a cientificidade transcendental, algo que falaremos no último capítulo deste estudo, caracteriza-se na busca aprofundada de fundamentação, de construção e superação de toda e qualquer crise em que se situa as ciências. Com isso, o novo panorama epistêmico, está como dito no tópico *2.3*, para além da dicotomia sujeito-objeto, mas sim, sob os aspectos da fenomenologia transcendental com suas perspectivas e superações. A crise deturpou a visão de mundo, seja ele natural ou espiritual, na dimensão da perda do *telos* necessário que coaduna o sentido e significado da existência humana. Portanto, a busca de superação da crise está definitivamente em edificar uma humanidade que não se detém ao conhecimento factual somente, mas também ao que a subjetividade tem como contributo e construto com força e razão essencial. O retorno às coisas

Digitalizado com CamScanner

mesmas é a perspectiva de descrever os objetos como eles são e como eidética racional ideal, superação dos chamados contrassensos teóricos.

Portanto, a guinada epistêmica husserliana, vai além dos aspectos formais e tradicionais da modernidade. O que engloba na verdade é a construção e a perspectiva descritiva de voltar todo o ato reflexivo em direção ao objeto investigado, que geralmente é a noção de mundo e a do próprio sujeito do conhecimento. Desse modo, o mundo é essencialmente singular, a realidade não assume esta característica multifacetada de significados, mas sim o polo do objeto que necessita ser conhecido e trazido à tona.

Uma representação que seja efetiva e necessariamente pertinente no processo de constituição do conhecimento. Na dimensão do aspecto epistêmico, a fenomenologia não se detém ao que já é evidente por si, mas busca ir além dos aspectos físicos somente, e neste ínterim, perfaz uma análise mais detalhada, com exclusividade racional da dúvida que pode trazer a verdade, na perspectiva da investigação minuciosa. Não se perde nas nuances frágeis de uma investigação sem a devida análise filosófica.

Assim, sob a base fenomenológica, a filosofia, enquanto método para obtenção e investigação do conhecimento, adquire uma potência teórica veemente, não delimitada aos aspectos empíricos, nem de um idealismo puro, mas sim, da construção de uma forma de entender os processos físicos e mentais com uma singular perspectiva mundana, em que todos estão inseridos. Esta noção ultrapassa os limites da simples convenção epistêmica de adequação do objeto, mas dá um novo sentido pleno, o de poder entender, trazer para dentro e para fora do campo do conhecimento sob a perspectiva da consciência.

Com isso, a filosofia é esta base teórica e, de certa maneira, prática do suporte para entender o mundo o homem e refletir o sentido mais próximo do que se entende por existência humana. Neste meio, cabe a esta nova visão de refundação que seria a perspectiva fenomenológica, de filosofia com ciência rigorosa, a importância essencial de manter a racionalidade sempre em busca deste sentido existencial, da *teleologia* que deveria estar implicada no objetivo geral de todas as ciências, a de se fazer compreender, entender a função e a construção de uma civilização cada vez mais crítica e que adotara a dúvida como doutrina, envolvendo o que pudesse deixar por assim dizer, turva a compreensão do mundo.

A cultura não pode ser determinada e muito menos entendida como um objeto de experiência natural como ocorre com a investigação da natureza, mas sim, dentro desta grande magnitude humana com todas as suas características, deve-se ter em primeiro momento a noção

Digitalizado com CamScanner

de mundo como coadunado à existência, não a parte, mas em uma relação "simbiótica". Pois a crise que esteve dentro das ciências, foi justamente este distanciamento delas das coisas mais puras da existência ao adotar o meio empírico como fundo de conhecimento último. Assim, abdica-se das questões mais prementes da humanidade, como a ética, a cultura e a capacidade de pensar o mundo não como aspecto factual, mas como processo subjetivo do entendimento.

Não está na filosofia husserliana, em particular na *Krisis*, o interesse de destituir as ciências positivas, ou de mudar a estrutura sujeito-objeto, mas demonstrar que este meio de obtenção de conhecimento, exclui categoricamente a possibilidade de fazer ciência como auxiliadora da vida humana, e neste meio, como fundamento. O caráter epistêmico de Husserl perpassa pela noção do significado, da linguagem e da noção de mundo como extensão da existência, seja ela humana, ou natural. Mas esta visão não pode ser delimitada por uma ótica meramente natural, mas sim, sob os aspectos da racionalidade que busca englobar ambas as noções como sendo as bases de todo e qualquer conhecimento. A filosofia como ciência de rigor é esta organização e sistematização ampla para as ciências como modo refletivo ativo ante as nuances problemáticas do sentido das ciências para a existência.

Assim, como função normativa em que está implicada a análise filosófica de Husserl, a ciência é esta força, esta motriz construção instrumental de possibilidades em que a humanidade pôde desenvolver-se e se dar conta de que o mundo e sua própria constituição são necessariamente algo que a mente humana pode ter acesso e indubitavelmente dar sentido absoluto sobre os objetos que constituem o mundo circundante. Assim, a humanidade que se desenvolveu sob os aspectos do positivismo, pode agora, adentrar em uma nova dimensão reflexiva sem os prognósticos limitantes de uma cientificidade ingênua e que não produziu o devido fim metodológico, que deveria ser à base dos fundamentos das ciências, não somente sob os aspectos naturais, mas também na dimensão das humanidades.

É necessário pensar esta nova constituição epistêmica, inaugurada por Husserl, pois em sua análise o mundo, o ser humano e a natureza todas são passiveis de descobertas cada vez mais profundas, e para este construto, a fenomenologia seria este caminho, esta grande via de descobertas que transporta para o sentido das coisas a finalidade de sua acepção ante a *ratio* humana. "[...] Husserl sustenta que a razão deve ser desenvolvida em prol das mais altas aspirações valorativas do espírito humano" (SENRA, 2020, p. 24). Portanto, a filosofia como ciência de rigor é esta volição, potência e força movimentadora da busca de sentido acerca do mundo e da função do conhecimento.

Digitalizado com CamScanner

A ciência nova é esta perspectiva de renovação, de restauração não das ciências como se fossem inválidas, pelo contrário, mas de atestar a filosofia como essencial para auxiliar na construção de uma cientificidade que dê conta de superar as incongruências do discurso do conhecimento das ciências positivas, e neste ínterim, superação dos contrassensos teóricos e relativismos gerados pela má compreensão. A cultura científica fenomenológica é antes de tudo, uma cultura que entende seu objetivo, seu *telos* e sua constituição existencial e, para esta noção, a reflexão científica deveria voltar-se constantemente.

Digitalizado com CamScanner

4 FILOSOFIA TRANSCENDENTAL COMO VIA DE REFUNDAÇÃO DAS CIÊNCIAS

O objetivo de Husserl como idealizador de uma via e uma nova forma de pensar a realidade, expressa uma visão de mundo onienglobante com nuances perceptíveis seja no âmbito das ciências, com também no conjunto da comunidade cultural. Daí sua preocupação com a crise do conhecimento, dos fundamentos e das finalidades do saber para a vida humana. Essa via de análise fenomenológica, abrange tanto os espaços reflexivos em que estão implicados os saberes, como também, a noção espaço-temporal da condição do homem. A intencionalidade, a consciência, os objetos externos ao indivíduo e a ideia de verdade universal são percursos em que Husserl delineou seu modo de pensar a vida e as ciências.

No tocante ao seu modo de pensar, a filosofia fenomenológica, distancia-se do que se estabeleceu com Descartes e também, com a perspectiva de fenômeno ao qual Immanuel Kant (1724-1804) se referia como coisas que delineavam no espaço e tempo da experiência. A fenomenologia transcendental husserliana é, por excelência, a filosofia enquanto ciência verdadeiramente fundamentada. "Fenomenologia é a pesquisa descritiva pura das vivências e, enquanto tal é uma psicologia descritiva" (OLIVEIRA, 2015, p. 38). Com isso, sob os aspectos do método e da representação da epistemologia em que Husserl se debruça, a dimensão do horizonte mundano e ideal são elementos fundamentais na descrição da constituição do sujeito do conhecimento, pois há unidade de consciência como perspectiva de unidade de mudança.

E, como modo de reflexão ativa sobre a consciência e sobre o mundo para sua teoria, será disposto o que Husserl denomina de *Epoqué*, e com isso, a fenomenologia como aquele conhecimento que adentra em todos os campos dos saberes, sejam eles de ordem psicológica, e ou, de ordem natural. A vida, a existência, a dimensão de mudanças e superação da crise que se identificou nas ciências, dão para Husserl os materiais necessários de busca dos fundamentos cruciais do conhecimento para o progresso da humanidade científica. Algo que ao identificar no início do século XX a dispersão dos saberes, a tarefa husserliana é muito mais radical do que Descartes poderia ter idealizado. Agora, de forma muito mais radical, Husserl ao constatar a crise nas ciências, tem do dever de refundar as ciências. Trazendo um pensamento e uma reflexão muito mais profunda do que ele mesmo poderia imaginar.

Digitalizado com CamScanner

4.1 O horizonte fenomenológico husserliano das ciências

Quando falamos da filosofia e do método husserliano, percebe-se que há uma mudança no modo de pensar as coisas moldando sob uma maneira reflexiva, de forma que possa efetivar a base investigativa rigorosa da descrição e dar o arcabouço necessário para superar as incongruências teóricas das ciências positivas com sua objetividade e, neste percurso, mover para racionalidade um modo de pensar e construir uma crítica voltada para os fundamentos do conhecimento.

Este novo panorama detém como princípio reflexivo e hermenêutico, uma filosofia como ciência por excelência, ou seja, a fenomenologia. Este modo de pensar o retorno às coisas mesmas é a razão que constitui a formação de uma epistemologia crítica, ao qual Husserl se direciona. O papel da ciência é de construir este mundo de significados e, nesta constante, dar ao ser humano, o ideal de sentido à existência. Com Husserl, abre-se um novo leque de possibilidades seja no campo das ciências, seja na grande área da filosofa, que é a perspectiva de auto-interrogação, como forma de perscrutar os mínimos detalhes da investigação epistêmica.

> [...] de acordo com o método fenomenológico, o sujeito do conhecimento não é o sujeito psicológico, porque a fenomenologia exige que o conhecimento seja fundamentado a partir da esfera reflexiva e apodítica da subjetividade transcendental, isto significa que o conteúdo imediato dos atos não é uma imagem, nem pode ser alcançado como percepção elementar de qualidades sensíveis (SENRA, 2020, p. 54).

E, em sua construção formal da lógica, da percepção dos objetos e do mundo circundante em que está inserido o sujeito, abre-se dessa maneira, as características centrais, ou seja, os modos de pensar aos moldes da fenomenologia transcendental; com as ideias da *Epoqué*, da *redução Fenomenológica* e da *cientificidade implicada nestes métodos investigativos*. Assim, ao se debruçar sobre a solução da crise das ciências, Husserl, deixa ainda mais explicito sua preocupação e o desenvolvimento da fenomenologia. Ao tratar da *epoqué*, Husserl situa sua função não como uma idealidade inacessível na prática, mas sim, segundo o autor algo "[...] que se torne verdadeiramente inteligível que não se trata somente de uma abstenção habitual sem significado, mas que com ela o olhar do filósofo se torna pela primeira vez de fato inteiramente livre e, antes de mais anda, livre do vínculo interior mais forte e mais universal de todos e, por isso, mais oculto, o vínculo da pré-doação do mundo" (HUSSERL, 2012, p. 123).

Digitalizado com CamScanner

A *epoqué* transcendental não somente como dúvida do conhecimento para organiza-lo, mas acima de tudo interromper o curso natural dos pensamentos habituais. Desse modo, sair de uma atitude natural é fazer uma autocrítica pura e disponibilizando, dessa maneira, a clarificação do que se tem como fundamento. Assim como meio para alcançar a perspectiva de sentido e clarificação dos pressupostos mundanos, tendo como elemento constitutivo do próprio mundo objetivo a consciências. Como suspensão daquilo que com frequência para o ser humano é evidente, a *epoqué* torna-se assim, o meio para perscrutar as demais áreas do saber, dividindo e colocando-as sob o tribunal da dúvida metódica, assim como fizera Descartes:

> A reflexão transcendental enquanto fenomenologia transcendental é pesquisa transcendental (e não psíquica) da consciência. Não se trata, pois, como poderiam sugerir as expressões de sua primeira fase, de pesquisa da consciência como realidade empírica, mas da de pesquisa enquanto instância constitutiva do próprio mundo objetivo e, nesse sentido, de uma realidade não objetiva, não empírica, não mundana, só alcançável por meio de uma reviravolta de atitude que Husserl denomina *epoché*: em vez de continuar voltado para o mundo objetivo, o espírito pode voltar-se sobre si mesmo, com a subjetividade anônima, em que mundo se mostra e é constituído como mundo (OLIVEIRA, 2015, p. 39-40).

A *epoqué* dá para o filósofo a liberdade na descoberta da correlação universal, ou seja, encerrada em si e com caráter de autonomia do mundo em que se instaura as coisas e também da própria consciência do mundo. A *epoqué* é neste panorama, um modo que pode fazer inteiramente e verdadeiramente inteligível o olhar filosófico no que se refere a pré-doação do mundo. Esta perspectiva da suspensão do juízo traz como forma de sentido, a busca por meio de um grande escrutínio acerca do fundamento do conhecimento, dando como característica da *epoqué* fenomenológica "[...] interromper o curso natural de nossos pensamentos habituais, de nossas ações as mais cotidianas, de modo a motivar uma possível conversão do olhar ou ainda uma variação eidética" (DEPRAZ, 2019, p. 39).

Com isso, a *époque* se torna o método fenomenológico que faz uma grande análise dos modos de conhecimento, sejam eles pautados na experiência como se delineiam as ciências naturais, seja sob o aspecto das ciências humanas. E como atitude durável de constante questionamento ela torna-se assim, a via necessária para investigação da razão. Uma nova forma de reflexão um novo modo de questionar teorético em que há uma posição em que está determinada qualquer temática, desse modo, a *epoqué*, dá ao pesquisador uma posição sobre o objeto questionado, não sob um olhar objetor e ingênuo apenas por conveniência, mas por uma construção sistêmica da ordem natural e espiritual do indivíduo e, por conseguinte, do próprio mundo. Como assevera Husserl (2012, p. 125):

Digitalizado com CamScanner

> Se se fala aqui de uma nova espécie de cientificidade, de uma nova espécie de questionar teorético e de decidir as questões, então o solo tem também de estar preparado para este questionar. As questões naturais acerca do mundo têm o seu solo no mundo pré-dado, como o mundo das experiências reais e possíveis. E, assim, o olhar que a *epoqué* liberta tem também, à sua maneira, de ser um olhar experienciador. O resultado da mudança total de atitude tem de consistir em que a infinidade da experiência efetiva e possível do mundo se transforma na infinidade da "experiência transcendental" efetiva e possível, na qual pela primeira vez o mundo e a sua experiência natural são experienciados como "fenômeno".

Ao preparar o solo para questionar o mundo pré-dado, Husserl delineia uma forma de cientificidade autentica, que prefigura e dá suporte aos aspectos da dúvida metódica de Descartes, com modificações singulares como o ego, que nesta dimensão também entra sob o aspecto da dúvida, a formação da consciência, da percepção do mundo e suas modificações necessárias segundo a racionalidade humana. Com esta nova perspectiva, veda-se qualquer via puramente natural, e, por conseguinte, constitui a formação da abertura aos modos de pensar e perceber os acontecimentos que ocorrem no mundo circundante, aquele em que todos têm acesso e opinam, vivem, experienciam suas vivências, sua história e mutabilidade.

Desse modo, a mundaneidade do mundo em Husserl, não serve como prova cabal para investigação e ampliação da *ratio* humana, mas sim, um construto em que os indivíduos se detêm para garantir paz interior ante a perspectiva finalista da morte, do esquecimento e da noção de conhecimento verdadeiro. O caminho a ser perscrutado para uma virada epistemológica de Husserl é a superação e prosseguimento da chamada via cartesiana, que outrora, foi necessária para situar o lugar do eu na discussão da teoria do conhecimento. Uma *epoqué* de cunho universal, que isole os possíveis resultados aos quais não há ainda resolução, como a finalidade humana, o próprio conhecimento e a perspectiva de progresso científico.

> Husserl propõe uma *epoché* centrada não apenas no mundo objetivado das ciências, mas também, e, sobretudo, no próprio sujeito, que se inclui no seu *Lebenswelt.* Efetivamente, o abandono do *Lebenswelt* redundaria, para as ciências, na perda do seu *elemento* ou, em outros termos, no desaparecimento daquele solo primordial *de onde* elas nasceram. Compreende-se então por que Husserl insiste tanto sobre o fato de que este abandono se converteu naquele extravio, naquela perplexidade ou naquela perda de "unidade entre os saberes". (ALMEIDA. LETENSKI, 2015, p. 65).

Dessa forma, como construção de uma subjetividade constitutiva para o conhecimento a fenomenologia não se esgota em sua investigação às coisas mesmas, mas estende sua visão, seu modelo na ótica da constante filosófica de seu rigorismo, de subsumir as perspectivas

Digitalizado com CamScanner

limítrofes do positivismo e dar como suporte à nova cientificidade enquanto cientificidade transcendental:

> [...] questionar o mundo, de modo consequente e exclusivo, com vistas ao modo *como* das suas maneiras de dação, sempre de dizer, na sua identificação, que sem elas não existiriam para nós nem objetos nem mundo: que estes, pelo contrário, só são para nós com o sentido e o modo de ser em que permanentemente se originam, e se originaram a partir destas *realizações* subjetivas (HUSSERL, 2012, p. 131).

O campo subjetivo em que está voltada a reflexão de Husserl perpassa pela sua noção de psicologia naturalista e ao novo modo de pensar fenomenológico, portanto, a tarefa primal da *epoqué* não é questionar só por questionar, mas situando como atitude uma posição reflexiva a ideia de todo e qualquer conhecimento gerado pelo ser humano. Assim, a consciência não pode ser estudada com o mesmo prospecto das ciências naturais, e muito menos ser "reduzido" ao que a psicologia da época estava realizando, ou seja, a perspectiva positiva puramente natural. O mundo a ser questionado é o mundo da própria existência e do significado, acerca da finalidade dos atos e do conhecimento acerca da realidade. Desse modo, as formas de dação, identificação e sentido, se configuram na dimensão do perceber e mensurar conscientemente as nuances que definem a investigação acerca do entendimento humano e da natureza.

Além disso, o positivismo que adentrara nas áreas do conhecimento de forma tão veemente, foi inserindo-se nas mais diversas discussões e temas prementes que, por excelência, pertencia à filosofia e as demais áreas das humanidades, assim, o intuito husserliano é dar este novo caráter à filosofia, reassumindo e reificando seu status de ciência de rigor, ou seja, fenomenologia. Isto denota uma grande virada, pois busca-se recolocar a filosofia no âmbito da discussão em que o método natural adentrou deixando aquém a filosofia e dando como resolução, uma noção material somente, como forma última de compreensão e configurando dessa maneira, uma crítica ingênua. A filosofia é recolocada na discussão acerca dos fundamentos e, acima de tudo, da possibilidade de conhecimento verdadeiro, não com um viés da atitude natural, mas de cunho puramente fenomenológico.

As ciências, no geral, são recolocadas sob o aspecto da grande dúvida, do grande modo sistêmico de perscrutar os mínimos detalhes de determinado tema ou circunstância, assim, sendo a *epoqué* uma forma livre de autoavaliação e de auto-revisão pode e muito perscrutar as noções do conhecimento.

Digitalizado com CamScanner

> Todas as ciências são imperfeitas, até a mais admirada ciência exata. Primeiramente elas dão uma noção incompleta, porque os horizontes ilimitados de problemas abertos, que nunca irão deixar de conduzir em direção ao resto conhecimento [...] em outro suporte elas tem uma variedade de defeitos nos seus conteúdos doutrinários já desenvolvidos, lá permanece evidencias aqui e lá de uma falta de claridade ou perfeição na ordenada sistemática de provas e teorias[15] (HUSSERL, 1970, p. 74. Tradução nossa).

Assim, mesmo a mais perfeita das ciências, necessita ainda de clarificação e de justificação. Mas, no decorrer do processo de auto evidencia, e da perspectiva de suspensão temporária dos juízos para obter um acervo teórico justificável como um todo, as ciências de fato dão uma visão incompleta do multifacetado horizonte de problemas, sejam eles de cunho empírico ou ideal. A falta de claridade está pautada na perspectiva da finalidade em que se debruçam as ciências e cabe, a fenomenologia, enquanto método adentrar no que está oculto, ou no que está velado para o homem.

Neste sentido é necessário como forma de investigação, delinear uma redução, ao qual Husserl chama de redução fenomenológica, ou seja, na dimensão da *epoqué* a redução é o suporte dado ao filósofo como um meio de filosofar e, neste ínterim, o que corrobora para busca em direção à existência ou não existência do objeto, enquanto dimensão da experiência. Na dimensão intencional, em que está voltada a consciência, pois "[...] intencionalidade é o título para a única e genuína explicação, para o único e genuíno tornar compreensível" (HUSSERL, 2012, p. 137). Portanto, o ato intencional compreende ás dimensões da apreensão e também, da maneira como o objeto é percebido. Ao voltar às atenções aos sentidos, e aos meios para adentrar mais a fundo nos problemas infinitos da filosofia e do mundo, a intencionalidade corrobora como uma via segura, em que a redução e a *epoqué*, estão implicados de forma veemente.

Diversamente estruturado a perspectiva da intencionalidade, produz uma formação originária que adentra na perspectiva da intuitividade que é fonte última do conhecimento humano é a intuição, ela que pode gerir e dar a clarificação que falta acerca do mundo, dando assim, retorno ao que pode ser à base de determinado conhecimento. Como construto do método fenomenológico, a *epoqué*, com a redução e a noção de intencionalidade, forma o *eu*

---

[15] All sciences are imperfect, even the much-admired exact sciences. On the one hand they are incomplete, because the limitless horizon of open problems, which will never let the drive toward knowledge rest, lies before them; and on the other hand they have a variety of defects in their already developed doctrinal contend, there remain evidences here and there of a lack of clarity or perfection in the systematic ordering of proofs and theories (HUSSERL, 1970, p. 74). As citações diretas da respectiva obra traduzida, foram todas feitas pelo autor do trabalho.

Digitalizado com CamScanner

funcionalmente constitutivo, dando significado a outros temas que são prementes, como a existência, o valor das ciências, a sobrevivência da filosofia e a dimensão fundante do conhecimento.

> Dentro da *epoqué*, somos livres para dirigir o nosso olhar, consequentemente e de modo exclusivo, para este mundo da vida e para as suas formas essenciais *a priori*; por outro lado, em orientações correspondentes do olhar para os correlatos constitutivos das suas "coisas" e das formas de coisas: para as multiplicidades de maneiras de dação e as suas formas essenciais correlativas (HUSSERL, 2012, p. 142).

Desse modo, com os aspectos da *epoqué* e do que Husserl constitui como cientificidade, a fenomenologia se torna assim, uma nova ciência crítica e rigorosa, sob os aspectos dos fundamentos essenciais do conhecimento, algo que as ciências positivas não fizeram frente, muito menos se debruçaram sobre. Portanto é uma investigação de todo e qualquer fundamento e de suposições fundamentais do conhecimento humano; as coisas investigadas e postas sob a dúvida metódica, não desvelam sobre o um limite do conhecimento, mas estendem-se ainda mais para a esfera do mundo.

Assim, o positivismo e a fenomenologia não são equidistantes em sua tarefa de descrição mundana, mas há como uma perceptiva e dispare situação a noção de que uma adentra nos meandros da perspectiva do mundo, abrindo possibilidades investigativas ainda maiores; para a outra, neste caso o positivismo, nada pode ser dado com verdadeiro, a não ser o que fora dado pela experiência e, neste sentido, a fenomenologia transcende esta característica.

Neste sentido, qual seria então a tarefa da fenomenologia, diante de tantas disparidades acerca da finalidade das ciências e da fomentação do conhecimento? Justamente a clarificação, a via de acesso mais límpida e abrangente possível, "[...] é tematizar e clarificar as questões filosóficas fundamentais, que dizem respeito ao ser e à essência da realidade efetiva" (HUSSERL, 2015, p. 68). Apesar de não poder levar esta radicalidade a fundo, Husserl tem como clarificação a tarefa de demonstrar as principais questões que dizem respeito aos tipos de suposições metafísicas fundamentais; algo que já vem sendo discutido no percurso de nosso estudo, a perspectiva de referência que está implícita na existência constitutiva de uma realidade efetivamente independente da consciência, da noção de experiência e também, da teoria. Esta base discursiva perscruta o mundo pré-dado de cada indivíduo e desse modo, resume o que as ciências positivas tentaram delinear sem o significado efetivo, a promoção mais efetiva do que se entende por existência humana.

Digitalizado com CamScanner

Neste ínterim, como recurso redutivo, a experiência feita com a fenomenologia é de pura descrição dos fatos, da história, dos atos intencionais e do que constitui o mundo, as razões e as incertezas da condição humana do conhecimento, desse modo, "[...] a fenomenologia revela a natureza sistemática dos objetos no nível da aparência ou experiência: objetos são constituídos como sistemas de representações adumbrativas" (CERBONE, 2014, p. 53). Desse modo, os recursos utilizados são, portanto, o método de "variação livre", ou seja, a forma pelo qual se ordenam os aspectos essenciais e não essenciais da consciência, dando por assim dizer, a compreensão das configurações redutivas em que implica o percurso fenomenológico, acima de tudo, o percurso husserliano é pautado na vivencia e percepção das essências mundanas, que interagem com a consciência sob a noção intencional de voltar para as coisas mesmas seja nos aspectos naturais do mundo, e até mesmo o percurso filosófico das ciências humanas. A fenomenologia supera toda e qualquer incongruência teórica e prática, constituindo a ciência por excelência, com crítica e rigorismo filosófico.

Cabe aqui, delinearmos as vias redutivas em que repousam a investigação de forma geral, pois enquanto método, a redução sendo praticada é na verdade o primeiro estágio fenomenológico, para conduzir junto com a via da *epoqué* a uma verdade sem incongruências e ingenuidades relativísticas. A saber, compreender e ter como forma inicial a descrição da estrutura essencial da experiência tendo como objetivo, buscar o entendimento profundo e sistêmico do problema e das possíveis nuances que podem implicar as futuras resoluções; neste mesmo percurso, o questionamento e as respostas de forma transcendental são essenciais para discernir a experiência que é circundada no mundo; e com isso, atingir aquela certeza epistemológica, que mesmo sendo familiar a de Descartes a supera sob o aspecto do ego e da própria consciência intencional que forma ou molda a dúvida. As certezas fenomenológicas partem deste pressuposto, como disciplina em que seus objetos de estudos são indubitavelmente fenômenos conscientes.

Esta via não é dogmática, muito menos limitativa, pois adquire como problema central as dimensões da compreensão humana e da lógica entre mundo e sujeito, entre sensações e ideias, entre *ser* e *ente* percepcionado. Com este papel formador, a noção de intuição científica corrobora na construção do método em que tanto as ciências naturais e as do espírito não são realidades antagônicas, mas sim, aperfeiçoamento incomensurável de seus métodos e estudos, dando dessa forma, um vislumbre das essências do conhecimento. Ambas as correntes, sejam elas positivas ou fenomenológicas, não desejam induzir ao erro, muito menos ao insucesso do progresso humano, apesar de tomarem sentidos opostos, alguns mais fáceis outros mais

Digitalizado com CamScanner

complexos, ambos tendem a produzir o máximo de conforto existencial ao ser humano enquanto ser finito. A fenomenologia por meio de seu método reitera a necessidade de uma nova perspectiva, um novo percurso sistêmico, de uma nova ciência que não se contente com o básico e ingênuo, mas fomente a transformação do intelecto epistêmico humano acerca da verdade.

> Nenhuma teoria imaginável pode nos induzir em erro quanto ao princípio de todos os princípios: toda intuição doadora originária é uma fonte de legitimação do conhecimento, tudo que nos é oferecido originariamente na "intuição" (por assim dizer, em sua efetividade de carne e osso) deve ser simplesmente tomado tal como ele se dá, mas também apenas nos limites dentro dos quais ele se dá (HUSSERL, 2020, p. 69).

Dessa forma, toda e qualquer ideia de conhecimento e de busca são válidos para a construção ideal de determinada conjectura mental, ou seja, a perspectiva de elaborar uma teoria e uma maneira de externar esta possibilidade teórica. Em Husserl, portanto, o que é oferecido ao sujeito pela intuição é fonte de conhecimento, seja nas dimensões físicas, seja em dimensões mais essenciais. Assim sendo é evidente ter claro que as formas de dação são estritamente nos limites onde o objeto pensado, mensurado e desvelado se dá em seus meandros e regras onde pode se desenvolver e constituir-se.

Destarte, sob a perspectiva em que se volta a reflexão husserliana, percebe-se que, a meta essencial da fenomenologia que Husserl dedica a superar as incongruências existentes nas ciências naturais e do espírito, sob ótica da orientação natural; é que sua análise fenomenológica se constitui como uma busca de clarificação puro da concepção de mundo; "[...] a práxis da fenomenologia se atém à efetuação real de experiências, a sua re-efetuação, assim como a descrição nos termos invocados por sua adequação à experiência vivida" (DEPRAZ, 2019, p. 112). Neste ínterim, ela não é ciência como as outras e não se limita a perspectiva objetivo-natural, muito menos a resoluções muitas vezes ingênuas como ocorre no positivismo, mas sim, enquanto realização humana, as ciências são em meio aos demais valores, apenas uma a mais, com significativa ação e que por isso, necessita de reflexão e esclarecimentos relativos ao ser humano.

Como forma de postura e organização central acerca da experiência, as concretudes da redução eidética e dos meios da *epoqué*, garantem à fenomenologia um sentido histórico de fundamento na reflexão filosófica e científico. Com a redução fenomenológica, Husserl dá a experiência uma importante posição que é superada, como oposição a ideia de experiência como fonte última e pura do conhecimento, difundida pelas ciências positivas, não limitando-se ao

Digitalizado com CamScanner

empirismo, Husserl desenvolve o critério de redução eidética, que perscruta a consciência e as coisas de fato. As ciências adquirem novo sentido e importância, portanto, conotam-se como um grande retorno às coisas mesmas, ao próprio fundamento.

A *epoqué* enquanto método de averiguação e de demonstração dá ao conhecimento, o devido meio para entender e perscrutar as noções dos fundamentos. Como atesta Urbano Zilles (2002, p. 23), ao afirmar que: "O problema da epoqué não é a existência do mundo, mas seu significado". Esta investigação sistemática tem como *telos* a organização e superação de possíveis incongruências teóricas e práticas. Todas as ciências devem ser postas sob esta suspensão, sob a dúvida fundamental para produzir resoluções efetivas e que podem superar qualquer contraposição teórica e prática trazidas pela atitude natural, que é oposta a atitude fenomenológica.

> *Tiro, pois, de circuito todas as ciências que se referem a esse mundo natural*, por mais firmemente estabelecidas que sejam para mim, por mais que as admire, por mínimas que sejam as objeções que pense lhe fazer: *eu não faço absolutamente uso algum de suas validades. Não me aproprio de uma única proposição sequer delas, mesmo que de inteira evidencia, nenhuma é aceita por mim, nenhuma me fornece um alicerce* – enquanto, note-se bem, for entendida tal como nessas ciências, como uma verdade *sobre realidades* deste mundo. Só posso admiti-la depois de lhe conferir parênteses. Quer dizer: somente na consciência modificante que tira o juízo de circuito, logo, *justamente não da maneira em que é proposição na ciência, uma proposição que tem pretensão à validez, e cuja validez eu reconheço e utilizo* (HUSSERL, 2020, p. 81).

Sobre a perspectiva fundante das ciências, fica claro para Husserl, que a inclinação natural não esboça de forma alguma o ideal de verdade e de investigação acerca do mundo e das possibilidades de desvelamento dele em relação a razão, a crise das ciências perpassa dessa forma, por uma crise da razão, que mediante o alicerce natural, não garante o fundamento basilar para o conhecimento. Portanto não se apropriar delas, não significa estar de forma cética "dogmaticamente" sendo um antagonista das ciências, mas sim, uma crítica veemente ao positivismo que com a orientação natural existente, fragmentou tanto as ciências, como também, a própria filosofia.

Assim, cabe a *epoqué* enquanto forma de suspensão para estabelecer algo com mais fundamentação e com mais segurança enquanto conhecimento verdadeiro e justificado, a fenomenologia, estaria adentrando num patamar completamente novo, com noções completamente novas, sob o olhar tanto hermenêutico como analítico da realidade e das bases do conhecimento científico. Portanto, ao se debruçar sobre as ciências e sobre sua constituição e valor, Husserl volta sua análise à superação do que poderia ser relativo e sem a devida

Digitalizado com CamScanner

avaliação como modo de evidenciação do conhecimento. O mundo, a maneira como o conhecemos e perscrutamos seus limites não podem ser levados apenas como um objeto a ser explorado e dependente da razão, os objetos externos auxiliam a formar a consciência e sua transformação enquanto produtora de ideias e projeção. O mundo sob o aspecto da atitude natural é uma realidade sem o devido modo de pensar crítico e fenomenologicamente, ou seja, como postura de suspensão e redução de tudo o que for passível de dúvida.

> O mundo inteiro posto na orientação natural, encontrado realmente na experiência e tomado inteiramente "sem nenhuma teoria", tal como é efetivamente experimentado e claramente comprovado no nexo das experiências, não tem agora valor algum para nós, ele deve ser posto entre parênteses sem nenhum exame, mas também se nenhuma contestação. Da mesma maneira, não importa quão boas elas sejam, não importa se são fundadas positivistamente ou de algum outro modo: todas as teorias e ciências que se referem a este mundo devem sucumbir ao mesmo destino (HUSSERL, 2020, p. 82).

Com esta prerrogativa radical do pensador em questão, as ciências positivas perscrutam a humanidade europeia dando a ela um suporte teórico fático e, desse modo, sob o percurso da orientação natural, todos os aspectos da realidade humana são postos de forma puramente objetiva e "[...] este mesmo objetivismo revestiu o mundo de uma capa simbólica, mas se tratava de uma cobertura artificial, composta e gerada pelo processo matemático-formalizante. É justamente este âmbito que, para Husserl, deve ser recuperado pela filosofia" (ALMEIDA. LETENSKI, 2015, p. 69-70), pois as teorias, as suposições e fundamentações não estão clarificadas de forma tão evidente sob o modo explicativo da orientação natural. Portanto, deve ser colocado sob o severo exame da *epoqué* fenomenológica, todos os aspectos da cientificidade positiva.

Ou seja, algo que possa ser auto evidente em seus dados próprios. Como ciência descritiva, a fenomenologia investiga o campo epistêmico da consciência transcendental pura na intuição. Assim, a matéria do conhecimento se efetua na dimensão da compreensão fundamental do desenvolvimento de uma epistemologia que constrói, como fonte de investigação, a superação do conhecimento com a *epoqué* como modo de análise direta e segura para demonstrar o conhecimento fora da esfera positiva. Com esta via, até a lógica perpassaria pela *epoqué*.

Assim, o método fenomenológico é um amalgama das reflexões husserlianas acerca do conhecimento em que a experiência, a consciência, as vivências mundanas fazem parte e todo o alicerce metodológico para resolução de problemas elementares e substanciais. A

Digitalizado com CamScanner

orientação natural apesar de ser um progresso com suas ideias e teorias ainda assim, não podem ser o verdadeiro suporte do conhecimento, dando à razão um conflito acerca da fundação do conhecimento, pois o retorno às coisas mesmas, às essências epistemológicas, não é dado como elucidação e resolução de problemas singulares acerca da existência e compreensão humana. Portanto, ela é por excelência ciência de rigor, que dispõe de um método crítico que põe sob o tribunal da dúvida os meios pelos quais o conhecimento esta arraigado, dessa forma, como ciência por excelência a fenomenologia é um estudo das transformações que o sujeito do conhecimento pode realizar, e sobre esta perspectiva de ciência rigorosa, a fenomenologia trouxe novos horizontes reflexivos.

4.2 Filosofia fenomenológica como ciência de rigor.

Dando prosseguimento à reflexão, trataremos da ideia husserliana de Filosofia como ciência rigorosa, ou seja, a Fenomenologia propriamente dita. Neste ínterim, a fenomenologia seria a ciência por excelência, pois ao investigar o campo das ciências, Husserl percebe que todas estão embebidas do ideal positivo-natural e, inclusive, a própria filosofia também está refém do método da orientação natural ficando com a simples tarefa de ser uma área sem o devido valor e importância, pois "[...] o descompasso levou à indagação sobre qual seria efetivamente a função filosófica na tarefa de explicar o Real. Essa pergunta poderia encontrar resposta satisfatória se a filosofia encontrasse solução adequada para sua própria fundamentação" (SENRA, 2020, p. 29). Husserl tenta com seu projeto filosófico a busca de uma filosofia que seja a base de todos os conhecimentos.

Com a orientação natural, as particularidades essenciais da condição do conhecimento, acerca da existência e da investigação de toda e qualquer ciência são entendidos como aspecto puro da cognição humana de forma explicativa somente, colocados sob o molde da pesquisa e investigação das ciências naturais; e, desse modo, mensurando aspectos substanciais como se organizassem de maneira semelhante à biologia, a física e as demais ciências, que são o suprassumo da pesquisa empírica. Assim, não somente as ciências humanas estão neste tipo de orientação, como também, a própria filosofia estava inserida nesta perspectiva. Ou seja, sua função e método não eram considerados como ciência, muito menos, como modo de investigação.

Assim, a tarefa de Husserl sobre a posição em que a ciência se encontrava e a situação da filosofia no final do século XIX e início do XX, era de dar a ela o devido significado prático

Digitalizado com CamScanner

e teórico dentro das ciências, como fundamentação, como constituidora de sentido, como suprassumo metodológico para se chegar a qualquer resolução reflexiva e interpretativa. Para Husserl, o sentido final da ciência tem que perpassar pelo desnudamento da mesma, para obter o sentido mais específico e onienglobante, ou seja, que vá para além da factualidade, para além do natural, somente.

> Naturalmente, não se trata de formar o conceito de ciência por meio de abstração comparativa com base nas ciências factuais. No sentido de toda a nossa observação está bem disposto que as ciências enquanto factualidade da cultura e as ciências no sentido verdadeiro e autêntico não são uma e mesma coisa, *i.e.,* que aqueles portam em si, para além de sua factualidade, uma pretensão que não se atesta como já satisfeita precisamente na mera factualidade (HUSSERL, 2019, p. 38-39).

Ao julgar que as ciências e os modos de perceber o mundo, não se detêm apenas em aspectos naturais, mas sim, que vão além desta perspectiva fática, Husserl dá como critério de autenticidade a experiência e a própria razão como constituidora do processo do conhecimento. Para além do aspecto natural e abrindo dessa forma, a noção de construção ativa do aspecto da *cientificidade transcendental*. Com isso, trazer em evidencia a ciência autentica, que leve em consideração as configurações centrais dos modos de pensar e perceber o mundo, de forma onienglobante.

> Neste sentido, a Fenomenologia pretendeu ser um movimento renovador da filosofia, isto é, estabelecer a Filosofia como ciência sobre um método de rigorosa validez. De um lado, urgia restaurar o conceito de Filosofia, degradado pelo Positivismo que a espoliou e fez dela uma mera "serva" da ciência. De outro, o neopositivismo a reduziu unicamente à "filosofia da ciência". Já antes disso Husserl percebia um progressivo esquecimento do sujeito no processo do conhecimento em detrimento dos fatos. (IRINEU, 2010, p. 13).

Portanto, a fenomenologia como rigorismo nas ciências, perscruta cada aspecto que está relacionado às ciências naturais e às humanidades, que ao passo que desenvolve sua teoria epistemológica sob as bases fenomenológicas, demonstra a possibilidade de constituir o meio em que poderá superar as incongruências existentes nas ciências positivas, acerca do aspecto da existência e sentido para a vida do homem. Com isso, Husserl (2020, p. 41-42), assevera que: "[...] a ciência busca verdades que sejam válidas de uma vez por todas e para qualquer pessoa, e que assim permaneçam; e de acordo com isso, [busca a ciência] novos tipos de confirmações (*Bewährungen*), levadas a cabo até as últimas consequências [...]", assim ao

Digitalizado com CamScanner

buscar a verdade, a ciência indubitavelmente se torna o instrumento de descoberta e mensuração ao qual a filosofia não pode dispor, mas que constitui a via de fundamento.

Enquanto ciência de rigor, a fenomenologia supera as perspectivas limitativas da atitude natural, dando como instrumento, a avaliação e a possibilidade de adentrar nos déficits existentes na dimensão natural, criando na transcendentalidade o meio ao qual pode perscrutar ambos os modelos epistêmicos; mas, para isto, faz-se imprescindível o método, e a forma pelo qual esta nova cientificidade seja o fundamento para as demais, assim, "[...] a ἐποχή, e isso também pode ser dito, é o método radical e universal por meio do qual eu me capto puramente como Eu e com a vida de consciência pura que me é própria, na qual e por meio da qual o todo do mundo objetivo é para mim, e o é justamente da maneira que é para mim" (HUSSERL, 2019, p. 49). Ao utilizar da *epoqué*, o mundo se dá de maneira pura a minha consciência, ao modo de perceber e mensurar a realidade, subsumindo o que é valido e o que não é.

Neste ínterim, o método com o qual a fenomenologia utiliza para sua investigação está arraigada impreterivelmente nas auto-avaliações, nas construções essenciais e por fim, na dimensão do mundo enquanto mutabilidade natural. Apesar de toda ciência natural implicar contrassensos teóricos, Husserl percebe que as nuances se dão nas incompreensões de sentido e significado da existência, ocasionando na perda da função real da ciência, ou seja, de não estar distante do processo humano, mas participe de sua evolução e progresso.

Desse modo, a investigação e "[...] reflexão fenomenológica complementaria o estudo lógico das categorias gerais de significação e de seus correlatos ontológicos-formais ao elucidar a sua justificação epistêmica, quer dizer, ao esclarecer de maneira tal sistema ideal de categorias se dá a conhecer de modo a evidente para a subjetividade" (SACRINI, 2018, p. 54). Portanto, a fenomenologia não se limita a pura *mathesis universalis*, como complementação epistêmica, mas sim, constrói uma crítica ao problema do conhecimento. As possibilidades abertas às perspectivas filosóficas e científicas denotam a meta de formar "categorias" na maneira de retratar e elucidar esta origem da doação epistemológica evidente.

Sob o terreno epistêmico, a fenomenologia enquanto ciência rigorosa demonstra a noção fundamental da possibilidade de refundação essencial nas ciências, que ao esquecer a filosofia, seu percurso histórico e importância, se endereçaram ao natural como única maneira de obtenção de conhecimento. Isto posto como referencial teórico, a filosofia fenomenológica dá às ciências o que é de mais preciso enquanto via a ser percorrida na superação das nuances e incongruências teóricas e práticas em todas as áreas do saber. Desse modo, "[...] a ciência da natureza da Modernidade, estabelecendo-se como física, tem a sua raiz na consequente

Digitalizado com CamScanner

abstração, pela qual ela só *quer* ver corporeidades no mundo da vida" (HUSSERL, 2012, p. 184). Pois é na abstração, na construção e mensuração do objeto na dimensão abstrata é que se dá como possibilidade a adequação do objeto e com isso, a formulação de ideias gerais e particulares que denotam tal construção abstrata da realidade objetiva.

O mesmo pode-se dizer de uma obra de arte, que se desenvolve abstratamente, mas que desperta sentimentos, reações e modifica a percepção da própria realidade. Mesmo estabelecendo-se como física, a ciência também perpassa ou perpassou por esta elucidação abstrata, antes de se tornar este grande instrumento presente hoje. Mesmo com isso em decorrência de seu desenvolvimento, elas, as ciências, necessitam segundo Husserl, desta fundamentação *fenomenológica transcendental*, que dá não somente o suporte como também a justificação auto avaliativa de seu percurso.

Desse modo, os meios pelos quais a fenomenologia se estabelece como ciência rigorosa é justamente a perspectiva de adentrar nas dimensões concernentes a eficácia e fundamento das ciências, como método que dá num retorno às origens de sua constituição e de sua formação anterior, como forma interpretativa de sua tarefa de desvelar o mundo. Assim sendo, a fenomenologia adquire em ralação às demais ciências, uma independência a qual nenhuma outra dispôs, isto posto, "[...] com respeito às funções filosóficas que a fenomenologia é chamada a assumir, também é bom mencionar de novo que, nas exposições precedentes, se estabelece a absoluta independência da fenomenologia não só em relação a todas as outras ciências, mas também em relação às ciências eidético-materiais" (HUSSERL, 2020, p. 138). Dado isto, é correto afirmar que a fenomenologia manifestamente está na categoria de ciência eidética material, inserida na análise descritiva do conhecimento, suas nuances e obstáculos.

Este caminho é um resgate da própria filosofia, enquanto formadora e base de qualquer investigação, que perpassa todas as ciências, mesmo que não as influencie, percebe-se que a fenomenologia não é afetada pelo ceticismo metodológico, que fora tão eloquente em colocar as demais ciências neste patamar, mas ela com toda sua configuração não nega a experiência interna como fizera o a psicologia empírica. Portanto, como descrição, como forma de mudança e restauração do método com crítica e ressignificação, a fenomenologia tem a legitimidade fundada em si.

> É preciso, além disso, ver com clareza, que embora elas tenham ligação, *as ciências exatas e as ciências puramente descritivas* jamais podem substituir umas as outras, e que, por maior que seja o desenvolvimento da ciência exata, isto é, da ciência que

Digitalizado com CamScanner

> opera com substruções ideais, ele não pode solucionar os problemas originais e legítimos da pura descrição (HUSSERL, 2020, p. 161).

Assim sendo, o percurso seguido é de total autonomia, liberdade, ação e teoria; pois a construção da ciência dar-se-á de maneira única e sua evolução e dação não está limitada a um aspecto puramente natural, mas ideal, lógico e de retorno às essências. A descrição não é subsumida pelas ciências e nem as ciências são esgotadas pela descrição, mas cada uma em seu nicho complementam-se dando prosseguimento a constituição do conhecimento e seu percurso, daí as ciências não poderem resolver os problemas originais, não que elas não se interessassem, mas infelizmente como percebemos no percurso deste estudo, elas foram afastando-se veementemente das questões prementes da humanidade e de sua finalidade.

Nada, sob o aspecto fenomenológico, passa despercebido e muito menos sem a crítica devida, em relação a validade e justificação de determinado saber, a crítica fenomenológica, trazida pela *epoqué* constitui o ponto central da retomada desta nova forma de pensar. Ele é utilizado como produção e constituição de uma epistemologia que eleva em consideração, as bases fundamentais da produção do conhecimento; assim, "[...] no que concerne à fenomenologia, ela quer ser uma doutrina eidética descritiva dos vividos transcendentais puros em orientações fenomenológica, e como toda disciplina descritiva, que não opera por substrução nem por idealização, ela tem sua legitimidade em si" (HUSSERL, 2020, p. 161). Sua legitimidade está na autonomia de construir esta percepção transcendental dos vividos em aspecto generalizado, pois como ciência de essências descritivas a fenomenologia é dispare em relação a outras ciências eidéticas, como por exemplo, a matemática. A ciência fenomenológica é uma nova perspectiva de fundamento e, por conseguinte, um novo modo de olhar o mundo circundante, auxiliado pelo mundo da vida.

Destarte, a essência como apreensão apenas da essência do vivido refletido, a experiência mundana é também, fonte de conhecimento e seu escopo auxilia na formação daquela consciência que irá mensurar o todo da realidade -, entretanto, o otimismo em ralação a opinião das vivencias recai na dubiedade valorativa concreta do conhecimento, ou seja, não pode haver somente o aspecto da experiência, e a compreensão das essências, mas de forma geral, a consciência como força premente do desvelamento do conhecimento e do mundo. Com isso, o papel do fenomenólogo é crucial, pois:

> Segue-se, portanto, a necessidade de assumir uma "atitude fenomenológica", ou seja, "o homem que está e participa do mundo", devendo assumir tal postura contrapondo-

Digitalizado com CamScanner

> se à chamada "atitude natural", que é aquela do "ser possuído pelo mundo", desconfiando das evidências e obviedades, mesmo das verdades estabelecidas pelas ciências, configurando-se, assim, uma tarefa para a filosofia (IRINEU, 2010, p. 13).

Isto posto, a caracterização husserliana acerca das ciências não é de cunho pessimista, mas dá a elas uma nova forma de compreender e perceber o mundo em sua volta eidéticamente, pois a função da fenomenologia além de servir como método, é neste ínterim, a perspectiva de analise acerca do conhecimento, em filosofia como ciência de rigor e na obra da *Krisis*, Husserl põe como discussão as questões histórico-filosóficas do conhecimento e da racionalidade que seriam dessa forma, as pressuposições dos meios formais da epistemologia que na virada do século XIX para o século XX era de cunho puramente natural.

O caminho percorrido por Husserl diferente dos pensadores e cientistas de sua época, que não viam a filosofia como ciência e, muito menos, como mãe das demais ciências defasando sua função apenas como interpretação, assim como Adorno, Horkheimer dentre outros, que diziam que a filosofia não teria problemas de fato como nas naturalidades; entretanto, Husserl é contrário a estas noções, pois estas discussões somente enfraquecem a questão central da epistemologia, ou seja, a configuração da validade do conhecimento. A fenomenologia husserliana é a tentativa diante dos ataques a filosofia de fazer dela a ciência por excelência, como afirma Senra (2020, p. 68), "[...] Husserl pretende recuperar o sentido de protociência da filosofia, que entende ser uma renovação espiritual necessária para o cansaço intelectual que se abateu sobre a Europa e o mundo e que resultou nas doutrinas totalitárias".

O que se perfaz com esta afirmação é que para Husserl, a ciência e tudo o que a razão logrou não podem estar a serviço da desordem e da barbárie; na elevação do espírito humano, as ciências deixaram de desenvolver-se sob o solo da consciência, ou seja, do discernimento de seus efeitos na vida humana. E, neste ínterim, a filosofia também estava solapada pela orientação positiva. Isto levou a um grande desvio do percurso do sentido da finalidade das ciências – e por sua vez, da própria filosofia. Dessa forma, Husserl (1970, p. 73), diz que: "Eu não disse que a filosofia é uma ciência imperfeita; eu disse simplesmente que esta não é ainda uma ciência em absoluto, esta como ciência não tem começo ainda". Nesse sentido, Husserl leva em consideração o desenvolvimento de seu método como maturação e verdadeira atividade científica, mas que requer tempo para ser acessível, entretanto, é de extrema necessidade uma vez por todas que a filosofia fenomenológica tenha seu conteúdo fundamentado, para que não haja incongruências e imperfeições como incorreram as demais, levando à humanidade a crise.

Digitalizado com CamScanner

O método fenomenológico, parte da construção completa do conhecimento, por meio dos processos intencionais, gradualmente, com isso, a fenomenologia trata de uma investigação em que o objetivo central está no questionamento das condições formais para obtenção do conhecimento. Desse modo, diante dos ataques a filosofia, Husserl elaborou um grande projeto, de uma filosofia que pudesse recuperar seu sentido mais próprio, e com isso, que não estivesse sustentada em outras teorias ou abordagens, mas se tornando de fato, um conhecimento autônomo e pertinente em ralação às demais ciências, pois sua característica final era de ser o fundamento e a vida metódica de investigação. A fenomenologia, que é a ciência rigorosa, estabelece vínculo com o conhecimento seja de forma sensível ou ideal, e neste percurso, dá o devido suporte aos aspectos que ainda não são clarificados.

> Deve-se, pois, ter presente que a "crise das ciências" designava para Husserl a crise dos *fundamentos* das ciências, para cuja solução a fenomenologia recomendava uma terapia intuicionista. Esta crise dos *fundamentos* se deveu ao fato de se terem as ciências modernas transformado em técnicas, ou de estarem as várias ciências divorciadas da vida (ALMEIDA, LETENSKI, 2016, p. 43).

Portanto, o leque de possibilidades no âmbito das ciências sob o baluarte fenomenológico, estabelece a criação completa de uma racionalidade eficaz e que perscruta os demais conhecimentos, como formador e construtor de vias uteis sem atalhos, mas sim, com todo o arcabouço teórico que possa trazer em evidenciação, o processo e o desenvolvimento do conhecimento; neste sentido, a espiritualidade humana é acima de tudo, o modo pelo qual dispõe-se a forma de investigação com o *telos* científico em que se endereça a noção de mundo e de ciência.

> Obviamente nós não estamos dirigindo nossa análise crítica em direção a mais popular reflexão filosofando da ciência natural. Em vez de nós sermos preocupados com o aprendido filosofia presente em si mesmo em uma realidade vestido científico. Acima de tudo, contudo, nós estamos preocupados com um método e uma disciplina através do qual isto a filosofia acredita que tem definitivamente atingido a classificação de uma ciência exata (HUSSERL, 1970, p. 84).

A preocupação é com uma filosofia que seja crítica ao modelo das ciências positivas e suas delimitações. Assim, a formulação e a esquematização da filosofia para Husserl, a iguala no aspecto de ciência exata, pois sua tarefa, de descrição ultrapassa a mera explicação, mas adquire uma postura interpretativa que somente a filosofia pode dispor, eliminado os meandros falhos de qualquer ideia ou teoria, pois, assim como a matemática, a sua "objetividade" é

Digitalizado com CamScanner

inquestionável, já que em sentido formal, tanto a matemática e a filosofia, necessitam da lógica e do instrumento da consciência em suas unidades de mudança.

Desse modo, como caracterizaria estes aspectos formais e práticos da fenomenologia no aspecto da vida, das ciências, e sobremaneiramente, no construto geral do conhecimento? Em primeiro lugar, sob o aspecto da vida, ou melhor, do mundo da vida, estaria ligada as vivencias, nas percepções desvelamentos da verdade de forma gradual e acessível, com um fim pautado no significado da existência com seu sentido estrito na vida da humanidade que agora, não estaria perdida ou sem algo que desse o devido suporte para suas maiores indagações e medos. A fenomenologia daria dessa maneira, a "ferramenta" do pensar corretamente fundamentado, uma via fora da dimensão puramente técnica das ciências.

Em segundo, sob o puro aspecto epistêmico que indubitavelmente a fenomenologia estará inserida de maneira orgânica e não estática, pois para fazer da filosofia uma ciência de rigor, o filósofo deverá percorrer uma via que dará a fundamentação em algo que seja evidente, ou seja, algo que não seja passível de refutação sem a devida investigação profunda das formas de perceber e interpretar o objeto, que neste caso, não se resume ao aspecto natural, mas a noção fenomenológica que transcende por meio da *redução* e da *epoqué*. Com isso, chegam à essência e à afirmação do conhecimento como fundamentos seguros e livres da atitude "ingênua" das ciências positivas.

> A teoria do conhecimento autentica é, de acordo com isso, plena de sentido apenas como fenomenológica-transcendental, a qual, ao invés de lidar com conclusões absurdas desde uma presumida imanência até uma presumida transcendência, aquela de quaisquer 'coisas-em-si' pretensamente incognoscíveis por questão de princípios tem apenas que ver com explicação sistemática da realização cognoscente (*Erkenntnisleistung*), na qual elas precisam ser tornadas compreensíveis de ponta como realização intencional (HUSSERL, 2019, p. 107).

Assim, uma autêntica teoria do conhecimento sob a base da filosofia fenomenológica transcendental traria a possibilidade de transcendência, pois ao perceber e estar em contato com a coisa percebida, por necessidade o indivíduo o transcende, pois a caracterização fenomenológica é acima de tudo, uma investigação intencional da consciência em ralação as coisas. Desse modo, como ciência, método e como instrumento para se chegar a verdade, a fenomenologia é a rigor, a ciência que valoriza as bases do conhecimento, indo até suas mais significativas concepções. A ciência é um estudo das coisas hiléticas, ou seja, materiais, já a fenomenologia, um verdadeiro retorno as coisas mesmas e a fundação de uma cientificidade transcendental autentica.

Digitalizado com CamScanner

Isto posto, é correto afirmar que, a fenomenologia como refundação da dimensão autentica das ciências busca esta clarificação dos termos, das teorias, dos conteúdos e funcionalidade prática. Não obstante, seu método não se diferencia muito do que se desenvolveram as ciências positivas, mas sua diferença reside na compreensão da totalidade do conhecimento e do ser humano, formando os critérios necessários para a superação das incongruências teóricas e práticas. Enquanto via científica, a fenomenologia é neste construto, o modo com que se empreende a formação do pensamento científico com ênfase crítica. O conhecimento fenomenológico é rigoroso e para isto, as ciências devem adentrar neste mesmo rigorismo, saindo dos entraves da orientação natural e abraçando as perspectivas do método crítico, cético e redutivo da fenomenologia transcendental.

4.3 A fenomenologia e sua validade para as Ciências.

No último tópico, iremos nos debruçar sobre a fenomenologia e sua entrada nas ciências, como seu papel epistemológico pôde ter trazido novas perspectivas acerca da realidade e das questões mais elementares seja na área das ciências, como também, no vasto campo da filosofia com sua nova roupagem e função. Este meio em que Husserl direciona a tarefa da filosofia é uma noção que adquire valor propedêutico em relação às demais áreas do saber, pois sua efetivação é como um todo, o histórico central da fundamentação do conhecimento, mesmo que não seja isto, ou considerada assim, no mínimo ela, a filosofia é a base do pensamento, logo, o meio necessário para adentrar no construto judicativo do processo da descoberta científica.

A fenomenologia quer fazer com que o mundo que se apresenta a consciência, possa ser um mundo mais compreensível e neste ínterim, com mais sentido, mesmo dispondo de um idealismo diferente dos idealismos anteriores, Husserl, propôs uma investigação cada vez mais próxima da compreensão e do significado essencial para a humanidade, que por meio do processo tecnológico e da ideia de progresso constantemente adentra em perspectivas que não correspondem às suas expectativas, e como consequência, torna-se refém de sua própria falta e significado. O eu husserliano não se limita a si mesmo, e busca concretude nesta inter-relação com o mundo.

> Levada a cabo nessa concreção sistemática, a Fenomenologia é *eo ipso* "idealismo transcendental", embora em um sentido essencial e fundamentalmente novo; não no

Digitalizado com CamScanner

> sentido de um idealismo psicológico, não de um idealismo que quer deduzir a partir de informações sensuais sem-sentido um mundo cheio de sentido. Ele não é um idealismo kantiano, que acredita frequentemente poder manter a possibilidade de um mundo de coisas-em-si pelo menos enquanto conceito-limite – mas [o idealismo transcendental] é um idealismo que não é mais do que autointerpretação do meu Ego, levada a cabo de maneira consequente em forma de ciência sistemática egológica, do meu Ego como sujeito de qualquer conhecimento possível, e isso com respeito a qualquer sentido do ente a partir do qual, precisamente, ele deve poder ter sentido para mim, o Ego. Este idealismo não é um construto de argumentos lúdicas a ser alcançado, como prêmio da vitória, na disputa dialética contra "os realismos". Ele é a interpretação-de-sentido efetivamente trabalhada e levada a cabo em qualquer tipo de ente alguma vez concebido por mim, o Ego, e especialmente na transcendência (dada previamente a mim, efetivamente, mediante a experiência) da natureza (HUSSERL, 2019, p. 107).

Deste modo, o idealismo fenomenológico husserliano, não é um panorama totalmente novo, pois, é um idealismo que perscruta as noções sensíveis não de forma assistemática e sem sentido, pelo contrário, adentra num campo mais lógico e subsumido, uma auto interpretação do próprio Ego, na possibilidade de correção e reavaliação de suas ações e concepções de mundo. Este modo de constituir o idealismo transcendental é uma indicação altiva da fenomenologia, sob os aspectos da transcendência que concebido pelo eu, adentra na perspectiva da pura experiência, um contato com a dimensão humana, das configurações existentes no mundo e na natureza.

Desse modo, adentrando na circunscrição das ciências, que com seu método e meios necessários para empreender sua significação de mundo, deve ter como princípio a fundamentação do conhecimento sob o aspecto fenomenológico, que diante do horizonte científico, abrange o sistema de investigação mais seguro na obtenção de algo mais concreto, não somente na perspectiva das ciências humanas, mas também, no campo das ciências estritamente voltadas para a experiência sensível e pela observação, as ciências da natureza. Diante disto, como assevera Senra (2020, p. 81), "Husserl, por sua vez, sempre considerou que a filosofia deveria ser a disciplina rigorosa e fundamento para os saberes racionais [...]", desse modo, diante das perspectivas da crescente força das ciências positivas, o projeto de recuperação de uma filosofia era de buscar constituir o seu sentido próprio, sem estar sustentada por outros saberes, mas sim, sendo o sustentáculo destes.

Com isso, a renovação e refundação instaurada pela fenomenologia de Husserl, busca a exaltação da racionalidade de maneira efetiva, seja em âmbito científico, como também num aspecto social e espiritual. Daí esta preocupação e elaboração de uma via segura e metódica, a filosofia como ciência rigorosa, em oposição às ciências positivas, como único meio de

Digitalizado com CamScanner

conhecimento cabal e necessário, esquecendo-se não somente as bases, mas o verdadeiro *telos* da ciência e de todo seu arcabouço teórico e prático.

Esta transformação metodológica da filosofia fenomenológica expõe o quão está fragmentada a cultura e as técnicas que servem para compreendê-lo e é na renovada perspectiva do homem europeu que Husserl endereça sua investigação, pois o progresso, a vida e o arcabouço filosófico entraram em colapso, e isso "[...] se deve principalmente à crescente hegemonia das ciências positivas frente ao colapso das teorias especulativas dos sistemas filosóficos vigentes até então" (SENRA, 2020, p. 81).

Este panorama expõe a necessidade de continuar o processo de renovação fenomenológica, e mesmo que não seja por esta via é essencial buscar novas demarcações e descrições que ponderem o que é nocivo à razão e ao modo de construir o conhecimento. Sob o olhar fenomenológico é crucial transcender a realidade objetiva com suas formas e problemas objetivos. Nisto está o horizonte de transformação, superar a objetividade, sob a própria experiência pessoal, sob o aspecto da consciência como pura descrição, Husserl, (2019, p. 125), aponta que: "O mundo objetivo está para mim aí, continuamente já pronto, ocorrência da minha experiência objetiva, continuamente vivaz, e também, segundo o não-mais-experiênciar, em vigência ulterior habitual"; portanto, trata-se de colocar em questão as próprias vivencias, as próprias experiências e como forma de trazer estes questionamentos das experiências é de demonstrar como evidencia-se esta doação intencionalmente.

O momento em que se subsume o mundo real pelo aspecto mental, ou seja, constroem possibilidades, mensuração, conceitos e hipóteses, não se pode negar esta característica das ideias, algo que, a ciência positiva, excluiu e no lugar, pôs seu método como resolução última de todas as coisas, neste ínterim, as ciências humanas ficaram sem um referencial, resultando na imersão cada vez mais evidente da atitude natural e cabe a fenomenologia, resgatar o sentido e o caráter racional-interpretativo das ciências e da filosofia como fundação, algo que não pode incorrer na negação, desse modo:

> A negação do mundo ideal, não somente reduz a real, seja subjetivo ou objetivo, mas torna inviável toda a mediação entre estes. Se tudo é real, subjetivo ou objetivo, o sujeito não tem acesso ao real objetivo, mas unicamente àquilo que é real nele, ou seja, inevitavelmente, ao problema do solipsismo (SENRA, 2020, p. 96).

Com isso, o problema do solipsismo aparece como forma de negação e apenas como forma de apreensão individual encerrado em si; sabe-se ao certo que a viável mediação entre o

Digitalizado com CamScanner

real e o subjetivo está na adequação e na percepção das coisas, não como simples correspondência, mas pura formação de ideias e modos de ação práticas no mundo objetivo, a negação do mundo ideal é como consequência, uma negação primal da própria racionalidade adentrando em um contrassenso elementar de ideias, de prática e acima de tudo, de significado.

Enquanto via para as ciências, a fenomenologia pode estar no campo da especulação, da ideação assim também, como o da sensibilidade ao suspender todo construto da realidade objetiva, para adentrar em seu mais essencial significado, desse modo, "[...] partindo do mundo empírico pré-dado como existente e, na passagem à postura eidética, de um mundo em geral empírico pensado como pré-dado de maneira existencial, nós exercitamos a redução transcendental [...]" (HUSSERL, 2019, p. 150); esta forma de executar a redução exemplifica a maneira de como as ciências podem servir-se da fenomenologia como ciência rigorosa, pois esta estabelece um verdadeiro modo de investigação das bases fundamentais de qualquer problema. Tudo o que se adéqua à consciência e tudo o que a consciência transcende é a perspectiva de mudança e renovação estrutural do conhecimento com sentido e finalidade.

Destarte, para fins de esclarecimentos, a filosofia não pode e nem deve ser uma disciplina passível em relação às outras no campo de investigação e entendimento do mundo circundante e desse modo, do próprio mundo da vida; mas ela, a filosofia, deve ser exposta como reguladora e via segura para o conhecimento. E para isto, ela demanda ser entendida e clarificada, pois a distância que ainda existe entre a sociedade e a filosofia denota o desinteresse à proposta do diálogo e do acesso aos modos de pensar, sendo cada vez mais congruente e próximo dos aspectos que moldam a comunidade científica e a sociedade como um todo. Desse modo, Husserl (2019, p. 151), assevera que:

> A filosofia demanda, sim, esclarecimentos a partir das últimas e mais concretas necessidades essenciais, e estas são as que fazem jus ao enraizamento essencial de todo e cada mundo objetivo na subjetividade transcendental, *i.e.,* aquelas que tornam o mundo concretamente compreensível como sentido constituído. [...] Já foi um sucesso da iniciante fenomenologia que o seu método da intuição pura, mas ao mesmo tempo eidética, tenha levado a tentativas de uma nova ontologia, fundamental e essencialmente diversa da ontologia do século XVIII, a qual operava logicamente com conceitos distantes da intuição, ou, o que dá no mesmo (que tenha levado) a tentativas de uma construção, radicada diretamente em intuição concreta, das ciências singulares apriorísticas (gramática pura, lógica pura, doutrina pura do direito, doutrina essencial da natureza intuitivamente experiênciada etc.) e de uma ontologia universal do mundo objetivo que as englobasse.

Esta tarefa essencial da filosofia é o cerne da reflexão acerca do mundo e dos modos de dação deste à consciência, pois sua função e finalidade para o homem moderno está na

Digitalizado com CamScanner

perspectiva de moldar a compreensão das coisas que não se fazem ser compreendidos sejam eles de ordem hiléticas, ou mesmo de ordem ideal. Portanto, ao tornar o mundo compreensível, é a forma pelo qual se constitui a noção de transformação e de estabelecimento de um modo de pensar, mensurar e desnudar a realidade de forma efetiva sem contrassensos e ingenuidades.

É neste meio que a fenomenologia e seu método, estabelecem a afirmação pertinente do pensamento fenomenológico de forma epistêmica, pois como intuição pura e eidética ao mesmo tempo, a fenomenologia traz novamente um critério totalmente diferente à ontologia do que as que ela se debruçara anteriormente. Ao deixar mais próximo as discussões referentes a lógica, a gramática, as naturalidades, ou seja, referente a questões elementares da epistemologia, Husserl, traz como via, a caracterização de proximidade destes termos e ideias universais, ao campo das ideias de forma acessível e descritiva.

Para compreensão das mudanças existentes no mundo, na vida da humanidade e no processo de evolução científico, o papel da fenomenologia está na concretude de afirmação do método das ciências, de maneira legitima e fundamentada, pois a tarefa das destas seria dar mais conforto ao homem, mas não deveria ser o fim último dele. Nisto, as ciências levadas pela inclinação positiva, não deram saltos significativos, pois a crise do pensamento é fruto da substituição de um horizonte de fundamentações, por outro sem o devido escrutínio. É crucial, na fundamentação fenomenológica, a exposição de todos os elementos da investigação elaborando o devido caminho para superação de toda e qualquer problemática.

Na dimensão em que se encontram as ciências e a filosofia no tocante ao mundo e às pessoas que o interpretam e vivem em sua estrutura é de crucial importância, entender o horizonte em que perpassa ambas problemáticas que permeiam a perspectiva da superação e renovação de todos os aspectos do conhecimento, seja em sentido objetivo e, ou, teórico, a saída do solipsismo dado pelas ciências positivas é o cerne da compreensão e idealização do projeto husserliano de uma epistemologia que ao descrever a realidade, perpassa pelos aspectos formais e práticos dos valores científicos em que estão implicadas a modernidade, a cultura e a existência humana.

Com isso, a oposição aos modos objetivos do mundo, como dação à consciência é percebida sob o aspecto da relação causal e estabelecida na dimensão espaço temporal. Mesmo a relação causal estando sob o aspecto do objetivismo é por mediação desta via, que se dá a mensuração e diagnósticos necessários para compreender a realidade empírica, "[...] no que diz respeito à natureza, pertenciam não meramente 'coisas visíveis', 'coisas-táteis' etc., mas já também coisas em certa medida plenas como substratos de propriedades causais, infundidas

Digitalizado com CamScanner

com as formas universais do tempo e do espaço" (HUSSERL, 2019, p. 155). Assim, a dimensão em que se encontra a experiência e a perspectiva epistemológica do mundo que circunda a humanidade, as circunstâncias causais não estão como o suprassumo da compreensão, como ter acesso imediato a coisa experiênciada sensivelmente, mas sim, como aspecto essencial do entendimento no construto espaço temporal.

Desse modo, a busca que Husserl faz é de como esta propriedade causal, ou seja, às coisas visíveis e táteis esclarecem a natureza primordial e, em seguida, das unidades corpóreas anímicas, que no seu cerne são transcendidas e superadas sob o pano de fundo do entendimento universal das coisas, seja numa dimensão macro ou micro, portanto, àquilo que é acessível a todos e ao que está para ser descoberto e compreendido pela via fenomenológica, descritivamente e de maneira onienglobante. E isto, deve ser o começo de resolução aos problemas implicados nas duvidas existentes sobre esta perspectiva, assim sedo, Husserl (2019, p. 155), diz que:

> Manifestadamente, o primeiro problema para o esclarecimento dessa "natureza" primordial e das unidades primordiais corpóreo-anímicas, sua constituição como transcendência imanentes. Levar a cabo esse esclarecimento exige investigações extraordinariamente abrangentes. [...] Aqui somos de novo lembrados dos problemas tratados de maneira tão diversificada do século passado e pelos mais significativos fisiólogos e psicólogos, *i.e*., os problemas da origem psicológica da representação do espaço, da representação do tempo, da representação da coisa. Mas, até agora, não se alcançou esclarecimentos efetivos desses problemas, por mais que os grandes projetos exibam o selo de seus distintos autores.

Notadamente, Husserl endereça parte substancial de sua investigação, à busca da fundamentação verdadeira do conhecimento, livre de falhas e dando suporte necessário para entender as configurações em que se estabelecem a constituição da transcendência anímica, ou seja, o modo pelo qual as cosias são dadas à mente e de que maneira a própria consciência pelos modelos intencionais transcende o objeto em questão, dando a resolução que a estabelece como forma primeira e última a ser percebida e conhecida. A imanência e a transcendência estão interligadas, sob o horizonte da procura dos meios necessários para conhecer, enquanto um está vinculado ao que está além do material, o outro se estabelece nas constituições hiléticas, que também estão presentes no processo fenomenológico transcendental, na forma de perscrutar e superar as incongruências em ambos os aspectos da investigação científica e filosófica.

E neste meio é trazido como problemática, as indagações filosóficas que perpassaram a investigação filosófica no século XIX, ou seja, as noções fisiológicas e da psicologia natural,

Digitalizado com CamScanner

em que se discutiu a origem a representação, se ela era dada pela consciência, ou se a consciência por sua vez, era moldada pela imanência do mundo. Neste ínterim, a representação do espaço em que estão localizados todos vividos, o que comporta o mundo da vida, ou seja, no construto iluminista de esclarecimento, algo que Husserl buscou enfaticamente nas perspectivas das ideias filosóficas e do progresso das ciências; neste meio, esclarecimento do tempo, dá-se nesta relação entre consciência e percepção motriz da realidade e da existência, enquanto a representação da coisa, não é somente no aspecto material, mas objetual, ou seja, como aberturas mais amplas aos demais valores sejam eles éticos e epistemológicos.

O que Husserl investiga em sua análise acerca do conhecimento e da crise que se estabeleceu nas ciências, foi justamente a perda de valoração à consciência, enquanto "mundo" que fornece meios para compreensão do mundo material; tendo como suporte para uma dimensão universal uma tripla perspectiva, a saber: Materialismo, Lógica e Consciência. Nessa relação há a importância do aspecto da consciência, de sua função constituidora, e seja sob os pontos de vista lógico e material algo que na formulação da atitude natural duas coisas são consideradas, o materialismo e a lógica, a consciência nesta perspectiva natural, não teria uma função racional definida, ocasionando na ingenuidade científica e da formulação filosófica em geral, pois a atitude natural perde a noção da consciência como elemento epistêmico, ou seja, o objeto é apenas objeto, não há outra relação. A consciência não se adequaria a uma epistemologia naturalizada, desse modo:

> O mundo, entendido material, social e faticamente, já é dado como objeto à razão. Mas o mundo, entendido fenomenologicamente, não é dado, pois, precisa ser constituído como objeto, ressignificado para ser apreendido de forma humanizada e não apenas explicado objetivamente. O mundo não é mero objeto do ponto de vista fenomenológico (SENRA, 2020, p. 171).

O campo em que o mundo sob o ponto de vista fenomenológico se desenvolve, diferente da atitude natural, sob o mote da abertura as vivencias intencionais da consciência, que explora toda e qualquer relação lógica e material no mundo, e neste meio, como o mundo não é entendido como mero objeto, como mero acaso ou mera causalidade é expressa a constituição fenomenológica de apreensão completa, como fundamentação objetiva e transcendental do mundo. Desse modo, a ressignificação que Husserl traz é a nova dimensão "renovada" epistemologicamente da fenomenologia em relação às demais instâncias mundanas, como a vida, seu desenvolvimento, sua gênese e *telos*, para a perspectiva fenomenológica, a

Digitalizado com CamScanner

grande dicotomia *espírito-natureza* não obtém sentido, pois na fenomenologia estes modos epistêmicos estão interligados e integrados, dando elementos a uma teoria da razão universal.

Deste modo, Husserl, assim como outros aspectos de suas ideias acerca da fenomenologia e de sua análise acerca da crise das ciências, esboça dessa forma, uma teoria do conhecimento, que faz um grande preambulo de fundamentação epistêmica em todas as áreas do saber, mais especificamente, nas humanidades, que ao estarem mergulhadas também nos ideais da atitude natural, que para Husserl é entendido como senso comum diante das coisas, assim, não puderam lograr as devidas resoluções para a manutenção das questões mais prementes da humanidade, ou seja, perdeu-se no seu próprio modo de dar-se ao mundo, à consciência, e as formas de conhecimento.

Nesta dimensão, a fenomenologia, enquanto método e ciência rigorosa está para superar as incongruências e irracionalidades da simples atitude natural, pois estas deram a humanidade as ferramentas, entretanto, não foram suficientes para dar o devido sentido ao ser humano, ocasionando a crise das ciências que é nada mais, nada menos que a deficiência nas ciências, em dar resoluções prementes e existenciais ao homem, assim sendo, Husserl "[...] situa essa crise não nos fundamentos teoréticos, mas no fracasso das ciências na compreensão do homem" (ZILLES, 2002, p. 30).O valor da fenomenologia nas ciências, se detém nesta perspectiva de dar o devido suporte de fundamentação e de investigação aprofundada acerca do significado para a humanidade.

Portanto, como fundamentação a fenomenologia estaria para a compreensão do mundo e de sua plena ressignificação de sentido para o homem moderno, que ao deixar-se levar por uma atitude materialista e natural, perde-se nas questões mais elementares de sua existência. Algo que na atitude fenomenológica, manifestadamente se tem como referência a busca da fundamentação, algo que seja puramente sedimentado, sujeito a revisões e auto compreensão. Ao perscrutar os meios em que está interligada a relação de mundo e consciência, Husserl se dá conta de que esta pertinente interação dá-se pelo *Lebenswelt*, tema sempre recorrente nas reflexões husserlianas e que na *Krisis* é de crucial importância, em que há de fato a permanente consciência universal, das experiências e das compreensões da transcendência do mundo.

> Na *atitude fenomenológica* trata-se de suspender nossa atenção nesse horizonte para ocupar-nos exclusivamente com o próprio mundo da vida, ou seja, como tem lugar para nós a permanente consciência da existência universal, do horizonte universal de objetos reais, efetivamente existentes. O objeto da investigação fenomenológica sobre o mundo não é tanto o ser do mundo quanto seu sentido. O interesse teórico da atitude fenomenológica dirige-se exclusivamente ao universo da subjetividade no qual se nos

Digitalizado com CamScanner

> dá o mundo como existente. A ciência do mundo da vida é a ciência da subjetividade, a ciência do universal como da preexistência *(Vorgegebenheit)* do mundo como fundamento de toda e qualquer objetividade. Contemplar o mundo a partir da nossa atitude fenomenológica significa vê-lo pura e exclusivamente do modo como adquire sentido e validade existencial em nossa vida de consciência e em configurações sempre novas. A ciência do mundo da vida tem, pois, por objeto o estudo da vida transcendental e de sua atividade constituinte (ZILLES, 2002, p. 32).

Para superar o ponto de vista da atitude natural, que além de ingênua é comparado ao senso comum, à atitude fenomenológica por outro lado é a esclarecimento que conduz às perspectivas novas no ato investigativo filosófico, pois como característica é o modo como adquire sentido existencial para a vida do ser humano que percepciona, problematiza e ressignifica a realidade e para isto, o fundamento fenomenológico é a base crucial de superação da crise da falta de sentido e fundamentos.

Com isso, a importância do método fenomenológico e da constituição de um modelo reflexivo rigoroso contempla o sucesso da fenomenologia enquanto ciência de fundamentos e de revisão, aprofundando acerca dos dados da realidade, pois não se restringe ao seu campo, mas transcende os limites do próprio ato de conhecer, sair da ingenuidade é clarear não somente as ideias, como a própria práxis cotidiana.

As ciências positivas tendem a um certo grau de ininteligibilidade, que ocasionam nos problemas de fundamentos e de paradoxos sem sentido. Cabe à postura puramente fenomenológica, estabelecer os horizontes de superação de qualquer crise em meio às ciências e a existência. Destarte "[...] há apenas uma 'autorreflexão' radical e esta é a fenomenológica. 'Autorreflexão' radical e completamente universal são inseparáveis e, ao mesmo tempo inseparáveis do método fenomenológico como 'autorreflexão' na forma de redução transcendental [...]" (HUSSERL, 2019, p. 164).

Deste modo, aproximando-se do final de nosso estudo, a vida que está no processo de dação todos os dias, não pode ser limitada a uma noção qualquer de cientificidade, mas um verdadeiro desnudamento, compreensão e vivência autêntica, seja com as formas de conhecimento, sejam nas dimensões de realização da cultura e de suas maneiras de se estabelecerem diante do progresso técnico científico.

Deve-se ter como modo central de estudo, os horizontes de entendimento, de crítica última do conhecimento, e neste meio de percepção tanto de ideias, como de coisas, o método fenomenológico deve ser o que permeia cada espaço de possibilidades de mudanças e renovações, na via cotidiana, na vida do ser humano, na realização prática e teórica o que se

Digitalizado com CamScanner

depreende é a formação cabal de uma nova humanidade, que mesmo repetindo os erros, ainda assim, pode compreender e subsumir seus atos de maneira que dê significado substancial às ciências e a própria vida.

> [...] a ciência reivindica para si poder justificar os seus passos teóricos e consiste em geral de crítica. Mas a sua crítica não é a crítica última do conhecimento, *i.e*., estudo e crítica das realizações originárias, desnudamento de todos os horizontes intencionais mediante unicamente os quais a 'capacidade' (*Tragweite*) das evidências pode ser enfim apreendida e, correlativamente, avaliado o sentido de ser dos objetos, dos construtos teoréticos, dos valores e fins. Daí é que surgem, e precisamente no elevado grau das ciências positivas modernas, os problemas de fundamento, os paradoxos, as ininteligibilidades (HUSSERL, 2019, p. 164).

Mesmo reivindicando esta valoração existente em sua elucidação, a ciência não tece uma crítica de desnudamento puro do conhecimento, mas sim, sobre si mesmo. Os problemas que surgem estão dentro das noções positivas de entendimento, que não perscrutam a verdadeira capacidade teorética, mas encerram-se em sua função particular, não abrindo espaços necessários para pensar o mundo sem ser um objeto a ser investigado somente, mas como realização plena de sentido e significado. Assim os fundamentos, as bases teóricas são deveras passiveis de incompreensões, pois não estão voltados para o real sentido teleológico, mas sim, sob noções particulares sem o devido meio de investigação assíduo e metódico. Como forma de ininteligibilidade, a ciência positiva retira de qualquer fundamentação, sua real função dando espaço apenas para reflexões superficiais.

A fenomenologia como força motriz de reflexão e investigação fundamentada, dá ao espaço das ciências, uma nova direção, um novo horizonte e consequentemente uma forma de empreender na humanidade, uma vivencia autentica, que seja valorativa e que não se esgota na mutabilidade espaço-temporal. Neste meio, como rigorismo acentuado e forma de pensamento único de revisão e autocompreensão, o horizonte fenomenológico demonstra para as ciências este novo panorama reflexivo e prático, uma ciência descritiva e redutiva, que conduz ao transcendentalismo que por sua vez, reorganiza e compreende todos os aspectos falhos da atitude natural, dando destaque ao *a priori* e também ao sensível, não como antagonistas epistêmicos, mas como partícipes da mesma compreensão, o mundo e o ser humano que o percepciona. Este caráter da fenomenologia é parte central de uma fundamentação absoluta do conhecimento, com abertura crítica para todas as realidades possíveis, como superação da ingenuidade da atitude natural.

Digitalizado com CamScanner

> Essa ciência total do *a priori* seria, então, o fundamento para autenticas ciências fáticas e para uma autentica filosofia universal em sentido cartesiano, uma ciência universal do ente fático a partir de fundamentação absoluta. Toda a racionalidade do fato reside, sim, no *a priori*. Ciência apriorística é ciência daquilo por princípios ao qual a ciência fática deve percorrer para, ao final, tornar-se ciência fundamentada precisamente por princípios; - apenas que a ciência apriorística não pode ser uma ciência ingênua, porem precisa haver surgido de fontes fenomenológico-transcendentais últimas e, assim, precisa ser configurada em um *a priori* omnilateral, que consiste de si mesmo e que se justifica a partir de si mesmo (HUSSERL, 2019, p. 166).

A característica primária da fenomenologia husserliana é a capacidade de auto avaliação, isso faz com que sua validade se estenda como norma de pesquisa e de construção fundamentada de conhecimento e, neste ínterim, põe a filosofia como mestra de reflexão e resolução aos problemas existentes nas cíclicas crises do conhecimento, que podem e devem ser superadas em virtude dos valores, cultura e conhecimento. O conhecimento *a priori* que não se detém em sua verdade absoluta, mas que se autocorrige e que busca justificação nesta investigação própria, saindo do campo de uma ciência ingênua, para o suprassumo da potencialização do conhecimento fenomenológico.

As ciências, sob os modos da via fenomenológica, têm em mãos um percurso que pode percorrer e que não tem em sua formação algum tipo de "dogmatismo", mas sim a capacidade de perceber-se, dar-se conta do mundo, suas mudanças e renovações, seja em âmbito humano, ou seja, espiritual, seja em aspecto natural, ou seja, da motricidade da natureza observada. Assim, como introdução ao método fenomenológico, a filosofia transcendental, a cientificidade embasada por esta fundamentação irá deter em si, a perspectiva de transformação acentuada da compreensão dos modos de entender o mundo e a consciência.

Aqui, não há divergências entre o empírico e o puramente racional, mas uma coadunação de pontos de vista que podem ser a base investigativa de qualquer conhecimento. A lógica, enquanto forma de pensamento correto, por mediação da analítica; o momento hilético, ou seja, o que se detém no material do tempo e espaço não efetuam sentido algum se não estiverem fortemente alicerçados na Fenomenologia Transcendental, que até chegar nela, o caminho é percorrido por questões de ordem substanciais e cabe ao fenomenólogo estabelecer o vínculo necessário entre ciência, mundo, consciência e fenomenologia como fundamento.

Estas características não resolvem a prática fenomenológica, mas dão uma devida observação panorâmica dos meios necessários para perceber e fundamentar todo e qualquer conhecimento. Este percurso só se deu não porque Husserl quisesse por abaixo as ciências positivas e a inclinação a atitude natural, mas para dar o devido sentido existencial àquele que

Digitalizado com CamScanner

habita e ressignifica o mundo, ou seja, a humanidade. Sob a ótica da crise, Husserl dá o devido valor ao mundo da vida, como conjunto absoluto das experiências e perscrutando como a perda dos fundamentos se deu nas ciências e na filosofia, chegando à resolução com o aspecto fenomenológico transcendental.

Husserl dá a filosofia, ou melhor, devolve a ela, seu horizonte reflexivo e a capacidade interpretativa de ser inserida nas questões mais elementares das ciências, não como mera comentadora, mas como a via por excelência e por fim, a fenomenologia como método, como modelo de justificação verdadeira, como radicalidade rigorosa para superar a atitude natural, uma filosofia, uma epistemologia fenomenológica que abrange tanto a espiritualidade, como também a própria naturalidade. Isto tudo, pelo método dado neste percurso, o método fenomenológico, o método de estar além do observado, de ir além ao que se entende, um verdadeiro retorno às coisas mesmas.

Digitalizado com CamScanner

5 CONCLUSÃO

O problema pensado e mensurado por Husserl acerca da crise nas ciências expôs para a tradição filosófica de seu tempo as verdadeiras implicações da atitude natural das ciências positivas. Toda a filosofia, assim como, todo progresso técnico estava dentro desta noção metodológica e por mediação desta via, o sentido final da razão para a vida do ser humano perde seu valor epistêmico e ético, algo perscrutado não somente nos escritos de Husserl, como também daqueles que seguiram suas ideias acerca das ciências, do mundo e da condição para poder conhecer.

Desse modo, o modelo metodológico husserliano esboça a natureza epistêmica de uma época que em meio à perda de sentido, e da função do conhecimento para a existência cria-se uma nova proposta reflexiva acerca do mundo e do ser humano, de uma ciência e de uma filosofia mais próxima da humanidade, de suas questões primeiras e ultimas.

Neste sentido, havendo seguido a via husserliana, a análise utilizada na pesquisa foi uma hermenêutica a partir da analítica em pensar e mensurar o ponto onde se situa o autor e os meios que levaram a crise e o esquecimento do mundo da vida pela tradição científica positiva. Aquilo que Husserl realizou enquanto projeto filosófico é a dedicação de uma vida inteira sob a perspectiva de dar a humanidade o necessário para pensar, livre de ingenuidades e incongruências metodológicas com a atividade exercida por ele de renovação. Isto posto, tivemos que retornar àquilo que era o sentido filosófico originário do pensamento; não a uma "ideologia frágil" ou "fácil", ou ainda, uma "busca metafisica", mas um diagnóstico premente das condições do conhecimento e sobre o desenvolvimento da autentica filosofia como ciência de rigor, ou seja, a Fenomenologia.

Como superação da problemática da crise a fenomenologia busca dar um sentido como método, um caminho embasado pela dúvida para chegar a uma verdade mais clara e onienglobante. Assim, o resgate da filosofia agora como ciência de rigor foi uma das partes tradas no trabalho, adentrando também nos aspectos do projeto filosófico de Husserl desta renovação cultural que diz respeito às ciências e à própria filosofia.

O método fenomenológico transcendental não é um resgate das filosofias anteriores, mas uma forma autêntica de pensar e fazer com que o ideal filosófico seja efetivo nas ciências, assim sendo, mesmo não tendo alçado à categoria de ciência, a filosofia sob os moldes de Husserl, adquire este caráter científico não como eram dadas anteriormente, mas com o viés

Digitalizado com CamScanner

fenomenológico, uma renovação original, seja metódica e, ou, logicamente. A fenomenologia de Husserl foi um divisor de águas na contemporaneidade, fazendo uso de seu próprio fundamento restaurou a noção de percepção ao transcender o objeto desde sua primeira acepção, tendo como referência a consciência e a intencionalidade, indispensáveis para as construções teóricas e práticas acerca do *mundo da vida*.

Mesmo com toda a novidade exercida pela filosofia husserliana, percebe-se que não há apenas conquistas, mas falhas também, pois muito do que se tem deve ainda ser entendido e explanado, pois há em sua investigação um forte apelo a um idealismo, sendo que sua proposta vai além desta noção, assim também, como seu projeto que em alguns momentos parecem ser hiperbólicos. Além da noção de sua análise nos dias atuais acerca das novas e cíclicas crises. De qualquer forma, a expertise de suas ideias, moldaram muitos a fazerem filosofia sob suas bases teóricas e metodológicas, personagens como Heidegger, Ponty, Ricoeur, Sartre, praticamente quase toda filosofia ocidental fora influenciada pela obra de Husserl, que aos poucos foi sendo "esquecido" entre os círculos acadêmicos, mas como fonte inesgotável, suas reflexões voltam a ser importantes, especialmente na realidade que a humanidade se encontra.

Hoje, mais do que antes, a fenomenologia de Husserl, não se restringe a filosofia, ou a psicologia, mas adentrou nas demais ciências de forma veemente e ativa para dar o suporte reflexivo acerca dos conceitos e modelos epistêmicos; como legado, a filosofia husserliana implica que o cientista, antes de ser um técnico de seu oficio, que seja antes um fenomenológico, ou seja, alguém que transcende o que lhe é dado, e dessa forma faz um retorno às coisas mesmas, não um retorno com olhar para o que passou, mas uma fundamentação autenticamente sustentada nos princípios da fenomenologia transcendental.

Husserl desenvolveu o caminho para muitas filosofias e modos de pensar a ciência, religião, a política, a consciência, ou seja, os aspectos da realidade que estão inseridos na condição da racionalidade humana. Ainda nestes tempos, tornou-se imprescindível uma crítica não mais às ciências, como se fossem nocivas ou desprovidas de fundamentação, mas sim, à cultura que não é adepta ao método científico que não deposita sua confiança nas descobertas e progressos e desse modo, acaba por desembocar em um negacionismo acerca do instrumento que em pouco tempo deu à humanidade, muito mais do que qualquer religião, qualquer noção política ou moral.

As ciências, sob o olhar de Husserl são o maior bem que a humanidade poderia constituir, sua crítica volta-se àquilo que fora a orientação natural, e nesse processo dá uma nova proposta a ser seguida, a construção das fundamentações que podem dar à humanidade, o

Digitalizado com CamScanner

arcabouço necessário para a saída da crise, ou seja, por meio da via fenomenológica que enquadra em sua análise todas as coisas, inclusive a consciência. O método fenomenológico é a conclusão de um processo lento e contínuo ao mesmo tempo, e nesta configuração, está à ciência e seu caminho.

A crise das ciências pode perdurar, seja no passado, no presente ou no futuro, pois a crise é cultural e está no seio da humanidade, com isso o tempo dará sua resposta e, neste meio, cabe àqueles que fazem filosofia e ciência, dar continuidade a superação, dando o retorno às coisas mesmas, mas agora, com outro ponto de vista, um retorno dos fundamentos originários do objeto investigado, seja ele na espiritualidade, ou sob os aspectos das naturalidades. A humanidade é acima de tudo, esta volição entre o conhecimento e o processo para este conhecer, e nisto é imprescindível atestar as mudanças necessárias para superar toda e qualquer incongruência que esteja suprimindo o desenvolvimento do conhecimento autêntico o qual a fenomenologia garante um conhecimento que perscruta todas as áreas, todos os meios e busca dar ao homem, o sentido *teleológico* à sua existência.

Em Husserl, buscamos a fundamentação necessária, por mediação do diagnóstico do que levou a humanidade a cair na crise, que mesmo sendo de pressupostos, enraíza-se na força da negação de sua eficácia, seja ela de cunho filosófico ou natural, e neste meio, a filosofia husserliana, mais do que tentativa, foi o marco central de refundação do pensamento ocidental, pois resgata as essências, os fundamentos e a renovação, e neste ínterim, algo deve ficar como norteador que moveu nosso estudo, a noção premente de renovação constante, seja nas ciências, como também, da filosofia, para superar a crise deve-se superar as ingenuidades e crenças nocivas a todo processo do conhecimento, e para isto, a fenomenologia transcendental, pode até não ser a fonte de resolução, mas sim, a via metodológica que conduzirá a superação.

Sobre a crise das ciências ela é uma perda de fundamentos práticos e teóricos das ciências para a humanidade, um distanciamento do valor epistêmico em pensar e refletir acerca da constituição das coisas, da cultura e do próprio homem. A humanidade se vê distante de seu ideal de conhecimento, pois a noção epistemológica de crise dar-se-á em detrimento de um cansaço intelectual, uma perspectiva que é percebida quando a razão e os demais meios de conhecimento passam a assumir uma postura instrumentalizada. Uma orientação puramente natural em que as coisas que residem no mundo, são decifráveis pela experiência como forma última do conhecimento.

Dessa forma, Husserl é averso a qualquer forma de naturalização do pensamento. E como maneira de pensar e refletir sobre as ciências, a filosofia como projeto científico rigoroso

Digitalizado com CamScanner

como parte da noção de retorno às coisas mesmas com um retorno ao *mundo da vida*, algo que as ciências positivas, levadas pela orientação natural distanciaram-se consideravelmente. A forma de pensar husserliana, não pretende desfazer a estrutura epistêmica, mas sim, um verdadeiro e pleno sentido existencial e cultural para a humanidade acerca do conhecimento, ou seja, o homem é ser de criação, ser de busca constante do conhecimento.

Isto posto, a crise é o conjunto de perdas de sentido *teleológico* seja do homem, da cultura, da epistemologia, da filosofia e, neste meio, das ciências como forma de explicar o mundo em sua completude, a visão positiva é limítrofe, direcionada a uma única perspectiva experimental, e em oposição a esta forma de explicar a realidade surge a fenomenologia husserliana, em que a noção mental está presente num grande exercício onienglobante sobre a realidade, as ciências e ao próprio ser humano cultural. A fenomenologia é a efetividade filosófica como ciência de rigor, dando dessa forma, uma concepção fenomenológica do entendimento, com os devidos questionamentos e vias para resoluções.

O papel da crise não é apenas ter um diagnóstico por si só, mas sim, um verdadeiro sintoma para se realizar uma mudança drástica e urgente àquilo que esteja fora do útil, fora da perspectiva da ação benéfica para as áreas do conhecimento. A orientação natural é esta perda de metodologias, tendo em vista a formação de um único modo de pensar sem questionamentos verdadeiros, pois as ciências modernas atingiram um vertiginoso progresso técnico, entretanto não é suficiente para elucidação e interpretação das noções de mundo.

A filosofia seria a forma primeira de pensar, de refletir, de interpretar e de criar os meios necessários para sair da crise, Husserl resgata assim, o valor fundante da filosofia, pois a crise é constada como um aniquilamento da razão, em detrimento de uma racionalidade puramente "técnica". Isto posto, a dimensão husserliana acerca das ciências e sua crise na modernidade é a constatação essencial do esquecimento do verdadeiro sentido das ciências, o de promover uma vida mais confortável ao homem.

A crise a qual Husserl se referiu em seu tempo delineou um roteiro avaliativo, e este mesmo ideal de avaliação abrange a humanidade atualmente, pois diferente da crise husserliana, a que a humanidade cultural vive atualmente, expandiu-se para a essência humana, ou seja, a crise atual é fruto do esquecimento do indivíduo acerca do conhecimento, do seu potencial e da ressignificação do processo histórico.

Nosso trabalho não se endereça a desconsiderar as ciências, mas ter em mente que o mundo enquanto objetivo e natural visto pela ciência, não pode ser explicado somente por esta

Digitalizado com CamScanner

noção, este modo de entender a realidade é um verdadeiro esquecimento do mundo da vida por essência, reflete e pensa sobre todas as coisas, portanto diante deste mundo objetivo é necessário voltar às essências; as essências que compõe, que geram os demais objetos no mundo. A crise é esta grande perda, não só de sentido da humanidade cultural, mas a perda dos fundamentos essenciais para compreensão da verdade. Isto posto, esta perda das essências dos fundamentos da verdade é o que corrobora cada vez mais a uma perda de sentido filosófico, histórico, crítico, científico e humano.

Digitalizado com CamScanner

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor W. **Para a metacrítica da teoria do conhecimento**. Tradução. Marco Antônio dos Santos Casanova. São Paulo: UNESP, 2015.

ALMEIDA, Rogério M. **A fragmentação da cultura e o fim do sujeito**. São Paulo: Loyola, 2012.

ALMEIDA, Rogério Miranda de. LETENSKI, Irineu. **Husserl:** a crise das ciências e o esquecimento do *lebenswelt*. Pelotas: *Dissertatio*, p. 63-80, 2015.

ALMEIDA, Rogério Miranda de. LETENSKI, Irineu. **A crise dos fundamentos das ciências modernas:** uma leitura a partir de Edmund Husserl. Piauí: Pensando – Revista de Filosofia, vol. 7, n. 14, p. 27-47, 2016.

BITENCOURT, Joceval Andrade. **Descartes e invenção do sujeito**. São Paulo: Paulus, 2017.

CARR, David. Translater`s Introduction. In. HUSSERL, Edmund. **The Crisis of European Sciences and Transcendental Phenomenology: An introduction to Phenomenological Philosophy**. Translator. David Carr. Northwestern University Press, 1970.

CÉSAR, Constança Marcondes. SANTOS, Célio William Araújo. A noção de crise em Husserl e a discussão acerca de sua superação. **Revista Estudos Filosóficos**. Nº. 10, p. 54-62. 2013.

CERBONE, David. **Fenomenologia**. Tradução. Caesar Souza. Petrópolis: Vozes, 2014.

DODD, James. **Crisis and Reflection: an Essay on Husserl´s Crisis of the European Sciences**. Kluer Academic Publisher, 2005.

DEPRAZ, Natalie. **Compreender Husserl**. Tradução. Fábio Creder. Rio de Janeiro: Vozes, 2019.

FREITAS, João S. Pereira. **Edmund Husserl: la filosofia como ciencia rigurosa**. Madri: Magisterio Español, 1979.

GADAMER, Hans-Georg. **Hegel, Husserl, Heidegger**. Tradução. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

HUSSERL, Edmund. **Phenomenology and the Crisis of Philosophy: Philosophy as Rigorous Science and Philosophy and the Crisis of European Man**. Translated. Quentin Lauer. New York: The Academy Library. 1970.

Digitalizado com CamScanner

HUSSERL, Edmund. **A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental: uma introdução à Filosofia Fenomenológica**. Tradução. Diogo Falcão Ferrer. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

HUSSERL, Edmund**. A ingenuidade da Ciência**. Tradução. Marcella Marino Medeiros Silva. São Paulo: *Scientiae Studia*, v. 7, n. 4, p. 659-667, 2009.

HUSSERL, Edmund**. A Crise da Humanidade Europeia e a Filosofia**. Tradução. Pedro M. S. Alves. In. HUSSERL, Edmund. **A Crise das Ciências Europeias e a Fenomenologia Transcendental**: uma introdução à Filosofia Fenomenológica. Tradução. Diogo Falcão Ferrer. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

HUSSERL, Edmund. **Meditações Cartesianas**: uma introdução à fenomenologia. Tradução. Fábio Mascarenhas Nolasco. São Paulo: Edipro, 2019.

HUSSERL, Edmund. **Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica**. Tradução. Márcio Suzuki. São Paulo: Ideias & Letras, 2020.

HUSSERL, Edmund. **A ideia da Fenomenologia**. Tradução. Marloren Lopes Miranda. Petrópolis: Vozes, 2020.

HUSSERL, Edmund. **Europa: Crise e renovação**. Tradução. Pedro M. S. Alves e Carlos Aurélio Morujão. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

LAUER, Quentin. **Introduction**. In. **Phenomenology and the Crisis of Philosophy: Philosophy as Rigorous Science and Philosophy and the Crisis of European Man** Translated. Quentin Lauer. New York: The Academy Library. 1970.

LETENSKI, Irineu. **Edmund Husserl e a crise das ciências europeias**. Curitiba: Dissertação de Mestrado, 2010.

MOSER, Paul K. **Realismo, Objetividade e Ceticismo**. In: GRECO, John. SOSA, Ernest. Orgs. **Compêndio de Epistemologia**. Tradução Alessandra Siedschlag Fernandes e Rogério Bettoni. São Paulo: Loyola, 2012.

MESQUITA, Lucas Mattos. **A ruína espiritual da humanidade europeia a partir da crise teórica dos fundamentos:** a denúncia de Edmund Husserl ao método positivo de evidenciação do real. Rio de Janeiro: Cadernos PET Filosofia, vol. 11, n. 21, p. 27-35, 2020.

MOHANTY, Jitendra Nath. **Edmund Husserl´s the Freiberg years 1916-1938**. New Haven: Yale University, 2011.

Digitalizado com CamScanner

OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. **Antropologia Filosófica Contemporânea**: subjetividade e inversão teórica. São Paulo: Paulus, 2012.

OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. **Reviravolta linguístico-pragmática na filosofia contemporânea**. São Paulo: Loyola, 2015.

PESSANHA, José Américo Motta. **Vida e obra**. IN. DESCARTES, René. **Discurso do método**. Tradução Enrico Corvisieri. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

PORTA, Mário Ariel Genzalez. **Edmund Husserl: Psicologismo, Psicologia e Fenomenologia**. São Paulo: Loyola, 2013.

SACRINI, Marcus. **A cientificidade na Fenomenologia de Husserl**. São Paulo: Loyola, 2018.

SACRINI, Marcus. O projeto fenomenológico de Fundação das Ciências. *Scientia Studia*. São Paulo, v. 7, n. 4, 2009.

SENRA, André Vinícius Dias. **Husserl e as Ciências**: a fenomenologia e os paradigmas atuais da epistemologia. Curitiba: CRV, 2020.

SILVA, Marcella Marino Medeiros. **Razão e historicidade no último Husserl**. São Paulo: *Scientiae Studia*, v.7, n.4, p. 653-658, 2009.

TOURINHO, Carlos Diógenes. Fenomenologia e Ciências Humanas: a crítica de Husserl ao Positivismo. **Revista Filosofia Aurora**. Curitiba, v. 22, nº. 31, p. 379-389, 2010.

TOURINHO, Carlos Diógenes. A consciência e o mundo na fenomenologia de Husserl: influxos e impactos sobre as ciências humanas. **Estudos em Psicologia**. Rio de Janeiro: V. 12, nº3, p. 852-866, 2012.

VARGAS, Carlos. **Para uma filosofia husserliana da ciência**. São Paulo: Loyola, 2019.

XIRAU, Joaquín. **Introdução a Husserl**. Tradução. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015.

ZAHAVI, Dan. **A Fenomenologia de Husserl**. Tradução Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Via Verita, 2015.

ZILLES, Urbano. **A fenomenologia husserliana como método radical**. In: HUSSERL, Edmund. **A crise da humanidade europeia e a filosofia**. Tradução. Urbano Zilles. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

Digitalizado com CamScanner